



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS 1
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

LUÍS FILIPE DE BRITO SANTOS

O TRABALHO VIVO: ATIVIDADE DOS SEPULTADORES DOS CEMITÉRIOS
PÚBLICOS

CAMPINA GRANDE

2021

LUÍS FILIPE DE BRITO SANTOS

**O TRABALHO VIVO: ATIVIDADE DOS SEPULTADORES DOS CEMITÉRIOS
PÚBLICOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Psicologia da Saúde – Mestrado, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Saúde.

CAMPINA GRANDE

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237t Santos, Luis Filipe de Brito.
O trabalho vivo [manuscrito] : atividade dos coveiros dos cemitérios públicos / Luis Filipe de Brito Santos. - 2021.
113 p. : il. colorido.

Digitado.
Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.
"Orientação : Prof. Dr. Edil Ferreira da Silva , Departamento de Psicologia - CCBS."
1. Ergonomia. 2. Organização de trabalho. 3. Sofrimento no trabalho. 4. Saúde do trabalhador. I. Título
21. ed. CDD 158.7

LUÍS FILIPE DE BRITO SANTOS

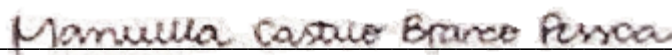
**O TRABALHO VIVO: ATIVIDADE DOS SEPULTADORES DOS CEMITÉRIOS
PÚBLICOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Psicologia da Saúde – Mestrado, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Saúde.

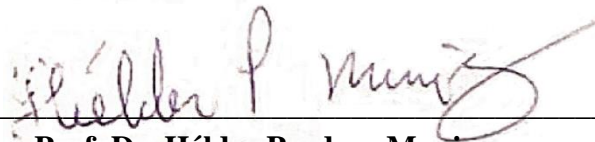
Aprovada em 24/ 03/ 2021



Prof. Dr. Edil Ferreira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba
Orientador



Prof.ª Dr.ª Manuella Castelo Branco Pessoa
Universidade Federal da Paraíba
Membro interno



Prof. Dr. Hélder Pordeus Muniz
Universidade Federal Fluminense
Membro Externo

CAMPINA GRANDE

2021

Dedico esse trabalho a Deus que me permitiu
chegar até aqui, minha família e meu
companheiro que sempre está ao meu lado em
todos os momentos. Vocês são as pessoas mais
importantes da minha vida e a quem eu
admiro.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

Ao meu orientador o Prof.º Dr.º Edil Ferreira da Silva por confiar e acreditar junto comigo neste trabalho e por todo auxílio e conhecimento prestado durante todo o processo de realização. Pela sua ética, amizade e digo interminável paciência.

Ao meu companheiro que mais do que ninguém entendeu minhas ausências durante as várias visitas feitas aos cemitérios públicos da cidade, as incontáveis noites durante a escrita do trabalho e pelas dicas e auxílios nos momentos que precisei e ele prontamente esteve presente.

A minha família por entender minha dificuldade de conciliar, trabalho, pós-graduação, família, relacionamento amoroso, vida social e afins. Serei muito grato por entender minhas ausências em diversos momentos tão importantes e que não pude comparecer.

A todos os professores membros do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde, pela ética, conhecimento, humanidade, carinho e paciência durante esse processo de formação extremamente desafiador.

A todos os colegas fisioterapeutas, psicólogos e professores que contribuíram de alguma forma durante todo esse processo.

Ao secretário municipal responsável pelos cemitérios públicos da cidade, aos gerentes responsáveis por cada cemitério e obviamente a categoria profissional pesquisada por mim, sepultadores, que cederam sua paciência, compreensão e confiança em todas as visitas e encontros que tivemos.

Obrigado por tornarem esse trabalho possível e tão importante não só pela alegria e realização ao ver sua finalização, mas, por toda contribuição científica e social que ele irá proporcionar.

RESUMO

Discorrer sobre a morte é, nesse contexto, também falar sobre o tempo, sobre a nossa relação com a passagem do tempo e a nossa finitude. Deste modo, escolhemos abordar a profissão de sepultador e todos os aspectos relacionados a sua situação de trabalho. Esta pesquisa teve-se como objetivo principal: analisar a situação de trabalho dos sepultadores e sua relação com o processo saúde-doença. Neste sentido, justifica-se a necessidade de estudos para darmos a devida representatividade a estes profissionais. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e tem como pressuposto teórico-metodológico a Psicodinâmica do Trabalho e a Ergonomia. A pesquisa foi realizada em cemitérios públicos do município de Campina Grande – PB. Utilizaram-se as técnicas de entrevista semiestruturada, observação do trabalho, aplicação de questionário sócio demográfico e diário de campo. Verificamos que os sepultadores estão expostos a condições de trabalho que podem levar a um adoecimento físico, bem como atuam em uma organização do trabalho que, também, pode produzir um sofrimento mental. Percebemos que estão expostos a fatores de risco físicos, químicos, bio sanitários, ergonômicos e sociais. Mesmo com as graves vulnerabilidades encontradas, a queixa principal dos entrevistados é o pouco reconhecimento da sociedade sobre a importância do trabalho do sepultador, que foi acentuada durante o período da pandemia da COVID-19, expondo ainda mais esses trabalhadores a agentes deletérios a sua saúde física e mental. Espera-se que os dados da pesquisa possam tirar a atividade dos sepultadores da invisibilidade e que propicie o seu reconhecimento merecido.

Palavras-chave: Trabalho e atividade. prazer e sofrimento no trabalho. saúde do trabalhador. ergonomia.

ABSTRACT

To talk about death is, in this context, also to talk about time, about our relationship with the passage of time and our finitude. In this way, we chose to address the profession of burial and all aspects related to his work situation. This research had as main objective: to analyze the work situation of the burials and its relation with the health-disease process. In this sense, the need for studies is justified in order to give these professionals the necessary representation. This is a qualitative research and its theoretical and methodological assumption is Psychodynamics of Work and Ergonomics. The research was carried out in public cemeteries in the city of Campina Grande - PB. The techniques of semi-structured interview, work observation, application of socio-demographic questionnaire and field diary were used. We found that burial workers are exposed to working conditions that can lead to physical illness, as well as working in a work organization that, also, can produce mental suffering. We realize that they are exposed to physical, chemical, biosanitary, ergonomic and social risk factors. Even with the serious vulnerabilities found, the main complaint of the interviewees is the lack of recognition by society about the importance of the gravedigger's work, which was accentuated during the pandemic period of COVID-19, further exposing these workers to agents that are harmful to their health. physical and mental. It is hoped that the research data can remove the activity of the invisibility burials and that it provides its deserved recognition.

Keywords: Work and activity. pleasure and suffering at work. recognition at work. ergonomics.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	CAPÍTULO 1 – ARTIGO 1: ORGANIZAÇÃO E CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS SEPULTADORES EM CEMITÉRIOS DE CAMPINA GRANDE/PB.....	28
3	CAPÍTULO 2 – ARTIGO 2: O TRABALHO SUJO E A MORTE: ESTIGMA E INVISIBILIDADE DO PROFISSIONAL SEPULTADOR.....	62
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
	REFERÊNCIAS.....	92
	APÊNDICES.....	96
	ANEXOS.....	104

1 INTRODUÇÃO

Diariamente convivemos com profissionais de diversas áreas de atuação e são poucas as vezes que nos atentamos para o trabalho que está sendo exercido por eles. Desde o momento em que saímos de casa, o trabalho de terceiros influencia nossa caminhada. A limpeza das ruas, os meios de transporte públicos, porteiros das instituições, ou seja, para cada serviço que utilizamos em nosso cotidiano é necessária à ação ou trabalho de um terceiro.

Algumas profissões não são acessadas diariamente, mas em algum momento de nossas vidas teremos contato de uma forma ou de outra. Dentre essas profissões, encontramos a do sepultador. Podemos afirmar ser um trabalho peculiar de modo que sua presença está relacionada com a morte de um conhecido ou ente querido.

Para compreender como a atividade de sepultadores se situa no contexto do trabalho na atualidade fizemos uma busca minuciosa por artigos que abordam essa temática. Utilizamos as seguintes palavras chaves nos buscadores: sepultadores, saúde do trabalhador, trabalho dos sepultadores, psicodinâmica do trabalho e sepultadores, trabalho sujo e ergonomia. O resultado do levantamento mostrou que existem poucas produções que analisam o trabalho dos sepultadores ou sepultadores de cemitérios. Dos artigos encontrados, grande parte é de contribuição da Psicologia. Essa constatação mostrou a necessidade de pesquisas que investiguem esse grupo de trabalhadores.

Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho e Emprego, o trabalho do sepultador é apresentado na categoria de trabalhadores auxiliares de serviços funerários. A descrição sumária das tarefas desse é: auxiliam nos serviços funerários, constroem, preparam, limpam, abrem e fecham sepulturas. Realizam sepultamento, exumam e cremam cadáveres, trasladam corpos e despojos. Conservam cemitérios, máquinas e ferramentas de trabalho. Zelam pela segurança do cemitério (Pierantoni & Varella, 2002).

A profissão cemiterial é um desses casos de anonimato social, pela relação que a mesma estabelece com o tema morte, o que por si só provoca afastamento social (Fraga, 2015). Apesar da sua clara necessidade para qualquer sociedade, quando a atividade cemiterial é finalizada os trabalhadores voltam a ser esquecidos e a sua profissão também (Souza & Boemer, 1998).

Os sepultadores fazem parte da categoria de trabalhadores de serviços funerários que, em geral, são invisibilizados e estigmatizados e em alguns casos até discriminados pelo fato de trabalharem diretamente com o fenômeno da morte. Tal situação ocorre porque o morrer não é

algo encarado com naturalidade pela sociedade em geral. Por outro lado, no momento em que a morte acontece, são estes profissionais que assumem papel fundamental para as questões administrativas e de organização dos serviços fúnebres (Cativo & Weil, 2015).

A possível estigmatização dos sepultadores pode abrir precedente para problemas graves, por exemplo: esquecimento, marginalização e abandono social, porque tudo que remeta ao fator morte não é bem encarado pela sociedade.

A invisibilidade social, que atinge também o grupo de trabalhadores dos cemitérios, dentre eles os sepultadores, foi bem demonstrada por Costa em sua tese de 2008 sobre garis. Segundo Costa, a invisibilidade pública – construção social e psíquica - tem a força de ressecar expressões corporais e simbólicas dos humanos então apagados. Pode abafar a voz e baixar o olhar. Pode endurecer o corpo e seus movimentos. Pode emudecer os sentimentos e fazer fraquejar a memória. A invisibilidade pública é fundada e mantida por motivações sociais e psicológicas, por antagonismos de classes mais ou menos conscientes, mais ou menos inconscientes (Costa).

Um aspecto importante relacionado a algumas das profissões ligadas ao tema da morte como, por exemplo, o sepultador, refere-se ao fato de elas serem vistas como um trabalho sujo (Ashforth & Kreiner, 2013; 2014). O conceito de trabalho sujo (*Dirty Work*) foi elaborado por Hughes (1951) e diz respeito àquelas ocupações laborais tidas como depreciadas, estigmatizadas e desprovidas de prestígio e visibilidade social. Segundo Ashforth e Kreiner (2014), profissionais como tatuadores, zeladores, açougueiros, prostitutas, coletores de lixo, dentre outros, são tidos como inferiores e sujos por desempenharem tarefas vistas como nojentas e depreciativas perante a sociedade. Ainda segundo estes mesmos autores, além desses profissionais, também podem ser citados aqueles que exercem atividades diretamente relacionadas à morte como, por exemplo, os sepultadores e outros agentes funerários.

O trabalho de uma forma geral está em constante transformação e nesse contexto o setor de serviços funerários passa por mudanças, principalmente pela criação de cemitérios privados e expansão dos crematórios. Porém, ainda é significativo o serviço funerário no âmbito público. No que diz respeito aos “serviços funerários”, os rituais funerários não são isentos de alguma relação financeira, frequentemente mediada pelas igrejas e suas irmandades. Porém, é na contemporaneidade que as características rituais tradicionais das práticas fúnebres se modificam no sentido de uma lógica que privilegia o mercado de serviços funerários. Os elementos que

circundam o morrer e a morte são transformados em produtos que seguem o padrão dos demais setores do comércio. Há a criação de necessidades de consumo na área funerária que se submetem à moda, ao império da novidade, ao quadro econômico, às flutuantes tendências do mercado, ao aumento do lucro e aos domínios da publicidade.

O lidar com a morte se modificou ao longo da nossa história. Durante a Idade Média, existia mais abertura para tratar do tema, e a morte era mais familiar e cotidiana, possuindo características de cerimônia pública. A expectativa de vida à época aliada a seu perfil epidemiológico fazia da morte evento mais frequente no cotidiano. De maneira que se desenvolvia maior familiaridade com a perda e com a finitude, que eram constantemente sinalizadas e lembradas. Posteriormente, assistimos ao processo de individualização e pessoalização do morrer, seguido por um momento em que a morte começa a ser encarada como uma ruptura, um acontecimento que retira o homem de sua vida cotidiana. A morte é levada à clandestinidade e tem início a dissimulação, de modo que todos os sinais de sua iminência são camuflados (Ariès, 2003; Elias, 1994; Huizinga, 2010).

Discorrer sobre a morte é, nesse contexto, também falar sobre o tempo, sobre a nossa relação com sua passagem, e a nossa finitude. Escrever sobre a morte é, também, abordar as diversas maneiras pelas quais se tem reagido a ela em diferentes realidades históricas; é refletir sobre a diminuição progressiva do espaço que se destina ao luto e ao sofrimento em nossa época.

Ao longo de décadas devido aos aspectos de saúde coletiva, em face da falta de cuidados com os procedimentos para enterrar os corpos, muitos dos cemitérios urbanos se tornaram áreas contaminadas, sendo motivos de preocupação e de intervenção dos órgãos ambientais e de saúde pública com o intuito de tornar este espaço público menos insalubre e perigoso para os trabalhadores e a população em geral.

Nesse sentido, os cemitérios que no passado estavam distantes da população, atualmente, acham-se no meio das cidades devido à urbanização acelerada e desordenada pelas quais estas passaram. Em um relatório publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), relata-se o impacto que os cemitérios podem causar ao meio ambiente, por meio do aumento da concentração de substâncias orgânicas e inorgânicas nas águas subterrâneas e a eventual presença de microrganismos patogênicos (Nascimento, 2020; Ucisik, Rushbrook, 1998, como citado em Carneiro, 2019).

No ano de 2020 a questão da contaminação nos cemitérios, devido à pandemia da COVID-19, retornou como questão de saúde pública. Considerando o alto risco de contaminação do novo Coronavírus que pode ser transmitido pela exposição ao sangue e fluidos corporais infectados, bem como objetos ou outras superfícies ambientais contaminadas, o Ministério da Saúde estabelece algumas normas de proteção individuais para os profissionais que lidam diretamente com o paciente contaminado ou com o cadáver (Brasil, 2020).

Tendo em vista que não se tem certeza de quanto tempo o novo Coronavírus permanece no cadáver após ser sepultado, e que os compostos orgânicos liberados no processo de decomposição dos cadáveres são degradáveis e causam um aumento da atividade de microorganismos no solo sob a área de sepultamentos, pode-se notar nesse processo um agravo quanto ao processo de contaminação e proliferação do vírus no ambiente das necrópoles (Nascimento, 2020).

Considerando a infraestrutura que existe ou faltam nas necrópoles brasileiras onde cerca de 15% a 20% apresentam incidência de casos de contaminação do subsolo e de água subterrânea com presença principalmente de Íons de Cloreto e Nitrato; Vírus e Bactérias; e a presença de Necrochorume, surge a necessidade de levantar novas questões quanto ao gerenciamento dos ambientes mórbidos principalmente nesse momento em que o mundo vivencia um dos maiores problemas de saúde ocasionado pelo novo Coronavírus que traz à tona a necessidade de discutir e refletir sobre essas questões (Nascimento, 2020).

Queremos, então, lançar a lupa sobre as situações de trabalho dos sepultadores dos cemitérios de Campina Grande para compreender como estes trabalhadores realizam sua atividade e todas as nuances de suas interfaces técnicas e sociais.

Quando se trata de trabalho é importante destacar que, segundo as teorias das clínicas do trabalho, falar apenas dos aspectos nocivos do trabalho, à psicopatologia, às origens e às manifestações do sofrimento no trabalho, é esquecer o poder de transformação positiva que o trabalho exerce na vida dos trabalhadores. Dessa forma, é indispensável discutir a relação sujeito-trabalho, levando-se em consideração a capacidade do sujeito de criar, reinventar, e superar as dificuldades colocadas pelo trabalho real, compreendendo os processos de resistência e superação por parte dos coletivos de trabalho (Silveira et al., 2014).

De acordo com Dejours (1992), a análise psicodinâmica das situações de trabalho dedica-se ao entendimento dos processos intersubjetivos e interativos que se desenvolvem nos locais de

trabalho. Esta abordagem entende que estudar as relações sociais existentes entre os trabalhadores no seu ambiente de trabalho torna-se pertinente para entendermos a subjetividade relacionada ao trabalho desses trabalhadores. Sendo assim, a mobilização e o engajamento que a organização do trabalho exige dos sujeitos é uma problemática primordial para o objeto de estudo da Psicodinâmica do Trabalho (Mendes, 2007).

Para a Psicodinâmica do Trabalho, o trabalho pode ser lugar tanto da saúde quanto da patologia, tanto do sofrimento quanto do prazer, sendo apresentado sempre com duplo papel: o trabalho pode ser estruturante como também pode adoecer, promover dignidade como também deteriorar e ser alienante (Dejours, 2011).

Dejours (1993), divide a organização do trabalho em: divisão das tarefas, em que alguns indivíduos definem por outros o trabalho a ser executado, os ritmos e o modo operatório; e divisão dos homens, a hierarquia, os níveis de supervisão e de comando que determinam as relações de trabalho. O espaço do trabalho exprime a identidade do indivíduo, sua personalização e a individualidade da organização. Então, o trabalho em si não é nocivo e perigoso; o que o torna assim é a maneira que este é organizado pelo homem.

O trabalho não é visto somente como um valor econômico e/ou instrumental, mas também como um valor cultural e uma dimensão estruturante na vida dos indivíduos. Por isso, o estudo sobre as condições de trabalho tem sido considerado necessário para a elaboração de indicadores sociais da qualidade de vida no trabalho (Blanch, 2003; Alvaro & Garrido, 2007). No entanto, o termo “condições de trabalho”, conforme assinala Ramos et al. (2002), tem sido empregado de forma inespecífica. Segundo esses autores, tal fato pode decorrer de as condições de trabalho ser um fenômeno complexo e referido nas publicações da Psicologia do Trabalho e das Organizações (PTO).

As primeiras pesquisas na PTO relacionadas às condições de trabalho foram desenvolvidas nos anos de 1920 por Elton Mayo, na Western Electric Company, e tinham como foco as questões físicas do trabalho, como os efeitos da iluminação sobre a performance dos trabalhadores (Muchinsky, 1993, 1994; Zanelli et al., 2014). Estudos subsequentes buscaram abordar outros aspectos, como estressores físicos, fadiga física, mental, laboral e das habilidades, acidentes de trabalho, entre outros e aspectos relacionados à vida pessoal do trabalhador (Muchinsky, 1993/1994). Mais recentemente, autores (p. ex., Prieto, 1994; Ramos et

al., 2002) buscaram romper com a tendência predominante na PTO de reduzir as condições de trabalho aos aspectos ambientais, ou seja, do entorno das tarefas.

Na concepção de Dejours (2004), a situação de trabalho tem repercussões sobre a saúde do trabalhador. A ausência de condições físicas, químicas e biológicas adequadas, determinado modo de organização do trabalho, que implica divisão técnica e social, ou seja, as tarefas, a hierarquia, o ritmo e jornada de trabalho, podem interferir de forma significativa sobre a saúde mental do trabalhador, podendo, desta forma, desencadear uma situação de sofrimento ou adoecimento psíquico.

Para compreender como esta dinâmica se desenvolve a Psicodinâmica do Trabalho aborda o trabalho em sua acepção prescrita e real. Para Dejours (2011), assentado nos conhecimentos trazidos sobre essa questão pela ergonomia da atividade, o trabalho prescrito é o conjunto de obrigações impostas aos trabalhadores pelos gestores para a execução de suas atividades de trabalho, em que o conjunto de prescrições tem o nome de tarefa. Já o trabalho real é a maneira criada pelo trabalhador para enfrentar as situações de trabalho, tais situações reais de trabalho são compostas pelas relações dos trabalhadores com os recursos disponibilizados pela organização e as pessoas envolvidas no processo de trabalho, sendo a tentativa de superar o prescrito do trabalho imposto pelas organizações.

O debate da Psicodinâmica do Trabalho com a Ergonomia trouxe à descoberta essas formas de compreender o trabalho, ou seja, a existência invencível entre a tarefa prescrita e a atividade real do trabalho. Esse hiato, passível de comprovação mesmo nas tarefas mais simples – aquelas avaliadas como de rigorosa execução – é distinta do intervalo mais conhecido, do campo da sociologia, entre organização formal e organização informal, em que esta dá ênfase sobre a relação constrangimento e autonomia, diante das relações de trabalho dos atores sociais nas organizações e instituições (Dejours, 2011).

Segundo Brito (2008), o “trabalho prescrito” indica toda dimensão do trabalho “a ser feito” que inclui os objetivos a serem atingidos e os resultados a serem obtidos, em termos de produtividade, qualidade, prazo; assim como métodos, procedimentos, ordens, instruções, protocolos, normas técnicas; e também toda a dimensão da divisão do trabalho. É o que encontramos ao nível da tarefa. Mas há também outra dimensão do trabalho que se articula a esta e que nos faz perceber que o trabalho inclui muito mais coisas do que aquelas que a prescrição procura abarcar. Estamos falando do trabalho real, ou seja, aquilo que efetivamente é feito para

cumprir com a tarefa, com a prescrição, com o “a ser feito”. É o que encontramos ao nível da atividade. Assim a tarefa é o que é prescrito pela organização do trabalho, ou seja, o que os trabalhadores devem fazer, enquanto a atividade é o que os trabalhadores realizam para “lograr” o prescrito.

Para a Ergonomia da Atividade, “o trabalho nunca é simples execução das instruções” (Daniellou, 2004). O trabalho é compreendido como uma das atividades humanas em que o objetivo é determinado socialmente assim como as normas e condições para sua execução, mas, o resultado do trabalho é sempre singular.

Segundo Guérin et al. (2001), “esse traço pode ter a ver com o conjunto de conhecimentos específicos, modos particulares de utilização das máquinas ou ferramentas, etc.”. A atividade de trabalho, portanto, consiste em gerenciar situações indeterminadas quanto ao seu possível fim em termos de confiabilidade, qualidade, saúde e segurança (Duraffourg, 1998). Essa gestão se dará em função de características singulares (história de vida, de trabalho na empresa, de saberes) e coletivas (construção de saberes, competências operatórias e valores) necessárias para dar conta da atividade (Mendes, 2014).

A partir da descrição do trabalho real e o prescrito sob a ótica da Psicodinâmica do Trabalho, podemos perceber a distância entre o trabalho prescrito e o real do trabalho. Esta diferença entre o prescrito e o real é uma afirmação que baseia as práticas ergonômicas, especialmente aquelas vinculadas à chamada “ergonomia da atividade” (Wisner, 1994).

Como a Ergologia aborda estes conceitos? A primeira proposição parte da constatação desta diferença e reafirma que o trabalho não é jamais pura execução. Entre o que é prescrito, mesmo por nós mesmos e o que é produzido quando começamos a fazer, há sempre uma distância, e isto é fundamentalmente universal. A segunda proposição afirma que, se esta distância é universal, ela é tendencialmente antecipável, mas jamais inteiramente antecipável (Schwartz & Durrive, 2003).

Tais proposições nos indicam que a diferença entre o trabalho prescrito e o trabalho real não se vincula apenas às inadequações das prescrições do trabalho. O trabalho não é pura execução porque ele é uso de si. Há sempre uso de si pelo fato de que estar vivo é reinventar maneiras de viver, de sobreviver, de viver em comum. Viver não pode ser pura execução. Não podemos imaginar nenhuma atividade de trabalho ou outra que não seja também uso de si, ou seja, a mobilização desta substância enigmática que a Ergologia nomeia o “si mesmo”. Essa é

uma afirmação ergológica fundamental. Não basta, portanto, que a produção utilize homens e mulheres, é preciso que estes homens e mulheres utilizem a si mesmos. O que quer dizer mobilizar em si mesmo a inteligência, a memória, o corpo. Este uso de si mesmo, deste corpo-si escapa a toda tentativa de antecipação e de quantificação. Trata-se de uma experiência de si mesmo e uma relação com a própria história (Schwartz & Durrive, 2003).

O trabalho prescrito vai além das prescrições, da característica do meio, considera também o que o trabalhador prescreve para si mesmo, como o indivíduo sofre influências do coletivo de trabalho uma variabilidade permanente e, nesse movimento, as emoções, seu corpo biológico, seu saber, as experiências e a sua história, bem como o modo com que as suas relações influenciam a realização do trabalho (Athayde, 2009).

As normas antecedentes orientam as atividades indo além das regras e regulamentos, considerando aspectos culturais, históricos e sociais que não são impostos e nem absolutos, sinalizam valores que tanto podem espelhar a preocupação com a afirmação da vida (é o caso da saúde, da educação, direito ao trabalho e ao ócio, da segurança, da preservação ambiental, da equidade etc.) como podem veicular interesses econômicos do tipo mercantil (Athayde, 2009).

O trabalho real, que se refere à atividade de um indivíduo singular, é a situação do ato do trabalho em si, e, sob a ótica da ergologia, a prescrição surge de uma ordenação desse trabalho.

Os autores que tratam desse conceito sinalizam para uma lacuna existente entre o prescrito e o realizado; para eles, esse “espaço vazio” requer um movimento próprio do trabalhador, que não pode tudo prever ou antecipar. Todavia, são necessários exercícios permanentes e motivação pessoal para conduzir as arbitrariedades impostas pela prescrição. Essa realização da atividade envolve uma *dramática do uso de si* e do *corpo-si*, um universo em que reinam normas de todos os tipos: quer sejam científicas, técnicas, organizacionais, gestonárias, hierárquicas, quer remetam a relações de desigualdade, de subordinação, de poder - há tudo isso junto”. A atividade envolve sempre uma dialética entre heterodeterminação (uso de si por outros), e singularização (uso de si por si)”, uma dramática de uso de si que envolve fatores “contraditórias e enigmáticos” (Schwartz & Durrive, 2010).

Entramos então na discussão sobre o coletivo de trabalho. Toda uma linhagem das ciências do trabalho considera que o coletivo de trabalho seja fundamental para o desenvolvimento das competências de quem trabalha, assim como para a construção de sua saúde e identidade (Guérin et al., 2005).

Como aponta Athayde (2007), os coletivos de trabalho podem adquirir modos de funcionamento variados, não estando limitados à operação presencial e conjunta na realização de uma tarefa, sendo uma de suas funções a ajuda nas tomadas de decisões, já que as trocas interindividuais permitem ajudar a resolução individual do problema.

Defende-se, aqui, junto a Dejours (1993), que “a cooperação é um elemento capital do sucesso da organização do trabalho... Não há coletivo sem cooperação”. Neste bojo o trabalho coletivo implica a reunião e mobilização das inteligências singulares no cerne de uma dinâmica coletiva comum. É no coletivo de trabalho que se constituem as regras de trabalho que são acordos normativos, referências comuns e estáveis (Dejours, 2012). Portanto, É em seu cerne que se dá a constituição não somente das regras técnicas, mas, também, as regras do viver junto.

Para Clot (2008), o coletivo de trabalho tem uma função primordial na manutenção e no desenvolvimento de um ofício, sendo condição para que alguém consiga realizar bem seu trabalho e aperfeiçoar seu estilo pessoal, incorporando e sendo incorporado pelo coletivo.

Quando a organização do trabalho se configura de forma a trazer sofrimento ao trabalhador, podemos discutir então as estratégias de defesa coletivas ou individuais que cada trabalhador produz ao se mobilizar para evitar um possível adoecimento. Cada organização do trabalho convida o sujeito a se mobilizar individual e coletivamente de maneiras específicas, e o estudo das defesas coletivas e individuais podem dizer muito sobre a organização do trabalho e o sofrimento, e essas são a rica matéria-prima da pesquisa e ação em Psicodinâmica do Trabalho. Contudo, para ele, a configuração sintomática é um reflexo maior das próprias características do paciente do que da natureza dos constrangimentos organizacionais que desencadearam tais sintomas (Dejours, 2011)

Os trabalhadores podem apresentar dificuldades para protestar quando, em algumas situações esses profissionais são mais desfavorecidos. Se o sujeito possui emprego é considerado privilegiado, logo não pode questionar, além disso, caso a remuneração seja alta, esse lugar de questionamentos é diminuído. O espaço reservado a discussões e questionamentos tem se tornado cada vez menor, abrindo espaço para situações dramáticas como jamais se viu antes, com tentativas de suicídio ou suicídios consumados no local de trabalho, indicando provavelmente o sofrimento e a falta de interlocutores para se tratar o tema (Dejours & Bégue, 2010).

Segundo Seligmann-Silva (2011), logo que a relação do sujeito com a organização do trabalho fica bloqueada, inicia-se o processo de sofrimento. Tendo em vista que a abordagem

científica da Psicodinâmica do Trabalho considera que os trabalhadores permanecem sujeitos de seu trabalho independentemente das circunstâncias, logo eles são capazes de reagir e se defender frente ao sofrimento, tanto na esfera individual com os mecanismos de defesa individuais, quanto na esfera coletiva com as estratégias coletivas de defesa.

Tanto os mecanismos de defesa individuais quanto as estratégias coletivas de defesa têm como objetivo principal minimizar a percepção que os trabalhadores têm do sofrimento. Contudo, a diferença fundamental entre eles é que o mecanismo está relacionado à estrutura psíquica do indivíduo, persistindo mesmo sem a presença física de outros, enquanto a estratégia sustenta-se por um consenso ou um acordo partilhado pelo coletivo de trabalho, logo dependendo de condições externas (Dejours & Abdoucheli, 1990).

Os mecanismos de defesa individuais são fortemente singularizados em função do passado, da história e da estrutura de personalidade de cada sujeito (Dejours & Abdoucheli, 1990). Esses modos de enfrentamento do sofrimento são importantes para a saúde mental dos indivíduos na medida em que combatem as pressões patogênicas da organização do trabalho, apesar da possibilidade dos trabalhadores tornarem-se insensíveis àquilo que os faz sofrer. Dessa forma, os sujeitos com sofrimentos únicos e particulares podem unir-se para construir e combater esse sofrimento, através de estratégias comuns ao grupo.

As estratégias coletivas de defesa são explicadas por Mendes (2007) como regras de conduta construídas e sustentadas pelos trabalhadores, de modo que eles suportem o sofrimento sem adoecer, e que são caracterizadas pela sutileza, engenhosidade, diversidade e inventividade. Na maioria das vezes, essas estratégias defensivas são formadas em consenso pelo grupo de trabalhadores, existindo um acordo tácito de todos os membros na manutenção da defesa, para que ela não se rompa e quebre o equilíbrio gerado pela própria estratégia (Mendes et al., 2007). Além disso, as estratégias coletivas de defesa são únicas e singulares para cada situação de trabalho, generalizar essas situações é um erro.

Assim como os mecanismos de defesa individuais, as estratégias coletivas de defesa também são essenciais para a saúde mental dos trabalhadores. Todavia, ao se transformarem em ideologia defensiva, essas estratégias podem ainda conduzir à alienação das verdadeiras causas do sofrimento. Isto quer dizer que quando as estratégias coletivas de defesa deixam de ser consideradas como modos de enfrentamento do sofrimento e passam a ser vistas como promessa de felicidade, é neste momento que surge o risco de alienação (Dejours & Abdoucheli, 1990).

Segundo a abordagem da Psicodinâmica do Trabalho, as estratégias individuais, coletivas e de mobilização coletiva, são utilizadas nas situações de trabalho, não contemplando outras formas de enfrentamento, também necessárias e importantes, que envolvem outras dimensões como as judiciais, sindicais, familiares e sociais.

Mas, é importante destacarmos que o trabalho também é fator produtor de prazer ao trabalhador, discutimos que a organização do trabalho em muitas situações é gerida externamente de forma que pode provocar o possível adoecimento do trabalhador, mas, ela também é ambiente de produção de prazer, reconhecimento e valorização do trabalhador.

O trabalho é caracterizado como fonte de prazer e sofrimento pela abordagem científica da Psicodinâmica do Trabalho. Segundo Mendes et al. (2004), o prazer-sofrimento no trabalho constitui um construto dialético no qual se busca a proteção contra o sofrimento e a geração do prazer. Como a subjetividade do próprio trabalhador influencia suas percepções acerca das vivências de prazer-sofrimento (Ferreira & Mendes, 2001), o que é considerado como sofrimento para uma pessoa pode representar prazer para outra e vice-versa. Assim, é possível inferir que os sujeitos trabalhadores experimentam tanto vivências de prazer quanto vivências de sofrimento no trabalho e não apenas prazer ou apenas sofrimento.

O sofrimento no trabalho surge quando não é mais possível a negociação entre o sujeito e a realidade imposta pela organização do trabalho (Mendes, 2007). Ou seja, quando não há mais rearranjo possível da organização do trabalho pelo trabalhador, inicia-se o sofrimento. A partir desse confronto entre o desejo do trabalhador e a organização do trabalho origina-se a carga psíquica do trabalho, a qual será tanto maior quanto menor for a liberdade de organização do trabalho (Dejours, 1980).

Para Dejours (1994), as cargas de trabalho dividem-se em cargas físicas e mentais. Na carga mental há uma mistura de fenômenos de ordem neurofisiológica e psicossociológica. Porém, o autor reserva para a carga psíquica os fenômenos de ordem psicossociológica, quer seja, os elementos afetivos e relacionais das situações de trabalho. Considera, também, que a carga psíquica pode ser positiva ou negativa. Positiva se o trabalho permite sua diminuição, ou seja, que haja uma via de descarga da energia psíquica aberta. A carga é considerada negativa se o trabalho não permite a descarga da energia psíquica que se acumula, traduzindo efeitos negativos (astenia e fadiga). Concluindo, a carga psíquica positiva, segundo o autor, está diretamente relacionada ao trabalho equilibrante e a carga negativa, ao trabalho fatigante.

De acordo com (Antloga et al., 2012), as vivências de sofrimento estão associadas à divisão e padronização de tarefas, à subutilização do potencial técnico e da criatividade, à rigidez hierárquica, à falta de participação nas decisões, à falta de reconhecimento profissional, à ingerência política, à centralização de informações, à pouca perspectiva de crescimento profissional e ao individualismo entre colegas de trabalho. Antes da manifestação do mal-estar no trabalho, o sofrimento antecede essa manifestação e pode-se perceber esse sofrimento através da identificação de sintomas bem claros e objetivos no trabalho como, por exemplo: insatisfação, ansiedade, sentimentos de indignidade, de inutilidade e de desvalorização e desgaste no trabalho (Castro Silva, 2006).

Quando o trabalho funciona como uma fonte de prazer ele permite que o trabalhador crie estratégias através das quais possa dominar o seu trabalho ao invés de ser dominado por ele (Mendes, 2007). Desse modo, o trabalho saudável e prazeroso é caracterizado pelo respeito e reconhecimento de cada trabalhador, de suas limitações e particularidades, que conduz a um processo de comprometimento, criatividade e um trabalho de alta qualidade (Seligmann-Silva, 2011).

Dejours (2011), acrescenta que nem todo momento às tarefas são repetitivas e antissublimatórias, com penosas implicações para os trabalhadores e seus familiares. Existem ocasiões inteiramente oportunas ao prazer. E que por este motivo mesmo, devido aos ganhos obtidos no registro da identidade conquistada na sublimação, são vastamente favoráveis à saúde mental e somática dos indivíduos.

O estudo da sublimação à luz da Psicodinâmica do Trabalho indica que o trabalho pode exercer uma função de notoriedade na construção da identidade, ou seja, na constituição do que concebe a própria base da saúde mental e somática. Diante disso, aparecem duas implicações: o trabalho não é impreterivelmente um infortúnio, pois pode também ser um operador de saúde, em que, devido ao trabalho, algumas pessoas permaneçam mais bem situadas em sua identidade do que se não trabalhassem. E outra é que para determinados sujeitos, a relação no trabalho pode mesmo virar a viga mestra da saúde e da identidade (Dejours, 2011).

Alternativamente, quando as situações geradoras de sofrimento podem ser transformadas, abre-se caminho para o prazer no trabalho. Nessa perspectiva, Dejours (1993) apresenta o conceito de mobilização subjetiva, que consiste no processo através do qual o trabalhador se engaja no trabalho, quando o trabalhador se apropria de sua subjetividade, coletivo de trabalho e

inteligência para transformar as situações que possam causar sofrimento. Assim, enquanto os mecanismos de defesa individuais e as estratégias coletivas de defesa têm como alvo principal minimizar a percepção do sofrimento, a mobilização subjetiva implica a ressignificação das situações geradoras de sofrimento em situações geradoras de prazer (Mendes, 2007).

Quando se sente reconhecido o trabalhador se sente aceito, admirado e tem liberdade para expressar sua individualidade nas situações de trabalho, podendo de fato usufruir do trabalho como espaço para constituir, para se expressar e não só produzir para sobreviver, alienando-se ao desejo de produção do sistema. Os elementos constitutivos dessa mobilização são: solidariedade, confiança, cooperação e pressupõe a existência de um espaço público da fala e da promessa de equidade quanto ao julgamento do outro. O trabalhador se mobiliza e se engaja no trabalho pelo seu poder, negociando, pressionando e se apropriando ou rejeitando as regras do coletivo de trabalho. Sua ação inscreve-se sobre uma dinâmica de troca que cujo efeito é garantir a consecução dos seus objetivos e do coletivo de trabalho.

O reconhecimento é a forma da retribuição simbólica diante da contribuição do sujeito, pelo engajamento de sua subjetividade e engenhosidade no trabalho, apresentando-se em duas dimensões: reconhecimento no intuito de constatação, que é a contribuição individual à organização do trabalho, e o reconhecimento no sentido de gratidão pela contribuição dos trabalhadores dada à organização do trabalho.

A retribuição passa por provas rigorosas do trabalho realizado, que dizem respeito aos julgamentos enunciados pelas pessoas presentes no gerenciamento do coletivo e do trabalho. Os julgamentos referem-se sobre o fazer, sobre a atividade, e não sobre a pessoa do trabalhador. Salientam-se duas formas de julgamento: o julgamento de utilidade é aquele enunciado pelos chefes, subordinados e clientes, e que atribui ao fazer do trabalhador sua afirmação no ambiente de trabalho, e o de beleza é aquele enunciado pelos pares e que possibilita ao trabalhador o sentimento de pertencimento a um grupo profissional e à originalidade de seu trabalho (Dejours, 1997).

Deste modo, identificar produções brasileiras construídas na atualidade sobre as condições e organização do trabalho e seus impactos na saúde de sepultadores, torna-se importante para que discussões posteriores possam identificar e responder lacunas que contribuam para melhores situações de trabalho para esses trabalhadores.

Abordar o trabalho dos sepultadores possibilita que esta profissão seja mais conhecida, dando voz aos sepultadores e podendo identificar suas condições e organização do trabalho. Profissões como a de sepultador que se encontra a margem da sociedade, esquecidas por lidarem com questões bastante complexas como a morte merecem um olhar diferenciado da sociedade e da academia.

Quando Fraga (2015) fala que a discriminação com a profissão se dá pela relação e contato que esta detém com dejetos ou cadáveres, fica clara essa estigmatização, visto que, essa relação de contato com cadáveres é uma relação de total repugnância e estranheza. Considerado o objeto de trabalho, neste caso o corpo morto, inferior, impuro, infecto, indigno e intocável.

Toda essa negligência social produz resultados nocivos ao trabalhador, como mostrou Cativo et al. (2014). Estes autores defendem que, barreiras impostas pela sociedade faz com que o trabalhador vivencie a precarização nas suas formas de trabalho, logo, essa precarização reflete no modo de vida com o qual ele reproduz sua existência, fazendo com que suas potencialidades humanas não sejam desenvolvidas, impondo barreiras para o seu desenvolvimento social, intelectual e humano.

Esta invisibilidade social é responsável por possíveis agravos à saúde do trabalhador, potencializado pela desvalorização profissional sentida pelos trabalhadores, que tende a aumentar quando estes se comparam com outras profissões que também lidam com a morte, mas, apesar de tudo, mantêm-se mais afastadas dela, como médicos, paramédicos, peritos médicos legais e agentes funerários (Fraga, 2015).

Toda essa invisibilidade foi agudizada pelo cenário pandêmico que o mundo vive. A alta demanda de enterros nos cemitérios públicos e a real possibilidade de contaminação por parte das pessoas tornou esse profissional ainda mais invisível para a sociedade e vulnerável diante dos riscos. No novo normal, familiares não podem se reunir para sepultar seus mortos, apenas um pequeno número de pessoas pode velar seus entes queridos. A ordem dada pelas autoridades públicas foi para que os sepultamentos fossem realizados de imediato após a chegada do caixão ao cemitério e toda manifestação religiosa fúnebre estava proibida para evitar aglomerações. Aqueles que realmente pegam e ficam próximo do caixão são os profissionais funerários, incluindo os sepultadores.

Segundo informações colhidas nos contatos que mantivemos com a prefeitura de Campina Grande durante a pandemia, a ordem era: sepultamentos rápidos, pouco contato com os familiares e

cuidados com o uso de equipamentos e a higienização. Portanto, uma preocupação maior com as condições de trabalho e com o fornecimento dos EPIS necessários para que o sepultador pudesse exercer sua tarefa com proteção adequada. Entretanto, essa situação colocou os sepultadores ainda mais a margem da sociedade e bem menos vistos e lembrados pela sociedade.

Meu interesse nesta temática se deve a possibilidade de evidenciar o contexto de profissões ditas “marginalizadas” e/ou “esquecidas” pela sociedade, bem como que possuem condições de trabalho extremamente precárias. Em visitas informais aos cemitérios públicos de Campina Grande foi possível verificar questões relacionadas às condições de trabalho e aspectos organizacionais do trabalho destes profissionais que merecem ser melhor compreendidas a partir de um olhar da ciência. A inserção no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde possibilitou lançar este olhar na perspectiva de compreender o processo saúde-doença destes trabalhadores.

Minha trajetória e interesse nesta temática de estudo perpassa pela minha formação acadêmica. Sou formado pela UEPB em Fisioterapia e durante toda a graduação a minha formação resultou em trabalhos de extensão e iniciação científica em temáticas voltadas aos trabalhadores, em específico àqueles tidos como “marginalizados” pela sociedade. Percebi que pesquisas no âmbito do campo da saúde do trabalhador eram inúmeras, porém, profissões como a de sepultadores, garis, agentes funerários, recicladores, maqueiros... eram esquecidas também pela literatura científica, informação comprovada durante um levantamento bibliográfico realizado. Então a pergunta que surgiu foi: por que pesquisas que evidenciem esses profissionais são quase inexistentes? Dessa forma, vi a necessidade de me debruçar sobre este grupo profissional para produzir este trabalho com vistas a municiar a sociedade com a informação necessária e importante que a profissão de sepultador merece.

Esta pesquisa utiliza como base teórico-metodológico a Psicodinâmica do Trabalho que possui como método de ação e intervenção a clínica do trabalho, permitindo abordar os processos subjetivos individuais e as estratégias coletivas mobilizadoras, concebendo a escuta como mecanismo privilegiado de assimilar a subjetividade dos indivíduos e expor os conteúdos latentes (Dejours, 2007).

Foi utilizado, também, aportes metodológicos da Análise Ergonômica do Trabalho - AET – que é uma Intervenção, no ambiente de trabalho, para estudo dos desdobramentos e consequências físicas e psicofisiológicas, decorrentes da atividade humana no meio produtivo.

Consiste em compreender a situação de trabalho, confrontar com aptidões e limitações à luz da ergonomia, diagnosticar situações críticas à luz da legislação oficial, estabelecer sugestões, alterações e recomendações de ajustes de processo, ajustes de produto, postos de trabalho, ambiente de trabalho.

Quando se desenvolve uma ação ergonômica, buscam-se elementos que nos permitam transformar o trabalho, e também, produzir conhecimentos. Esta análise procura mostrar as situações da tarefa e da atividade, abrangendo, dentre outros fatores: o posto de trabalho, a organização do trabalho e as posturas. Verifica, também, “as características do ambiente (principalmente quanto ao conforto térmico, conforto acústico e iluminação), método de trabalho” (Couto, 1995, p.374).

A AET busca estabelecer uma aproximação no que se refere à compreensão geral de problemas relacionados com a organização do trabalho e seus reflexos em prováveis ocorrências de lesões físicas. A AET permite investigar o trabalho real do sujeito, respeitando a sua variabilidade, assim como a situação de trabalho e dos instrumentos.

Com base em tais considerações optamos por desenvolver uma pesquisa qualitativa, na qual a coleta de dados abrangeu a observação do trabalho e entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistados profissionais de 03 cemitérios públicos, totalizando 06 sepultadores, obedecendo ao critério de saturação. Em Campina Grande, há 08 cemitérios públicos. Além do mais, optamos por analisar os relatos colhidos por meio da análise dos núcleos de sentidos por nos proporcionar a interpretação e compreensão em profundidade da realidade social apresentada.

Inicialmente contatei a prefeitura de Campina Grande com o objetivo de informar sobre o meu interesse de pesquisa e conseqüentemente a anuência da secretaria responsável pelos cemitérios. Foi me dado o levantamento de cada cemitério público da cidade com seus respectivos sepultadores. Em seguida iniciei as visitas aos cemitérios, cada um dos três cemitérios investigados, foi visitado inúmeras vezes durante a pesquisa com o intuito de compreender a dinâmica do trabalho realizado pelos sepultadores em seu aspecto mais geral. É caracterizada como qualitativa pelo fato de buscar identificar dados nas vivências subjetivas do coletivo de trabalhadores e, além disso, sobre o modo de organização do trabalho e seus efeitos para com a saúde psíquica (Lancman & Sznelwar, 2011).

Foi feita uma adaptação da técnica de análise do trabalho da PDT, já que para esta abordagem as vivências subjetivas do trabalho devem ser remontadas a partir de encontros de

discussão coletivas. Devido às dificuldades em reunir os sepultadores em um mesmo local foram feitas entrevistas semiestruturadas com o objetivo de compreender as situações de trabalho vivenciadas pelos mesmos. Neste sentido, foi realizada mais de uma entrevista com cada trabalhador, cada sepultador foi submetido a quatro momentos de entrevistas e todos os seis participaram desses momentos que objetivou levantar aspectos da organização do trabalho que podiam ter interferência na saúde mental desses trabalhadores.

Na observação do trabalho realizada nos cemitérios acompanhei de perto em vários momentos o cotidiano destes trabalhadores, desde a sua chegada ao local de trabalho, até a realização dos sepultamentos, preparação do terreno, produção das gavetas, limpeza do ambiente, enfim, durante todo o momento que envolveu seu ciclo de atividades. Inicialmente apenas com análises observacionais para entender o que se faz e como é realizada sua atividade, a posteriori, iniciei as entrevistas semiestruturadas com cada um deles, repetidas vezes para obter informações mais detalhadas sobre o fazer de cada. Cada um dos sepultadores foi submetido a 4 momentos de entrevistas cada um deles, sempre discutindo de modo geral as mesmas questões e outras que surgiam a medida que a conversa avançava.

Destacamos que as questões foram discutidas, levando em consideração a vivência dos trabalhadores, principalmente, nas relações de trabalho. Foram abordadas as questões que diz respeito a organização do trabalho, a mobilização subjetiva na atividade, as relações intersubjetivas, o reconhecimento do trabalho, a estigmatização da profissão de sepultador, o significado da profissão e a visão que cada trabalhador possui de si mesmo ocupando uma atividade como a de sepultador.

Verificamos, também, o enfrentamento do sofrimento causado no trabalho, gerado pela marginalização social e outros aspectos do trabalho; as estratégias mais eficazes para enfrentar a tarefa de lidar com a morte, bem como aquelas para combater a invisibilidade social e a estigmatização atrelada ao trabalho de sepultador e assegurar a sua saúde.

Os dados dos questionários foram analisados de forma descritiva. Em relação às entrevistas, após sua transcrição e discussão nos momentos de orientação, utilizamos o método de Análise do Núcleo de Sentido (ANS), apresentada por Mendes (2007), que se referenciou na análise de conteúdo categorial de Bardin (1988), priorizando os aspectos reais e simbólicos da interação do sujeito com o seu contexto de trabalho. Esse procedimento de análise permite

apreender nos discursos dos participantes os sentidos e os significados, aproximando da dimensão subjetiva dos sujeitos.

Tivemos que interromper a pesquisa de campo, pois, necessitei me ausentar por questões médicas durante alguns meses. Antes mesmo de minha total recuperação, fomos surpreendidos com a pandemia do novo Coronavírus que impediu novamente o retorno do contato presencial com os sepultadores. Durante a escrita da dissertação surgiu a necessidade de retornar o contato com esses profissionais por meio telefônico para obtermos mais informações pertinentes a pesquisa e sobre a nova realidade pandêmica que esses profissionais estavam diretamente expostos. Objetivávamos entender de que forma a pandemia do novo Coronavírus estava interferindo e mudando a realidade dos cemitérios públicos e dos sepultadores.

Entrei em contato com o gerente geral dos cemitérios públicos da cidade de Campina Grande/PB solicitando a permissão para contato telefônico com os sepultadores para obtermos essas informações. Após a anuência do gerente geral contatei os mesmos 6 sepultadores que foram entrevistados anteriormente na pesquisa e na oportunidade expliquei a necessidade do contato, tendo a oportunidade de inquiri-los acerca das seguintes questões: seu trabalho sofreu alguma mudança nesse momento de pandemia? De que forma esse trabalho foi modificado? Que cuidados você está tomando durante o seu trabalho hoje que não utilizava antes da pandemia? Houve aumento da sua carga de trabalho? Se sim, essa nova carga de trabalho está afetando a sua saúde de alguma forma?

Esta pesquisa teve-se como objetivo principal: analisar a situação de trabalho dos sepultadores e sua relação com o processo saúde-doença. Teve como objetivos específicos: Identificar as condições de trabalho dos sepultadores; Analisar como se efetiva a organização do trabalho dos sepultadores; traçar o perfil dos sepultadores dos cemitérios de Campina Grande; Verificar como a atividade de sepultadores repercute sobre a saúde mental; identificar de que forma esses trabalhadores se veem percebidos pela sociedade; verificar como a pandemia afetou as situações de trabalho.

Esta pesquisa se insere no esforço de trazer à tona o trabalho daqueles que lidam com a morte ou de categorias de trabalho classificadas como “sujas”, cujos estudos são escassos. Neste sentido, necessitam serem abordados e estudados para darmos a devida representatividade a esta categoria profissional, pois se trata de uma profissão que detêm sua importância para a sociedade, mas que ao longo da história tende a ser invisibilizada socialmente.

Esta dissertação está organizada a partir desta introdução, possuindo mais dois artigos. O primeiro denominado como “Capítulo 1” aborda a organização e condições de trabalho dos sepultadores nos cemitérios de Campina Grande - PB. O segundo artigo, denominado como “Capítulo 2” trata sobre o estigma e a invisibilidade do profissional sepultador. A dissertação é complementada pelas considerações finais que procura fazer uma amarração dos dados dos dois artigos em face dos objetivos da pesquisa. Fechando a dissertação temos as referências, os apêndices e anexos.

2 CAPÍTULO 1 - ARTIGO 1: ORGANIZAÇÃO E CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS SEPULTADORES EM CEMITÉRIOS DE CAMPINA GRANDE - PB.

Introdução

É perceptível a falta de reconhecimento social que algumas profissões possuem na atualidade, bem como a precariedade a qual estão expostas comprometendo assim o processo saúde doença desses profissionais. Alguns autores denominam estas atividades de repugnantes, como no caso daquelas que estão relacionadas à morte. Incluímos neste contexto o trabalho dos sepultadores ou sepultadores que desenvolvem seu fazer nos cemitérios.

Para Fraga (2015), a profissão cemiterial é um desses casos de anonimato social, pela relação que a mesma estabelece com o tema morte, o que por si só provoca afastamento social. O trabalho dos profissionais que lidam com a morte se tornou ainda mais perigoso e invisível neste período de pandemia pela qual estamos passando. É de conhecimento público o número alto de mortes de pessoas com COVID-19 no ano de 2020. Em face disso, as solenidades de sepultamento nos cemitérios se tornaram frequentes, porém com um mínimo de pessoas e com mais riscos para os sepultadores.

Para aprofundar o conhecimento do trabalho dos sepultadores fizemos um levantamento da literatura sobre o tema, no período de junho e julho de 2018, através de busca eletrônica de artigos indexados com os assuntos “condições de trabalho” e “sepultador” em três bases de dados brasileiras de livre acesso: *Google acadêmico* (scholar.google.com.br), *Scielo* (www.scielo.br) e a *Biblioteca virtual em saúde* (bvsalud.org/sobre-o-portal). O que resultou da busca foram 9 artigos científicos que se enquadravam nas palavras chaves utilizadas. Verificamos que boa parte dos trabalhos acadêmicos que abordam a temática saúde do trabalhador de profissionais sepultadores é de competência de estudantes de graduação e pós-graduação *stricto sensu*. Os trabalhos abordavam questões de invisibilidade social, condições de trabalho destes profissionais e adoecimento psíquico.

No trabalho de Pêgas, Santos, Guijarro & Poveda (2009), os autores falam que os cemitérios por apresentarem risco potencial de impactos ambientais, podem atuar como fontes geradoras de contaminação dos solos e mananciais hídricos por microrganismos que proliferam

no processo de decomposição dos corpos, gerando fenômenos transformativos e destrutivos do cadáver.

Já Fraga (2015) em sua pesquisa, fala que a discriminação com a profissão se dá pela relação e contato que esta detém com dejetos ou cadáveres, fica claro essa estigmatização, visto que, essa relação de contato com cadáveres é uma relação de total repugnância e estranheza. Considerado o objeto de trabalho, neste caso o corpo morto, inferior, impuro, infetado, indigno e intocável.

Na pesquisa feita por Fernandes e Sousa (2012), foi constatado que o desgaste físico causado pelo escavamento e sepultamento, a baixa remuneração, conflitos de decisões no local de trabalho e demais condições contribuíram para que a atividade laboral do sepultador assumisse uma dimensão bastante estressante, possibilitando o surgimento de alterações psíquicas no trabalhador.

Segundo Machado (2015), por se tratar de um trabalho em ambiente aberto, num clima de temperatura e umidade elevadas, com alta incidência solar, a proteção individual a esses agentes agressores citados constitui um fator importante a ser investigado.

Em sua pesquisa, Cativo et al. (2014) defendem que barreiras impostas pela sociedade faz com que o trabalhador vivencie a precarização nas suas formas de trabalho. Logo, essa precarização reflete no modo de vida com o qual ele reproduz sua existência, fazendo com que suas potencialidades humanas não sejam desenvolvidas, impondo barreiras para o seu desenvolvimento social, intelectual e humano.

O trabalho é um elemento fundamental para a saúde. Neste sentido, as condições de trabalho, assim como a organização do trabalho, que são fatores que constituem o fazer humano, possuem interferência na saúde. Para Dejours (2008), o trabalho pode ser um fator possibilitador de sofrimento para o trabalhador, dependendo das condições de trabalho a que o trabalhador está exposto, bem como o modo como se efetiva a organização do trabalho.

Para algumas disciplinas que estudam os humanos em situação de trabalho é consenso que o trabalho é dinâmico, variável e enigmático, outras consideram que os trabalhadores são ativos em seu fazer, possuem um caráter industrioso, agem sempre nas brechas em que o modo externo de determinar o fazer não se efetiva. Contudo, para a Ergonomia a prescrição do trabalho não dá conta de todo o por fazer, sendo preciso à ação do trabalhador no trabalho real. No contexto do trabalho o indivíduo se defronta com um conjunto de variabilidades que deverá ater-se para

realizar a sua função de maneira produtiva, sejam elas ligadas as condições de trabalho, a organização do trabalho, aos coletivos de trabalho, as suas particularidades individuais ou diversos outros aspectos não previsíveis (Borges, 2006). É através da regulação do trabalho que o trabalhador faz a gestão das variabilidades dando conta dos disfuncionamentos e incidentes que ocorrem cotidianamente.

Para a Psicodinâmica do Trabalho os trabalhadores se mobilizam e se engajam para contribuir com a organização do trabalho, bem como para enfrentar os constrangimentos deletérios das situações de trabalho com risco, que são as condições de trabalho. Por *organização do trabalho* Dejours e Aboucheli (1994, p.125) entende como sendo “(...) por um lado, a divisão do trabalho: divisão de tarefas entre os operadores, repartição, cadências e, enfim, o modo operatório prescrito; e por outro lado a divisão de homens: repartição das responsabilidades, hierarquia, comando, controles, etc”. Já condições de trabalho é conceituada por Dejours (1993) como sendo os elementos que compõe o conteúdo ergonômico do trabalho (exigências físicas, químicas, biológicas, condições de higiene e de segurança) e os elementos antropométricos do posto de trabalho, que se repercutem sobre as condições físicas do trabalhador. O corpo dos trabalhadores é o alvo principal das pressões ligadas às condições de trabalho, enquanto o funcionamento psíquico é prejudicado pela organização do trabalho.

Sobre as questões do risco no trabalho Dejours (2012), explicita que os mesmos fazem parte de algumas categorias de trabalho e muitos deles não são, em geral, administrados em sua integralidade. Isto quer dizer que alguns riscos não podem ser totalmente eliminados do ambiente de trabalho. Segundo este autor “esses malefícios irredutíveis e inerentes à tarefa, além dos efeitos diretos produzidos sobre o corpo, apresentam incidências indiretas sobre o funcionamento psíquico” (p. 60). Para o enfrentamento destas situações de trabalho que podem ser provocadoras de adoecimentos somáticos e psíquicos o trabalhador deve agir com prudência e prevenção o que pressupõe habilidade e engenhosidade.

Segundo os ensinamentos em Psicodinâmica do Trabalho os trabalhadores frente às situações que são nocivas à sua saúde e segurança provenientes das condições e organização do trabalho se colocam de forma ativa objetiva e subjetivamente. Neste sentido, constroem e implementam estratégias de defesa para enfrentar as situações que colocam em risco a sua integridade.

Dejours (2008) atesta que os trabalhadores não se mantêm passivos diante da organização do trabalho. Sendo eles ativos porque se mobilizam gerando estratégias de defesa para conseguirem enfrentar as situações presentes em seu ambiente de trabalho que podem provocá-los a vivenciarem algum risco a sua integridade. Sendo esse enfrentamento capaz, através de estratégias criadas individualmente e/ou coletivamente, de permitir que o trabalhador consiga lidar com o sofrimento, ressignificando-o ativamente em prazer e realização pessoal.

As estratégias coletivas de defesa traduzem um conjunto de normas e acordos entre os trabalhadores (em coletivo e por consenso) que são essenciais para combater o sofrimento gerado pela organização de trabalho (Borges, 2001). Já as estratégias defensivas individuais, destaca-se a sublimação como a mais ousada porque se refere a uma via alternativa e viável à manutenção do equilíbrio psíquico face ao sofrimento no trabalho.

Observamos que Dejours (1993) distingue duas formas de sofrimento: o criativo, no qual o sujeito produz estratégias e soluções adaptativas, de modo a manter a sua saúde diante das pressões do trabalho; e o patológico, no qual o sujeito faz escolhas prejudiciais para a sua saúde e vida. Como exemplo podemos citar o consumo de bebidas alcoólicas, drogas e em níveis mais avançados tentativas de suicídio em ambiente de trabalho.

O sofrimento apresenta-se, assim, como uma resistência interativa entre o psiquismo do trabalhador e a organização do trabalho, adquirindo o significado de patológico quando não é exteriorizado através da liberdade de expressão no local de trabalho, e assim, compreendido ou reconhecido pelo coletivo. Desse modo, o sofrimento não é ressignificado em prazer (Mendes, 2011).

Alguns autores salientam o papel do reconhecimento como indicador de prazer no trabalho, por constituir uma recompensa ou retribuição simbólica e por fortalecer a identidade psicológica e social (Dejours, 2009; Areosa, 2012). Existem duas categorias de reconhecimento: por um lado, aquele que advém dos superiores hierárquicos ou chefias, intitulado de julgamento de “utilidade”; e, por outro, o reconhecimento por parte dos colegas, denominado de julgamento de “beleza” (Dejours; Abdoucheli, 1994; Dejours, 2012).

O objetivo deste artigo é de analisar as condições de trabalho as quais o sepultador está exposto durante o seu ciclo de atividades antes da pandemia da COVID-19 e durante o período pandêmico, além de discutir a organização do trabalho em relação às tarefas, as atividades, a cooperação e suas consequências à saúde mental e física destes trabalhadores.

Método

A pesquisa quanto a sua abordagem é caracterizada como qualitativa e de natureza explicativa. É caracterizada como qualitativa pelo fato de buscar identificar dados nas vivências subjetivas do coletivo de trabalhadores e, além disso, sobre o modo de organização do trabalho e seus efeitos para com a saúde psíquica (Lancman & Sznelwar, 2011).

No que se refere aos seus métodos empregados foi delimitada como estudo de caso, com visitas aos cemitérios públicos iniciando em setembro de 2019, com complementações em junho de 2020 devido à nova realidade da pandemia.

Devido à impossibilidade de reunir os sepultadores coletivamente no cemitério, em face dos seus afazeres e alguns possuíam outro emprego, utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada individual, realizada diretamente em seus locais de trabalho e, em um segundo momento, novas entrevistas através de contato virtual para abarcar elementos novos das condições e organização do trabalho trazidos com os procedimentos sanitários devido à realidade da pandemia. Usou-se, também, um procedimento observacional, em 2019, com as visitas aos cemitérios para verificar *in loco* as situações de trabalho. Reafirmamos que em 2020, em face da pandemia do novo Coronavírus, fizemos contato com os sepultadores participantes da pesquisa com o objetivo de ouvi-los e identificarmos as possíveis mudanças ocorridas por causa da COVID-19 e suas interferências no ambiente de trabalho e na saúde e segurança dos trabalhadores. Utilizou-se, também, um questionário sócio demográfico para levantar informações sobre: sexo, idade, estado civil, remuneração, tempo de serviço, escolaridade; além de dados sobre as condições de trabalho, como os fatores ambientais do trabalho.

Para as entrevistas seguimos o roteiro proposto por Mendes (2007), discutido e acordado com o orientador, baseado nos seguintes eixos temáticos: organização do trabalho, compreendendo o prescrito e o real do trabalho, as condições para execução do trabalho e as relações socioprofissionais envolvidas; prazer e sofrimento provenientes do trabalho; as formas de enfrentamento do sofrimento no trabalho e as possíveis implicações sobre a saúde.

Os participantes foram definidos de forma não probabilística por conveniência. Fizeram parte da pesquisa seis (6) sepultadores de todos os cemitérios públicos do município de Campina Grande – PB. Fazem parte do quadro efetivo dos nove (9) cemitérios públicos vinte e oito (28) trabalhadores. A quantidade de participantes da pesquisa obedeceu ao critério de saturação das entrevistas. Cada trabalhador foi entrevistado mais de uma vez com o intuito de aprofundar o

máximo possível a compreensão das vivências pessoais e coletivas do trabalho. Foram incluídos na pesquisa sepultadores que faziam parte do quadro efetivo e contratado lotados na prefeitura de Campina Grande. Foram excluídos trabalhadores que exerciam a função de sepultadores e possuíam outras funções, além de trabalhadores com menos de seis (6) meses de trabalho.

Os dados dos questionários foram analisados de forma descritiva. No caso das entrevistas, todas foram gravadas e, posteriormente, transcritas e feitas às devidas anotações no diário de campo. Este material foi lido e analisado nos encontros com a orientação da pesquisa, em que se discutiram os registros gravados e feitas as análises a partir das falas dos sepultadores e dos dados das observações do trabalho. Na questão das entrevistas foi utilizado como base o método de Análise do Núcleo de Sentido (ANS), apresentada por Mendes (2007), que se referenciou na análise de conteúdo categorial de Bardin (1988), priorizando os aspectos reais e simbólicos da interação do sujeito com o seu contexto de trabalho. Esse procedimento de análise permite apreender nos discursos dos participantes os sentidos e os significados, aproximando da dimensão subjetiva dos sujeitos.

O procedimento sobre a análise e interpretação do material buscou evidenciar o medo, os contrastes, os paradoxos, a alienação, a sobrecarga de trabalho; em unir cada comentário ao cenário e ao que se registra como contradição em relação ao tema pesquisado (Dejours, 2011).

Como última etapa da metodologia foi realizada um encontro com os sujeitos participantes da pesquisa após a conclusão da análise preliminar dos dados. Teve como objetivo constituir um espaço de participação e de apropriação por parte dos trabalhadores da produção de conhecimento construída na fase de análise dos dados.

Essa etapa foi permitida pela gerência em comum acordo com os trabalhadores já que se constituía de apenas um único momento presencial com os sepultadores e se tratava da fase final da pesquisa. O evento foi realizado antes da pandemia de 2020.

Dessa maneira, os sepultadores tiveram a oportunidade de discutir o material constituído a partir das suas falas e das observações do trabalho, e puderam concordar ou discordar da análise feita até aquele momento, além de sugerir alterações para que constasse da escrita do documento final.

É importante reafirmar que este artigo é composto por informações e discussões obtidas através das entrevistas semi estruturadas de antes (presencial) e durante a pandemia da COVID-19 (através de meio virtual). Este procedimento nos permitiu identificar se houve mudanças nas

situações de trabalho dos sepultadores, quais e como elas repercutiram no fazer dos mesmos e em sua saúde e segurança.

Após as análises e a etapa de validação dos materiais levantados sobre as vivências subjetivas dos trabalhadores em relação às condições de trabalho e a organização do trabalho foram elencados três núcleos de sentidos para compor este artigo, sendo eles: 1. **“Aqui a gente faz mais do que o povo pensa que a gente faz”**: prescrição e atividade. 2. **“Tem esse calor todo, né? Quando tá chovendo a gente também tá lá. Tem muito escorpião”**: Os riscos do trabalho. 3. **“O povo acha que a gente fica emocionado toda hora, mais a gente não fica não porque a gente já tá tão acostumado”**: Referências a adoecimentos relacionados ao trabalho, sofrimento e estratégias de defesa.

Resultados e Discussão

“Aqui a gente faz mais do que o povo pensa que a gente faz”: Prescrição e atividade

De acordo com os dados levantados nesta pesquisa pôde-se verificar que a organização do trabalho do sepultador envolve a realização de várias tarefas: limpeza do terreno, escavação de cova, construir gavetas para colocar ossos e limpeza de túmulos. Para realizarem suas tarefas utilizam vários tipos de instrumentos de trabalho, como: enxada, pá, carro de mão e etc. Para enterrar o corpo o processo de trabalho envolve: seguir até o local indicado com os instrumentos de trabalho, tirar o caixão de cima do carro e levá-lo até a cova ou gaveta, inserir no local devido e depois jogar terra em cima do caixão ou tapar a porta da gaveta.

Segundo a CBO (Brasil, 2005), que traz a prescrição do trabalho, os sepultadores auxiliam nos serviços funerários, constroem, preparam, limpam, abrem e fecham sepulturas. Realizam sepultamento, exumam e cremam cadáveres, trasladam corpos e despojos. Conservam cemitérios, máquinas e ferramentas de trabalho. Zelam pela segurança do cemitério. Verifica-se isso nas seguintes falas dos sepultadores.

“Abro a gaveta, puxo o caixão, vou tirano os osso ensacando eles, o lixo eu tiro tudo e jogo ali naquela caçamba. Faço os sepultamentos, coloco os tijolos, né? Dia de semana é mais os enterro, né?” (Sepultador 4).

“Aqui né fácil não, viu? Aqui a gente faz exumações, retira os ossos dos caixões, lava com água e álcool e guarda em ossuários por um tempo. Aqui a gente faz mais do que o povo pensa que a gente faz, né? Num é só enterrar, sabe? (Sepultador 3)

“Eu faço as gavetas. Se a pessoa quer um túmulo, eu corto e faço” (Sepultador 6).

“Porque aqui a gente faz o trabalho da gente dependendo da demanda que a gente recebe” (Sepultador 2).

Pelas falas pode-se verificar que o trabalho vai além do que está prescrito. As demandas extrapolam o que é externamente determinado. Em suas falas expõem o trabalho feito individualmente, mas ressaltam o caráter coletivo do trabalho quando se referem “a gente faz”. Na atividade eles fazem bem mais do que se imagina. De acordo com Dejours (1997), ancorado nos ensinamentos da Ergonomia, existe a diferença entre trabalho real e real do trabalho.

Evidencia-se, assim, que a experiência viva dos trabalhadores ultrapassa as prescrições que buscam apropriar-se da dimensão invisível do cotidiano do trabalho, extrapola aspectos físicos, alcança a subjetividade, as relações interpessoais e a dimensão intersubjetiva mobilizada (Ferreira, 2011).

É fácil de identificar nas falas dos sepultadores a demanda mutável a todo o momento mediante a necessidade individual de cada família enlutada. Os entrevistados expuseram, também, que as demandas variam durante a jornada do dia e da semana. O ritmo de trabalho vai do fraco ao mais intenso.

“Depende do dia, quando não tem muito enterro a gente fica mais tranquilo aqui, brincando, jogando baralho, falando da vida mermo, sabe? Mas quando vem tudo de uma vez, a gente enfrenta e passa até da hora de comer” (Sepultador 6).

“Depende do dia, tem dia que a gente fica quase sem fazer nada e tem dia que chega três (3), quatro (4), cinco (5) de uma vez. A gente para pra comer e conversar um pouco quando dá” (Sepultador 1).

Nesta fala o sepultador 6, fala da organização coletiva nos momentos de pouca demanda e naqueles que o ritmo fica mais intenso em termos de atos mais pesados, como cavar covas, colocar os caixões e depois fechar as covas, mas, também, em termos de sofrimento emocional como veremos mais adiante. O sepultador 1 fala que um dia intenso de trabalho é caracterizado pela alta quantidade de enterros, nestas situações esses profissionais enfrentam grandes dificuldades em suprir suas necessidades básicas.

Com o advento da pandemia ocorreu uma intensificação do trabalho dos sepultadores devido ao grande número de enterros que passaram a ser realizados.

“Aumentou muito, antes era uns quatro (4) defunto no máximo por dia, agora eu até perco a conta de tanta gente todo dia. Muita gente diz que essa doença é frescura, mas a

gente que tá vendo a realidade e tendo que enterrar muito mais gente que antes” (Sepultador 1).

“A calma que a gente tinha não existe mais, é caixão fechado chegando a todo instante, tô trabalhando feito um doido de sol a sol” (Sepultador 2).

“Mudou sim senhor. Pra você ter uma ideia, teve um dia que a gente fez enterro até quase 19h00 da noite e essa hora é impossível porque não tem mais sol” (Sepultador 5).

Como mostram as falas, neste período da pandemia, a demanda tornou-se incessante. Além da intensificação, devido ao grande número de caixões que chegavam ao cemitério, ocorreu também o prolongamento da jornada, como diz um dos sepultadores que trabalhou até “às 19h00”. Portanto, os sepultadores em face desta situação passaram a trabalhar sobre pressão, com mais riscos devido à possibilidade de pegar a COVID-19, além de condições adversas como ter que trabalhar com pouca luminosidade.

Um dos sepultadores colocou que seu trabalho por envolver uma carga pesada de tarefas, como cavar, pegar peso, exumar cadáver, etc., é mais direcionado para homens.

“É difícil você colocar uma mulher pra fazer o que a gente faz aqui, né? Então assim, o que é mais difícil aqui é o trabalho braçal, tem que ter disposição” (Sepultador 3).

Quando as mulheres foram incorporadas ao mercado de trabalho, foi colocada como “massa de reserva”, visão preconceituosa visto que a sociedade patriarcal apenas vê a mulher como mãe e dona de casa realizando tarefas “leves”, visão já desconstruída pelas produções da divisão sexual do trabalho, enquanto aos homens foi designado o trabalho fora de casa, braçal e exaustivo (Hirata, 2020). Percebe-se um pouco dessa visão preconceituosa na fala deste sepultador que apenas os homens são capazes de executar este trabalho, por ser um trabalho braçal e que requer muita disposição.

A precarização laboral destacada na fala do sepultador 3 evidenciada pelo trabalho braçal destaca uma discussão bastante contemporânea a respeito do trabalho. Evidencia o “deslocamento do desenvolvimento na luta contra a pobreza, fazendo com que o emprego deixe de ser uma questão econômica para ser uma questão social, sem que a racionalidade do capital em nada se altere” (Tavares, 2002, p.19).

Percebe-se, assim, que o trabalho do sepultador é entendido por esses trabalhadores como uma atividade direcionada aos homens, pelas próprias características desse trabalho descritas por

eles. Ser sepultador significa vivenciar diariamente essa necessidade de estar-se forte e preparado para toda esta carga de trabalho que é incluída na tarefa.

Os sepultadores - na maioria das oportunidades - reafirmam a dificuldade deste trabalho, destacando-o como difícil, duro, penoso e exaustivo.

“Eu digo que é fazer o trabalho que pouca gente quer” (Sepultador, 2).

“Bom, não é um trabalho fácil, viu? É sofrido e quase ninguém gosta do que a gente faz, né? Não é só cavar e colocar o povo num buraco. A gente chega, né? Eu mesmo peço sempre proteção pra que Deus ilumine meu dia, e depois começo na luta” (Sepultador, 1).

A fala do sepultador 1 expõe que a atividade é bem mais do que está prescrito e para enfrentar o “trabalho duro” e penoso busca proteção divina, como uma forma de “aguentar o tranco” da atividade, ou seja, elaboram estratégias de defesa individual e coletiva. Para Dejours (1998), as exigências do trabalho e da vida são uma ameaça ao próprio trabalhador, elevando os riscos de sofrimento. A necessidade desses trabalhadores em possuir uma renda para sua manutenção e familiares os coloca em ambientes de trabalho como esse por falta de escolhas e oportunidades, expondo-os a esses riscos.

Com a pandemia ocorreu uma sobrecarga de trabalho para os sepultadores que os tem afetado de forma integral.

“Esta época tem sido difícil na parte emocional e física, a gente já tava acostumado a enterrar gente, só que agora aumentou muito, quase não temos tempo agora pra parar pra descansar, é morto chegando toda hora” (Sepultador 1).

A fala do entrevistado diz bem da sobrecarga de trabalho que não é somente física, mas também emocional. Mesmo já sendo acostumados com a rotina dos enterros, dos choros e da tristeza, com os casos das mortes por COVID-19 e o sofrimento dos familiares ficou muito duro para eles. Se antes a demanda variava durante a semana, neste período da pandemia as tarefas se multiplicaram, porque suas funções não se resumem apenas a pegar o caixão e enterrar. Quando o sepultador 1 diz: “quase não temos tempo agora pra parar”, refere-se a todas as medidas que precisam tomar para fazer os enterros.

“Acabou as missas, os crente, o pessoal da macumba... depois dessa doença não pode ter mais nada disso, por um lado é até melhor porque tinha família que fazia cada coisa na hora do enterro que só a gente que vê sabe, agora é chegando e enterrando na hora.

Eu digo que se já era trabalhoso antes o nosso trabalho, agora que ficou mesmo, nunca pensei uma coisa assim” (Sepultador 3).

A fala do sepultador 3 mostra o quanto de modificação ocorreu nas solenidades dos enterros. Apesar de o tempo necessário para fazer o enterro tenha diminuído, bem como o número de pessoas que participam da cerimônia também ficou reduzido, é mister considerar que o trabalho do sepultador aumentou. Isso se deve, principalmente, aos cuidados que os sepultadores precisam adotar para fazer os enterros. Quando o sepultador 3 afirma que o “trabalho” da atividade cresceu é porque tudo deve ser feito seguindo protocolos rígidos determinados externamente, bem como aqueles que eles constituíram individual e coletivamente no ato do enterro, e não menos importante o aspecto emocional que envolve as situações dos enterros das vítimas da COVID-19.

“Tem esse calor todo, né? Quando tá chovendo a gente também tá lá. Tem muito escorpião”: Os riscos do trabalho

Como diz Dejours (2012) “o trabalho, às vezes, implica enfrentar constrangimentos deletérios para a saúde física e mental” (p. 59). Não é diferente no caso do trabalho dos sepultadores que ficam expostos diariamente a fatores de riscos que podem afetar sua saúde. O conjunto de fatores de risco que são verificados no ambiente de trabalho compõe o que se denomina de condições de trabalho que faz parte das situações de trabalho. Segundo Dejours (1992) as condições de trabalho envolvem os aspectos do ambiente de trabalho em termos físico, químicos, biológicos e ergonômicos. As condições de trabalho agem diretamente sobre o corpo do trabalhador, que de forma direta e indireta vai levar a desgaste, envelhecimento e doenças somáticas no trabalhador (Dejours, 1994).

A norma regulamentadora do trabalho NR17 versa que: “as condições ambientais de trabalho e a organização do trabalho devem estar adequadas às características psicofisiológicas dos trabalhadores e à natureza do trabalho a ser executado” (Brasil, 2001, p. 56). Contudo não é isso que se verificou nas observações direta do trabalho dos sepultadores e tampouco nas falas destes trabalhadores.

A seguir apresentamos um mapeamento dos fatores de risco do ambiente de trabalho dos sepultadores dos cemitérios públicos, montado a partir das observações do trabalho feitas nos cemitérios no período da coleta de dados.

Quadro 1*Mapeamento dos Fatores dos Cemitérios Públicos de CG*

FATORES DE RISCO	AGENTE	NÚMERO DE REFERÊNCIAS PELOS TRABALHADORES	CONSEQUÊNCIA
FÍSICO	Umidade, Ruídos, Iluminação, Calor.	6	Desidratação; queimadura; insolação; fadiga; câncer de pele, diminuição da acuidade auditiva, lesões na retina.
QUÍMICO	Contato com cal, cimento e rejuntas; Poeiras.	6	Alergias, irritações nos olhos; dermatoses; Doenças respiratórias.
BIOSSANITÁRIOS	Parasitas, protozoários, Fungos, bactérias, vírus (CORONAVÍRUS), bacilos, insetos, roedores.	6	Doenças infectocontagiosas; Infecções variadas; Adoecimento por COVID-19.
PSICOLÓGICOS	Excesso de responsabilidade;	3	Invisibilidade social, sofrimento psicológico, desmotivação profissional, sobrecarga psíquica, estigmatização da atividade.
	Relação trabalhador / cliente;	5	
	Sobrecarga emocional relacionada ao trabalho;	6	
	Pressão da chefia.	3	
ERGONÔMICOS	Esforço físico intenso; levantamento e transporte manual de peso; postura inadequada; esforço repetitivo.	6	Dores musculares; Hérnia; Lombalgia/ Entorse / Torcicolos; problemas na coluna; problemas circulatórios/ surgimento de varizes; Dort ou LER.

Nota. Quadro elaborado com base nos dados da pesquisa.

O quadro mostra o mapeamento dos fatores de risco no trabalho dos sepultadores dos cemitérios de Campina Grande evidenciando os riscos: físicos, químicos, bio sanitários, psicológicos, ergonômicos, riscos ligados a segurança e ao social. A lida diária com restos mortais e com as covas para o sepultamento do corpo em óbito é muitas vezes nociva à saúde tanto física como mental. Em sua pesquisa Farina et al. (2009) abordam que os sepultadores possuem uma profissão com as seguintes cargas: física (trabalho pesado), com odor fétido e risco de contaminação; psíquica (dor, sofrimento, sentimentos intensos, deles próprios e das famílias de luto ao enterrarem seus mortos); social (baixa remuneração, profissão não reconhecida, com baixo prestígio). Há risco tanto para o profissional quanto para a sua família.

Pudemos verificar e confirmado pelos sepultadores que é inexistente treinamentos ou equipamentos adequados para realizar o enterro e a exumação dos corpos. Todos os entrevistados relataram que nunca passaram por treinamento para execução de suas atividades e na maioria das situações de trabalho os equipamentos que possuem são velhos, sucateados e até mesmo consertados pelos próprios funcionários, pois dificilmente recebem equipamentos novos. Os seis (6) trabalhadores foram unânimes em apontar os fatores de risco relacionados aos aspectos externos do trabalho, e que há relação direta com seus corpos. Pode-se destacar o contato com bactérias, vírus e outros agentes contaminantes aos quais são expostos, cotidianamente, devido à decomposição dos corpos. Nas entrevistas os sepultadores relatam este tipo de risco.

“Acho que pode, já vi uns colegas que tiveram doente aí, aqui é tudo contaminado, né? Por isso que o povo quando chega em casa quando sai daqui tira a roupa, e vai tomar um banho.” (Sepultador 3).

Dois entrevistados se referiram à presença de insetos e parasitas no ambiente de trabalho dos cemitérios.

“Aqui falta muita coisa, falta os materiais certos pra gente, né? A gente pede mais nunca vem. A gente fica no sol, na chuva, tem barata, tem rato, tem escorpião e a gente tá lá, né? Só a gente que tá lá. Eu vejo os caras que trabalham em cemitério particular e lá é diferente, né? O que falta aqui tem lá.” (Sepultador 1)

“Tem esse calor todo, né? Quando tá chovendo a gente também tá lá. Tem muito escorpião, eu mesmo um já me pegou uma vez, mas graças a Deus não tive nada. Se a gente tivesse os materiais certos acho que facilitava mais a vida da gente também.” (Sepultador 2).

O sepultador 1 fala sobre a diferença entre os cemitérios públicos e particulares, em sua opinião e experiência afirma que nos cemitérios públicos falta tudo, e o que falta em seu ambiente de trabalho existe nos cemitérios particulares. Já o sepultador 2 fala que se houvessem os materiais e equipamentos adequados para a realização de seu trabalho a vida laboral deles seria mais fácil. Apesar da falta dos equipamentos, de treinamento, dos materiais adequados para esse tipo de serviço os sepultadores conseguem realizar seu trabalho, o que demonstra que a organização real do trabalho se efetiva.

Com a pandemia da COVID-19 as condições de trabalho dos sepultadores ficaram mais preocupantes no que concerne ao Sars COVID-19. O vírus que até o momento não tem um tratamento adequado que possa enfrentá-lo e curar o paciente, nem vacina que possa imunizar a população, é uma ameaça constante para os trabalhadores. Diante deste contexto, os sepultadores expressam o desafio que é ter que trabalhar nos cemitérios neste período de pandemia.

“Muita coisa que já era ruim só piorou, o sepultador como eu não precisa só de EPI, precisa de uma ajuda psicológica porque ver o que a gente tá vendo diariamente lá, não tem ser humano que aguente muito tempo. Tem gente neurótica porque não pode abrir o caixão. A gente tá com medo todo santo dia de pegar essa desgraça dessa doença, me desculpe a palavra. Quem se preocupa com o psicológico do sepultador? Você tá sendo o primeiro a ouvir a gente de verdade. Tratam a gente como se fosse algo que qualquer um faria por qualquer tostão. Mas não é bem assim” (Sepultador 4).

“Eu vou pro cemitério com medo, medo porque na televisão a gente vê toda hora dizendo que esse vírus contamina muito rápido, quando o caixão chega pra gente na minha cabeça ali dentro o que mais tem é vírus, tem familiar que insiste em querer abrir, um povo doido que aparece às vezes, insiste em querer entrar com meio mundo de gente e tudo isso só sobra pra gente resolver. Eu tô me preocupando tanto com os outros e tem horas que tô esquecendo de me cuidar” (Sepultador 6).

Nestas falas podemos verificar a preocupação dos sepultadores com o novo Coronavírus e as situações que os mesmos enfrentam dentro dos cemitérios com os familiares e com o manuseio do caixão, bem como com os equipamentos de proteção individual que precisam usar para poder desenvolver a tarefa. Pode-se verificar que os sepultadores ficam expostos aos riscos de forma indireta, mas são, também, expostos de forma direta quando as famílias pedem para que o caixão seja aberto. Portanto, o trabalhador é colocando em uma encruzilhada, pois a situação de dor dos

familiares os comove e faz com que adotem uma medida não recomendável. Abrir o caixão é um ato de risco que pode atingir todos os presentes. Quando o sepultador 6 expressa: “tudo isso só sobra pra gente resolver”, está explicitando o conflito que os toma diante da situação de comoção que é enterrar o ente querido sem vê-lo pela última vez, mas que pode ser um perigo para sua saúde. São aspectos da atividade, que foge da prescrição. Esta singularidade da atividade do sepultador os afeta não somente fisicamente, mas, também, mentalmente. O medo que o mesmo diz sentir quando vai trabalhar demonstra bem quanto sua emoção está envolvida e afetada. Isso fica claro na fala do sepultador 4 quando ele diz que não precisa somente de EPI, mas, também, de ajuda psicológica. Portanto, a fala desse sepultador expressa bem o quanto o trabalho não somente tem relação com o aspecto físico do corpo do trabalhador, mas, também, com o seu aspecto mental. O corpo deve ser visto em sua inteireza, pois, envolve o somático e o psicológico. Entretanto, como o trabalho do sepultador parece ter um caráter mais físico não existiu a preocupação dos administradores com a saúde mental dos mesmos.

É importante destacar a falta de proteção que esses trabalhadores possuem, pela escassez de equipamentos adequados de proteção (EPIs) e das próprias ferramentas de trabalho. Durante as visitas, realizadas antes da pandemia, verificamos a falta de equipamentos necessários para a realização da sua atividade e os que existiam estavam sucateados, transformando-os em riscos consideráveis a saúde destes trabalhadores. Com o advento da pandemia e o aumento dos casos de mortes na cidade a prefeitura providenciou os equipamentos de proteção individual para serem usados pelos sepultadores e outros materiais de higienização das mãos e utensílios manuseados pelos trabalhadores.

“A prefeitura mandou mais equipamentos pra gente, temos que usar os macacão e as luvas também pra se proteger. Quando vou pra casa tiro a roupa fora de casa e tomo banho na parte que tem um tonel que minha mulher já deixa pra mim na parte lateral da casa” (Sepultador 1).

“Eu tô usando o material que a prefeitura mandou, primeira coisa que eu faço é vestir eles. Até as brincadeiras da gente acabou porque não pode encostar, né? A gente se protege como pode, tenho medo de cair nessa doença” (Sepultador 2).

“O caixão vem lacrado então, a gente imagina que esse vírus ta preso lá dentro né? Mesmo assim a gente usa os macacão que chegou ai junto com as luvas. Terminando de pegar no caixão e depois que fecha tudo a gente passa álcool em tudo e saindo do

cemitério a primeira coisa que eu mesmo faço é tomar meu banho pra não levar isso pra dentro de casa, né?” (Sepultador 3).

A situação de sobrecarga de trabalho e a preocupação com o novo Coronavírus e a COVID-19 modificaram muitas coisas nos cemitérios. Podemos verificar nas falas dos trabalhadores que estão adotando as medidas necessárias para se proteger contra a contaminação com o novo Coronavírus. Os sepultadores escutados explicitam o uso dos equipamentos de proteção individual e a higienização das mãos e utensílios com álcool no sentido de minimizar os fatores de risco com a COVID-19. Os sepultadores relatam os cuidados para não levar o vírus pra casa. O sepultador 2 realça uma mudança em um aspecto do trabalho que era usado como estratégia de defesa para enfrentar as situações de trabalho: “as brincadeiras da gente acabou”. Mais a frente, nesse artigo, abordaremos a questão das estratégias de defesa e voltaremos ao caso.

É comum as pessoas terem o sentimento de repulsa pelos cemitérios, seja pelo medo imputado pelo fator morte ou pelo próprio risco de contaminação presente nos cemitérios. Os sepultadores são os profissionais que diariamente estão manuseando os corpos, caixões e as exumações, expondo-os a qualquer tipo de contaminação presente nestes corpos. Com a pandemia ficou vedado o contato direto com os corpos, somente se pode realizar a tarefa com a utilização de EPIs, incluindo máscaras. Em algumas das falas ficaram evidentes essa repulsa e medo de se contaminar durante o seu trabalho, nem sempre é dito a eles o que causou a morte da pessoa que eles estão enterrando. No caso dos mortos com causa da COVID-19 são obedecidos todos os protocolos traçados pela prefeitura. Antes da pandemia a falta de EPIs e equipamentos de trabalho adequados só potencializavam o risco de adoecimento destes profissionais.

“Aqui falta muita coisa, falta os materiais certos pra gente, né? A gente pede mais nunca vem” (Sepultador 1).

“Eu tento me cuidar da forma que dá, né? Mas na minha humilde opinião eu acho que deveriam pensar mais na gente, a gente precisa muito mais do que EPI, deveria ter um treinamento pra todo mundo que trabalha como sepultador. A qualquer momento o caixão vira em cima da gente e tomamos um caldo de defunto e a gente não sabe que doença essa pessoa tinha, sendo que agora com essa doença o caixão vem cheio desse vírus, né?” (Sepultador 4).

Na fala do sepultador 4 aparece um aspecto novo da situação de trabalho dos sepultadores que é a questão da formação técnica para lidar com determinados elementos novos que

representam risco iminente para a saúde. O sepultador 4 fala do fornecimento de EPI, mas ressenha-se da falta de treinamento para lidar com os novos fatores de risco do trabalho.

Na maioria das vezes, a falta de equipamentos e a sua inadequação, como luvas, botas, mascarar e óculos, pesados, quentes e incômodos colocam a saúde do trabalhador em exposição pela sua não utilização (Barros et al., 2002).

Segundo Pêgas (2008), os sepultadores não possuem vestimentas apropriadas, tem contato direto com os líquidos dos túmulos e usam veneno sem proteção adequada. Ficam expostos ao sol sem uso de protetor solar, aumentando as chances de desenvolverem câncer de pele, além dos movimentos repetitivos.

Ainda sobre os fatores de riscos externos, especificamente sobre a sobrecarga física, Falzon (2016) destaca que a fadiga é consequência do esforço. Tratando-se de um estado consecutivo a um trabalho realizado sob certas condições, se objetiva em sintomas e induz a uma perda temporária e reversível de eficiência. É essa reversibilidade que define a fadiga. Já uma perda não temporária, não reversível, seria um agravo a saúde, uma invalidez definitiva. A seguir verificamos essa sobrecarga de trabalho exemplificada pela fala do sepultador 6 ao relatar o que executa durante sua atividade, e enfatizando não se tratar de um trabalho fácil e muito menos leve.

“É um trabalho duro demais, se pegar qualquer um na rua eu garanto que não ia achar fácil fazer o que eu faço, cavar, fazer gaveta, puxando terra pros pés, vendo todo tipo de bicho, tirando ossada... né qualquer um que queira uma molezinha dessa não” (Sepultador 6).

“Aumentou muito, antes era uns quatro defuntos no máximo por dia, agora eu até perco a conta de tanta gente todo dia. Muita gente diz que essa doença é frescura, mas a gente que tá vendo a realidade e tendo que enterrar muito mais gente do que antes” (Sepultador 1).

A fala do sepultador 1 reflete a realidade do período da pandemia e mostra que o volume de trabalho cresceu. Segundo ele neste período está “tendo que enterrar muito mais gente que antes”. A sobrecarga física ficou tão intensa, já que as covas para os enterros eram cavadas a mão com uso de utensílios próprios para escavação, que foi preciso utilizar uma escavadeira para fazer o serviço.

“As covas eram cavadas sempre na mão mesmo. Mas agora, com essa pandemia, passaram a usar trator. Como é muito defunto, a gente não estava dando conta. A administração mandou dois tratores. Um de draga, que rasga o chão todo, e um de concha, pra furar as vala” (Sepultador 1).

Durante todas as entrevistas, antes da pandemia, foi perceptível a constante necessidade dos sepultadores de deixarem bem claro que seu trabalho não era fácil, tratando-se de uma atividade que necessitava de muito esforço físico para ser executada, além da constante exposição a agentes que podem comprometer a saúde. O entrevistado deixa transparecer que a escolha por esta profissão tão exaustiva e “braçal” ocorreu pela necessidade de se manter e sustentar a família. A todo o momento ele enfatizava o caráter penoso e de sofrimento da sua tarefa, deixando claro sua insatisfação em realizá-la. Entretanto, outros sepultadores disseram que se sentiam felizes no que faziam.

Nesta tarefa o esforço físico chega a ser claro quando é executada em determinadas jazigos, com dimensões estreitas, que obrigam a posturas em pé ou semicurvadas, com movimentos contínuos (Dittmar, 1991) e com equipamentos de proteção individual que provocam desconforto e são incompatíveis com o trabalho executado (Santos, 1998). Assim, num estudo realizado por Occhipinti et al. (1988) com 108 trabalhadores cemiteriais, foram identificadas numerosas alterações degenerativas na coluna cervical, dorsal e lombar fruto do seu trabalho e da exigência física imposta nas tarefas. Dessa forma destacamos a fala dos seguintes sepultadores.

“A gente tenta evitar isso, né? Eu mesmo faço o que posso mais já tive problema de coluna, mas eu gosto do que faço aqui, a gente fica exposto a tudo isso, mas eu gosto do que faço.” (Sepultador 1).

“Eu às vezes tenho dor nesse ombro aqui, sabe? Ai eu tomo um torsi-lac e passa a dor, o povo diz que num pode tá tomano direto, ne? Mas quando dói demais eu tomo porque senão no outro dia não consigo nem levantar de tanta dor nesse ombro.” (Sepultador 4).

Durante suas atividades, o sepultador, exercendo a tarefa de sepultamento, está exposto a posturas que causam problemas ao sistema musculoesquelético, como cargas pesadas e insolação excessiva. Algumas queixas são muito frequentes entre os trabalhadores, como: dores de cabeça, dores nas costas, dores nos ombros e nas panturrilhas.

Essa análise foi perceptível a partir das observações feitas durante a pesquisa. Verificamos como nas situações de trabalhos as tarefas se configuram e podem prejudicar a saúde: flexão do tronco e dos membros de forma errada e por longos períodos de tempo, a falta de espaço entre as covas para manuseio do ataúde e para a abertura das mesmas, além do excesso de peso. Observou-se também, como problema visível, a questão de longos períodos em exposição ao sol, o que gera consequências de várias ordens à saúde destes profissionais. Com a pandemia do novo Coronavírus a sobrecarga se tornou maior: mais caixões para pegar, extensão da jornada de trabalho, medo de contrair a doença COVID-19, etc. O Risco de exposição ao sol foi abordado pelo sepultador 4.

“Risco? Aqui é tranquilo demais, home. Única coisa ruim eu acho que é o sol quente, tem hora que a gente fica mei assim, né? Porque o sol é quente demais, mais a gente faz mesmo assim” (Sepultador 4).

Por se tratar de um trabalho em ambiente aberto, num clima de temperatura e umidade elevadas, com alta incidência solar, a proteção individual a esses agentes agressores citados constitui outro aspecto importante a ser observado e discutido. Apesar de o trabalho ser apresentado como duro, com esforço físico e outras características apontadas por eles, muitos ressaltavam que trabalhar no cemitério era “tranquilo demais”. Entretanto, nas entrevistas durante a pandemia essa opinião mudou. O sepultador 2 disse que “a calma que a gente tinha não existe mais, é caixão fechado chegando a todo instante, tô trabalhando feito um doido de sol a sol”, o que demonstra a mudança.

Nos fatores de risco apontados pelos trabalhadores temos aqueles que estão relacionados à organização do trabalho, que no quadro dos fatores de risco foram denominados de psicológicos. Destacam-se os referidos pelos trabalhadores e relacionados com as relações intersubjetivas do trabalho, mais precisamente a relação do trabalhador com os clientes, bem como a sobrecarga emocional relacionada ao trabalho. No caso deste último a carga emocional vem, principalmente, dos momentos da efetivação dos enterros.

“Ponto negativo pra mim é quando eu vou enterrar uma criança (...) A gente acaba sofrendo com eles. Não tem como acostumar enterrando anjinhos e abala muito a gente né?” (Sepultador 3).

“Eles se despedem, choram, às vezes quando é criança eu não aguento, eu sou pai, né? É difícil. Mais a gente tem de ser forte (...)” (Sepultador 1).

Como podemos verificar nas duas falas acima nos momentos do enterro o trabalhador move membros, músculos e o afetivo, ou seja, para realizar o sepultamento o sepultador mobiliza seu corpo por inteiro, aí inclui-se o emocional. Apesar das pessoas não perceberem o trabalhador está envolvido emocionalmente, principalmente quando é para manusear o caixão com uma criança dentro. Embora o que fique mais exposto é a força física que o trabalhador faz para pegar o caixão, transportar, manusear enxada e pá, cimento e colher de pedreiro, o componente afetivo/emocional do sepultador está presente na atividade.

A forma do público vê o trabalho do sepultador como uma prática meramente objetiva e técnica, evitando um contato mais próximo, em repugnância ao seu fazer, também causa desgaste aos sepultadores.

“As pessoa têm a mente pequena. Elas difamam muito a imagem de um sepultador, ou melhor, essa profissão nem existe para sociedade. A última pessoa que pensam é neste profissional. Mas, o que acham lá fora, não me importa. Minha família me entende e aceita meu emprego. Me sinto feliz aqui dentro, gosto do meu trabalho e o faço com amor” (Sepultador 4).

“A gente escuta muita coisa, acham que a gente é lixo às vezes, uns até são educados mais muitos nem olham, viram a cara, fazem cara feia, mas não ligo, eu faço meu trabalho do mesmo jeito” (Sepultador 1).

As relações intersubjetivas do trabalho, no caso com as famílias que usam o serviço do cemitério, podem produzir algum efeito negativo psíquico aos sepultadores já que suas avaliações são bastante negativas em relação a percepção da sua tarefa pelas pessoas de fora. Podemos notar um sentimento de tristeza pela profissão de sepultador não ser bem vista, por se sentirem invisibilizados pelo modo como as pessoas os tratam. Um deles afirma que a família é o seu suporte para continuar na profissão.

Com a pandemia e o perigo do contato com os caixões que podem trazer risco de contaminação os próprios sepultadores evidenciam o quanto seu trabalho tem esse caráter de sujo, repugnante.

“A família não pode mais acompanhar, depois que ele morre no hospital, já lacram ele e enviam pra gente, nem o médico bota a mão, mas sobra pra quem? Trabalho com aquilo que o povo tem medo e nojo, com essa doença as coisas só aumentaram e pioraram” (Sepultador 6).

Como se pode perceber o contato com o público no cemitério não é uma relação simples de se estabelecer. Os familiares estão com os nervos à flor da pele pelo estado emocional da perda de uma pessoa próxima e querida e os trabalhadores estão em atividade com todos os constrangimentos que esta situação pode conter: muita gente no entorno da cova ou túmulo que impacta na movimentação, o peso do caixão, manuseio de determinadas materiais e equipamentos, além da emoção de testemunhar tal momento de despedida. Ao descrever um desses momentos o sepultador 2 relatou que estava fazendo seu trabalho normalmente com a mesma qualidade e eficácia que sempre realizou, mas um familiar que acompanhava o enterro em um momento de recusa, raiva e frustração decidiu descontar toda esta carga no sepultador que nada tinha de culpa, muito pelo contrário, já estava cansado, exposto ao sol, tendo sozinho cavado a cova e tendo que fechá-la posteriormente.

“Uma vez um cara ameaçou a gente aqui com uma arma por uma besteira. Eu tava fazendo meu trabalho direito só que nessa hora cada um reage de um jeito, né verdade?” (Sepultador 2).

Então, além dos riscos físicos, ergonômicos e biológicos estes trabalhadores estão expostos, também, ao psicológico ao passarem por momentos como esse de constrangimento, preconceito, desvalorização de sua função e de medo. Enfrentam tudo resignadamente por não poderem fazer ou falar absolutamente nada porque em seu próprio entendimento as pessoas o tratam dessa forma por conta do sentimento de luto que dominam suas mentes nesse momento de luto. Barros e Silva (2004) afirmam em seu estudo “O trabalho e cotidiano no Instituto Médico Legal de Belo Horizonte”, que os trabalhadores podem incorporar tais significados ao seu trabalho e por isso pode acarretar pouca realização profissional.

Como afirmado por Dejours (1988), podemos considerar que o sofrimento resulta muitas das vezes de algumas demandas do trabalho (Pinheiro et al., 2012). As funções também comportam uma dimensão psicossocial de elevado esforço psicológico, não só pela necessidade de prestar apoio e consolação no momento da dor ao cliente (Santos, 1998), como também por exigir atenção no momento de luto.

Ao abordar o risco social a que estes trabalhadores estão expostos, destacamos as falas dos seguintes sepultadores

“Muita gente trata a gente como se fosse lixo, sujo... o senhor quando sai daqui, chega em casa, tira a roupa e toma banho, né? Imagina pra gente que passa o dia aqui, né?”

Mexendo com tudo que o povo acha sujo. mais eu tento levar na esportiva ne? (risos)”. (Sepultador 1).

“Mais tem gente que valoriza a gente também, eu não ligo muito porque eu gosto daqui, é mei doido né gostar de cemitério? Mais é meu trabalho, eu até entendo o povo não gostar da gente, daqui... mais eu gosto”. (Sepultador 2).

“Eu digo que somos os últimos a pensarem na gente, ninguém tá pensando nem agradecendo ao nosso trabalho, não vejo palmas pra gente, mas eu acho que depois disso tudo alguma coisa boa vai ficar, eu penso desse jeito”. (Sepultador 6).

Muitas das vezes, consequência da representação social que o trabalhador possui, associado ao estigma social de alcoólatra, mau trabalhador e sem formação adequada, eles não são devidamente valorizados pelo trabalho que fazem. Sentem-se em muitos momentos deslocados da sua profissão, como se possuíssem outra função, como se fossem um psicólogo ou um padre, quando são eles que recebem as lamúrias, tristezas e desabafos das pessoas que vão ao cemitério velar os entes queridos. O sepultador 6 em sua fala se refere e traça um paralelo com aquelas profissões que foram bastante aplaudidas neste período de pandemia. Ele reclama da falta de reconhecimento social pelo que fazem.

“O povo acha que a gente fica emocionado toda hora, mais a gente não fica não porque a gente já tá tão acostumado”: Referências a estratégias de defesa e sofrimento relacionados ao trabalho

Segundo Dejours (2012) “Na medida em que se trabalha, não se trata apenas de produzir, mas também de proteger-se contra os riscos do trabalho” (p.61). Os sepultadores desenvolvem um trabalho que se caracteriza por envolver a morte, manuseio de objetos relacionados com corpo sem vida, manipulação de restos mortais, atividades que para a maioria das pessoas é impensável de exercer. Como vimos na categoria anterior, o trabalho dos sepultadores possui diversos riscos para a saúde física e mental. Para não sucumbirem mentalmente ante todos os efeitos desestabilizadores em termos mentais os sepultadores elaboram estratégias de defesa coletiva. Por força destas defesas os trabalhadores antes da pandemia não expressavam o medo ao sofrimento que as situações deste tipo de trabalho expõem.

“(…) No começo eu tinha uma cisma como todo mundo tem uma cisma da morte, só que hoje em dia eu entendi que a morte vai vim, e esse corpo é matéria, esse corpo vai morrer. Então eu acho que todo mundo, todas as pessoas deveriam entender que um dia vai

chegar nossa hora e a gente tá aqui pra isso. Fazer o que, né? (...)”. (Sepultador 3).

“Eu não troco isso aqui por nada home, aqui é tranquilo demais pra trabalhar, mesmo o povo lá fora tendo medo daqui, mais pra nois que trabalha aqui num tem pirigo de nada, muito mais perigoso os outro trabalho lá fora do que esse nosso” (Sepultador 5).

Na fala destes dois trabalhadores verificamos que eles adotam uma postura ativa frente às nuances do trabalho que para parte da população seria difícil de enfrentar. Com o decorrer do tempo eles aprendem a eufemizar o convívio com todos os riscos existentes, principalmente aqueles que estão mais relacionados com os aspectos emocionais. Com a pandemia o medo domina todos os sepultadores. Isso demonstra que o risco iminente de contaminação não pode mais ser eufemizado como antes.

Com a pandemia o componente emocional da atividade do sepultador ficou mais evidente. O que se ressalta nas falas dos entrevistados no período da pandemia é o medo de pegar o vírus que provoca a COVID-19. Segundo o sepultador 1 “esta época tem sido difícil na parte emocional e física (...)”, porque como diz o sepultador 4 “o que a gente tá vendo diariamente lá, não tem ser humano que aguento muito tempo”. O sepultador 5 complementa que “o clima no cemitério é de medo, medo de pegar essa doença e parar num hospital. Ou pior, ser enterrado lá”. Para enfrentar essa situação o sepultador 2 revela que “a gente se protege como pode, tenho medo de cair nessa doença” e o sepultador 6 arremata “eu vou pro cemitério com medo”. Diante da situação de risco iminente que poderia paralisar os sepultadores, já que como diz o entrevistado 3 “(...) vê esse povo todo sendo enterrado né brincadeira não”, o medo os mobiliza para continuar indo ao trabalho em face da necessidade do seu trabalho e por receio de se recusar continuar o trabalho possa ser demitido. Portanto, o medo é um aspecto emocional da atividade que faz com que possam continuar contribuindo para a realização do trabalho, apesar dos sepultadores não terem saída em face das dificuldades em se encontrar emprego na região.

Antes da pandemia os sepultadores elaboravam outras formas de minimização do clima pesado que há nos cemitérios, bem como nas situações de ocorrência de enterros. Observamos uma dessas estratégias defensivas nas falas dos sepultadores a seguir, que em busca do enfrentamento das situações causadoras de sofrimento, de forma coletiva com os colegas sepultadores, interagem e buscam formas de se divertir “camuflando” o ambiente de morte e tristeza.

“Eu trabalho aqui me divertino, a gente faz o que gosta e se diverte com quem vem

pro enterro, né? A gente também não pode tá sorrindo direto, né? Mais depois a gente conversa e brinca entre a gente aqui, né? quando vem gente de candomblé que vem tocando, dançando né? Eu só não gosto dos de crente que é devagar demais”. (Sepultador 5).

“Depende do dia, quando não tem muito enterro a gente fica mais tranquilo aqui, brincando, jogando baralho, falando da vida mermo sabe? Mas quando vem tudo de uma vez a gente enfrenta e passa até da hora de comer” (Sepultador 6).

O que diz o sepultador 5 expressa o exercício de uma estratégia coletiva de defesa no ambiente de trabalho, que se passa no plano coletivo. Encarar o seu fazer como uma diversão é montar uma armadura mental para afastar o sofrimento. Os sorrisos, as brincadeiras são estratégias de defesa para transformar o clima pesado do trabalho que envolve sempre choro, lágrimas, lamentações e despedidas cheia de sentimentos. Na fala do sepultador 6 percebe-se que quando há uma sobrecarga de trabalho eles, também, usam a mesma estratégia. Brincar, jogar baralho, “jogar conversa fora” evita que lembrem das situações constrangedoras de trabalho.

Como afirma Dejours (2012), “de vítima impotente e passiva exposta ao risco, a posição subjetiva é revertida pelas atitudes de provocação, de provocação e de escárnio pelas quais se afirma o controle total da situação, com o recurso suplementar de uma eufemização coletiva da percepção do risco” (p. 64).

As estratégias defensivas são recursos elaborados pelos trabalhadores, de forma individual e coletiva, para reduzir a percepção do sofrimento no trabalho; funcionam por meio da recusa da percepção daquilo que faz sofrer. Essa atenuação do sofrimento propicia uma segurança ao psiquismo, que torna permissível aos trabalhadores manter-se no plano da normalidade, para continuar trabalhando. As estratégias defensivas possibilitam o entendimento da preponderância da normalidade sobre a doença mental em situações de trabalho sinalizadas pelas adversidades, mostrando que os trabalhadores não se mantêm passivos, mas procuram recursos para enfrentar o sofrimento e impedir a descompensação (Dejours, 1992).

Porém, com o período da pandemia, com a iminência de contaminação pelo novo Coronavírus os sepultadores se deparam com um choque de realidade e tomam consciência do risco presente no cotidiano que é desconhecido em sua totalidade e que não possui tratamento, nem cura. As estratégias de defesa de minimização do risco deixam de funcionar.

“Até as brincadeiras da gente acabou porque não pode encostar, né? **A gente se protege como pode**, tenho medo de cair nessa doença” (Sepultador 2, grifo nosso).

“A qualquer momento o caixão vira em cima da gente e tomamos um caldo de defunto e a gente não sabe que doença essa pessoa tinha, sendo que agora com essa doença o caixão vem cheio desse vírus, né? **Tenho o maior cuidado do mundo agora** pra evitar uma coisa dessa pra cima de mim” (Sepultador 4, grifo nosso).

“**A gente se cuida como pode**, também não podemos fazer cara feia porque se a gente não fizer o nosso trabalho quem é que quer fazer, né isso?” (Sepultador 5, grifo nosso).

Como se pode verificar os sepultadores falam de um real do trabalho, com seu constrangimento físico plasmado no risco da contaminação, que os fazem ser ativo com todas as precauções possíveis. Se antes a minimização dos riscos do trabalho era evidente agora o que prepondera são as medidas de proteção e as posturas ativas de cuidados. As três falas acima chamam atenção para esse fato: o cuidado torna-se uma estratégia de defesa para o enfrentamento desta situação de risco eminente. O medo neste caso é motor da reformulação da atitude dos sepultadores frente ao risco de contaminação presente no trabalho. Portanto, a partir da Psicodinâmica do Trabalho podemos dizer que o sofrimento no trabalho que se renova com a pandemia do novo Coronavírus leva os sepultadores de forma ativa a elaborar estratégias de defesa individual e coletiva de reformulação de seu entendimento acerca dos riscos e transformar sua prática a partir das medidas de cuidados.

As falas dos sepultadores a seguir abordam outros aspectos que podem causar sofrimento a estes trabalhadores, sofrimento que interfere diretamente em sua rotina de trabalho. Mesmo vivenciando diariamente todo esse sofrimento que dentre outras causas advém do esquecimento social da sociedade para com eles, estes trabalhadores estruturaram estratégias de defesa para não adoecerem e continuarem o seu trabalho.

“A gente vê o povo sofrendo, né? Isso é muito ruim, no começo eu saía daqui triste toda vez. Já escutei muita coisa por fazer o que eu faço, de vizinhos, de parentes, de amigos, **mais é um trabalho normal**, eu acho normal o povo que não acha, né? **A gente têm que ser forte**, não pode baixar a cabeça”. (Sepultador 1, grifos nossos).

“Ponto negativo pra mim é quando eu vou enterrar uma criança, a gente quando vai enterrar um adulto a gente tem uma noção de que ela já viveu um tempo, já sabe o que é a vida, já fez muita coisa nessa vida, né? E a criança a gente sabe que não, né? E aquele sofrimento da mãe e do pai acaba passando pra gente, né? A gente acaba sofrendo com eles. Não tem como acostumar enterrando anjinhos e abala muito a gente, né?” (Sepultador 3).

“Quando tem que enterrar anjinho, a gente chama as crianças aqui de anjinho, é triste demais ver um pai de família, meu amigo, enterrar um anjinho, às veze eu até saio de perto um pouco porque não tem quem consiga não chorar com uma coisa dessa.” (Sepultador 4).

Nas duas últimas falas vemos que as estratégias de defesas são quebradas e os trabalhadores tomam consciência dos efeitos dos riscos psicológicos existentes em seu trabalho ao se emocionarem com o enterro das crianças.

No decorrer do seu processo de trabalho, os sepultadores criam estratégias de resistência que visam à proteção individual e do grupo profissional, desenvolvidas face às situações adversas no contexto laboral. Pudemos identificar aqui estratégias que permitem certa adaptação com o trabalho realizado, a utilização de "escapes" que possuam efeito relaxante como “brincar” nos momentos de pausa (Santos, 1999), a cultura de camaradagem do coletivo na concretização de tarefas difíceis ou, até, a garantia de emprego nos tempos atuais. Identificamos essas estratégias de defesa nas falas seguintes.

“Eu só não gosto de enterrar anjo, né? Criança, recém-nascido, de enterrar. Agora adulto e vagabundo quando enterro eu me divirto. **O povo acha que a gente fica emocionado toda hora, mais a gente não fica não porque a gente já tá tão acostumado com defundo que tanto faz,** a gente sente sentimento quando é família da gente, quando não é a gente fica tranquilo.” (Sepultador 5, grifos nossos).

“Para mim, é normal hoje em dia trabalhar aqui, tem dia que a gente tem até quatro sepultamentos. A gente sabe que é um ser humano igual a gente, mas é o nosso dia a dia. Assim que eu comecei a trabalhar eu fiquei meio frustrado, pensando: a gente vive da morte dos outros, ganhando dinheiro porque uma pessoa morreu. Mas aí eu entendi que é a vida, acontece.” (Sepultador 6).

Nota-se de fato um grande esforço por parte dos trabalhadores de não pensar na morte de não sentir nada diante da mesma e de não ser tocado por ela (Franco, 2008), não pensando, nem compartilhando a tristeza de quem vai velar o corpo e da tristeza associada à sua profissão (Petrillo, 1989). E, no manuseio do corpo decomposto, o mesmo é frequentemente reduzido à existência de ossadas ou não, não fixando o corpo em si nem dos seus detalhes, (Barros & Silva, 2004) não considerando os corpos com os quais trabalham como corpos humanos (Concone & Consorte, como citado em Martins, 1983).

Entretanto, com o advento da pandemia o morto não é mais um corpo inerte, ele pode ser ainda fonte de contaminação em face da causa da morte ter sido por COVID-19. Neste caso, não é possível o trabalho do taxonomista, já que depois da morte o corpo é colocado em um saco e depositado no caixão seguindo direto para o cemitério. Mesmo com todas estas medidas de segurança existe o temor que possa contaminar pessoas caso tenha algum contato com o interior do caixão. Com este cenário o corpo do morto passou a ser temido de forma objetiva, enquanto uma fonte contaminante por COVID-19. O sepultador 3 diz em sua entrevista: “o caixão vem lacrado então, a gente imagina que esse vírus tá preso lá dentro, né? Mesmo assim a gente usa os macacão que chegou aí junto com as luvas”; por seu turno o sepultador 6 em sua fala faz uma constatação: “a família não pode mais acompanhar, depois que ele morre no hospital, já lacram ele e enviam pra gente, nem o médico bota a mão (...)”; e questiona: “mas sobra pra quem?”. Concordando com Matta (2012), podemos dizer que a realização eficaz da tarefa é uma das estratégias que permite aliviar tensões, assim como fazer rápido, bem e discretamente; apenas acrescentamos que agora tomando todas as precauções necessárias em termos de equipamentos de proteção individuais e outros insumos para higienização de partes do corpo e utensílios utilizados. Como os dados demonstram a situação nesta época de pandemia o emocional tem sido lembrado pelos trabalhadores. Como diz o sepultador 1: “Esta época tem sido difícil na parte emocional e física (...)”.

Segundo Dejours (2004), as estratégias coletivas de defesa no trabalho proporcionam aos trabalhadores a capacidade de resistir ao sofrimento advindo do trabalho. Elas surgem na cooperação entre trabalhadores para superarem as contradições desse contexto. De acordo com Souza e Lisboa as estratégias levam a modificações, transformações e, em geral, à eufemização da percepção que as pessoas têm da realidade que as faz sofrer. Elas objetivam mascarar, conter, ocultar e transformar o sofrimento.

Durante a realização das entrevistas, ficou clara a existência dessas estratégias de defesa no trabalho destes sepultadores, porque elas possibilitam a continuidade de suas funções ocultando e mascarando a possibilidade de adoecimento relacionado ao trabalho.

Segundo Saunders (1995) destacam-se as seguintes e principais características desta profissão: o trabalho é deprimente, ingrato e possui um *status* social pobre; o trabalho é degradante; é uma tarefa à qual não é exigível habilidade especial nem responsabilidade; é uma profissão de último recurso em que o trabalhador não se preocupa com promoções nem

progressões; o trabalhador pode ter um fascínio mórbido pela morte e até obter satisfação pelo ambiente fúnebre que o circunda; não é uma profissão a ser abordada em conversas sociais.

Dessa forma, entendemos que os trabalhadores de cemitérios constituem uma profissão que se caracteriza, na divisão de trabalho social, com baixo perfil de reconhecimento social perante a sociedade (Matta, 2012). O que possibilita explicar que, nas pesquisas realizadas por Petrillo (1989) e Saunders (1995), a profissão de sepultador acaba por ser inserida num grupo muito geral de classificação que não leva em consideração as suas particularidades sociais.

Esses profissionais possuem um risco de adoecimento e esgotamento físico e mental considerável por não terem capacitação e preparo formalizados, falta de materiais adequados (para a tarefa em si e para sua proteção individual), baixa remuneração e pouco reconhecimento e valorização do trabalho. Ficou comprovada a sobrecarga de trabalho, sem descanso, pois a característica de ser um trabalho inteiramente “braçal”, com exposição a agentes químicos, físicos, biológicos, ergonômicos e psicológicos, torna este tipo de trabalho nada prazerosa para aqueles que a realizam. Dois dos entrevistados relataram que já estiveram doentes por conta da demanda de seu trabalho adquirindo dores na coluna lombar e no ombro, e submeteram-se ao uso indiscriminado de medicação para alívio das dores. O que relatou dores na coluna lombar relatou que esses episódios começaram após vários e repetidos momentos de trabalho em posição de flexão de tronco, sobrecarregando a musculatura dessa região. Já o entrevistado que relatou dores no ombro expôs que sempre que precisa cavar ou carregar alguma carga sente dores em seu ombro que atrapalham sua atividade. Os outros trabalhadores não referiram nenhum problema de saúde, se imiscuindo de relacionar o trabalho que fazem com qualquer problema de saúde. Nossa hipótese é que as estratégias de defesa estejam aí funcionando no sentido de negar que este tipo de trabalho possa ser causador direto de problemas de saúde. Como já dissemos anteriormente, as condições de trabalho e a organização do trabalho dos sepultadores como foram levantados nesta pesquisa pode possuir elementos suficientes de acometimento de problemas de saúde física e mental.

Conclusão

Nesta pesquisa pudemos mostrar a partir das falas dos sepultadores como o seu trabalho de fato é feito. O desconhecimento do real do trabalho dos sepultadores abre precedente para julgamentos desconexos com a realidade sobre as atividades realizadas pelos mesmos.

No que concerne às condições de trabalho todos os entrevistados foram unânimes em listar questões como exposição excessiva ao sol sem proteção, falta de material de trabalho adequado, exposição a agentes químicos, biológicos e psicológicos com potencial causador de adoecimento destes profissionais. Com a pandemia os riscos do trabalho se avolumaram, mas os sepultadores receberam EPIs para se proteger contra possível contaminação, porém, nem todos faziam o uso correto, seja por falta de treinamento adequado ou por não se adequarem aos equipamentos ofertados. Eles estavam então expostos a um infeccioso viral novo e que necessitava de toda uma mudança na realização da sua tarefa. Na atividade o sepultador passou a ter que ficar mais atento as variabilidades de todo o enterro.

Os relatos feitos pelos trabalhadores durante as entrevistas apresentaram, além das tarefas cotidianas, muitas ações da atividade, como por exemplo, lidar com as famílias enlutadas. Há relatos de más relações que se estabelecem com os familiares enlutados e algumas vezes, estas podem causar sofrimento quando há discussão, humilhação e confrontos. Esses confrontos também aumentaram durante a pandemia porque cerimônias religiosas foram suspensas e as famílias não podiam acompanhar seu ente querido por conta do risco de contaminação e nem todos entendiam essa preocupação que é justificável, porém, eram os sepultadores que tinham que também administrar essa nova realidade. O que configura um constrangimento na atividade.

Identificamos em suas falas estratégias de defesas produzidas na tentativa de enfrentar as nuances relacionadas ao seu trabalho. Aprendem com o passar do tempo a eufemizar o convívio com todos os riscos existentes, no tocante aos aspectos emocionais. Sendo assim, as estratégias de defesa individuais e coletivas são geradas diariamente por eles para poder continuar trabalhando e proteger sua saúde mental. Percebemos que durante a pandemia essas estratégias foram revistas, mudadas, abolidas e nem sempre eram eficazes por conta da realidade pandêmica a que a sociedade estava vivenciando. De uma hora para outra os sepultadores se viram em uma necessidade urgente de tentarem readequar suas estratégias de defesa, mas nem sempre conseguiam ou eram eficazes por conta da alta demanda de corpos e situações inusitadas da atividade.

Verificamos que a situação das condições de trabalho, com todos os riscos apresentados e relatados na pesquisa, bem como a organização do trabalho, principalmente, em face da alta demanda de trabalho dos enterros com todas as circunstâncias de constrangimentos e variabilidades, torna esta função de sepultador possível espaço de sofrimento psíquico e de

queixas somáticas. Falta de EPIs adequados (verificado antes da pandemia), capacitação inadequada para realização da tarefa, falta de instrumentos e materiais de trabalho, baixa remuneração e o quase inexistente reconhecimento que lhe é devido. O trabalho dos sepultadores tem um componente braçal significativo, mas, também, envolve aspectos emocionais. Os dados mostram que os fatores de risco externos ao corpo do sepultador afetam sua saúde física, como as dores lombares. Porém, verificamos a existência de fatores de risco psicológicos que impactam no afetivo e nas emoções dos sepultadores.

Nas falas externadas pelos sepultadores identificamos estratégias coletivas de defesa como maneira de protegê-los e afastá-los do sofrimento presente em seu ambiente de trabalho. Brincadeiras, jogos e piadas são estratégias usadas por eles com o objetivo de afastar o choro, o grito, as lágrimas durante as despedidas vivenciadas diariamente nos cemitérios. Fazem isso quase que diariamente para “camuflar” e tentar esquecer todos esses momentos de luto. Essas estratégias ficaram difíceis de serem elaboradas durante a pandemia por conta do risco de contágio pelo contato, além da alta demanda de trabalho com o aumento dos sepultamentos ocupando boa parte do tempo livre deles, além de todo o clima de pesar e medo por ver repentinamente tanta gente sendo sepultada vítima de um vírus avassalador.

Ressalto as implicações deletérias que a pandemia da COVID-19 trouxe a esses profissionais. Todo esse estigma, preconceito e carga psicológica que permeia seu trabalho cresceram durante o período pandêmico, questões como essas que lhes causavam sofrimento foram repentinamente infladas pelo aumento da demanda de trabalho destes profissionais através da letalidade que esta pandemia trouxe a população mundial. A falta do reconhecimento já era percebida no período antes da pandemia e se acentuou consideravelmente durante ela. Diariamente profissionais como os da saúde eram homenageados merecidamente, em contrapartida percebeu-se o aumento do esquecimento da sociedade para com os sepultadores que também estavam na linha de frente, expostos a riscos de adoecimento físico e sofrimento mental causado pela sobrecarga de trabalho e outros constrangimentos.

Apesar das graves vulnerabilidades apresentadas, a principal queixa dos profissionais entrevistados é o pouco reconhecimento da sociedade sobre a importância do trabalho do sepultador, que foi acentuada durante o período pandêmico porque não era permitido contato ou presença das famílias durante o sepultamento porque necessitava ser feito sem aglomeração e com muito mais agilidade.

Todo o contexto das situações de trabalho dos sepultadores mostrou que os mesmos se mantiveram ativos frente às variabilidades e constrangimentos vivenciados durante suas atividades. Isso permitiu que através do uso do seu saber-fazer pudessem criar estratégias de mobilização para o enfrentamento das condições de trabalho e da organização do trabalho, através, por exemplo, da cooperação realizada por eles entre si, além de ser perspicazes no ato mesmo dos enterros ao perceber as situações inusitadas da atividade e gerir com inteligência, buscando garantir a segurança de todos.

O trabalho do sepultador, conforme relatos compartilhados, e a literatura consultada possibilitam a vida em sociedade. Uma categoria profissional invisível socialmente, cujo trabalho nos permite viver a despedida com dignidade frente ao momento do óbito de um ente querido. Sendo mais do que urgente entendermos a importância da atividade dos sepultadores, principalmente durante a pandemia, pois mesmo com uma alta demanda de corpos chegando aos cemitérios eles continuavam ali prontos para exercerem sua tão importante função.

Referências

- Absol, D. S. (2002). A história oral e a utilização de vídeos: o relato de uma experiência. Roteiro: *Revista Científica da Unoesc*, 27(1), 27-49.
- Areosa, J. (2012). O contributo das ciências sociais para a análise de acidentes maiores: dois modelos em confronto. *Análise Social*, 558-584.
- Barros, V. D., & Lhuilier, D. (2013). Marginalidade e reintegração social: o trabalho nas prisões. *O trabalho e as organizações atuações a partir da psicologia*, 669-694.
- Barros, V., A., & Silva, L., R. (2004). Trabalho e cotidiano no Instituto Médico Legal de Belo Horizonte. *Psicologia em Revista*, 10 (16), 318-333.
- Barros-Duarte, C., Ramos, S., Cunha, L., & Lacomblez, M. (2002). Da organização do trabalho à saúde ocupacional: análise das condições da actividade profissional na indústria têxtil e do vestuário—a especificidade do trabalho feminino. *Relatório apresentado no âmbito da Campanha para a melhoria das Condições de Trabalho no sector têxtil e do vestuário (em fase de publicação pelo ex-ISHST–ACT)*.
- Borges, A. D. V. S., Silva, E. F. D., Mazer, S. M., Toniollo, P. B., Valle, E. R. M. D., & Santos, M. A. D. (2006). Percepção da morte pelo paciente oncológico ao longo do desenvolvimento. *Psicologia em estudo*, 11(2), 361-369.

- Borges, L. D. O., & Alves Filho, A. (2001). A mensuração da motivação e do significado do trabalho. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 6(2), 177-194.
- Brasil, Portaria n.º 3.751, de 23 de novembro de 1990. Adequação da Norma Regulamentadora n.º 17 – ERGONOMIA, inserida na Portaria MTb/GM n.º 3.214, de 08 de junho de 1978, à evolução das relações de trabalho, dos métodos e avanços da tecnologia. Disponível em: <http://www.ctpconsultoria.com.br/pdf/Portaria-3751-de-23-11-1990.pdf>, acessado em: 28 de out de 2019.
- Brasil. Ministério do Trabalho. *Classificação brasileira de ocupações*. Brasília, 2005
- Cativo, C. K. V. (2015). Trabalho e morte: estudo sobre as condições de vida e saúde dos coveiros do município de Parintins.
- Dejours, C. (1988). A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. In *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho* (pp. 163-163).
- Dejours, C. (1997). *Fator Humano, O*. FGV Editora.
- Dejours, C. (1998). *Souffrance en France: la banalisation de l'injustice sociale* (Vol. 715). Paris: Seuil.
- Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Production*, 14(3), 27-34.
- Dejours, C. (2008). A metodologia em psicopatologia do trabalho. In S. Lancman, & L. I. Sznelwar, (orgs). *Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Dejours, C. (2008). Trabalho, tecnologia e organização: avaliação do trabalho submetida à prova do real. *São Paulo: Blucher*.
- Dejours, C. (2009). *Travail vivant: Travail et émancipation*. Paris: Payot.
- Dejours, C. (2012). Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. *Psicologia em Estudo*, 17(3), 363-371.
- Dejours, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.
- Dejours, C. *Psicopatologia do trabalho - psicodinâmica do trabalho*. Laboreal, Porto, v. 7, n. 1, p. 13-16, 2011.
- Dejours, C., & Abdoucheli, E. (1994). Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 119-145.

- Dejours, C., Dessors, D., & Desriaux, F. (1993). Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Revista de Administração de empresas*, 33(3), 98-104.
- Dejours, C.; Abdoucheli, E. ; Jayet, C. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994
- Dittmar, W.H. *Um estudo sobre a prevalência de distúrbios psiquiátricos entre os sepultadores do Serviço Funerário do Município de São Paulo*. São Paulo, 1991. [Dissertação de Mestrado - Faculdade de Medicina da USP]
- Falzon, P. Ergonomia. Tradução de Giliane M. J.; Ingratta et al. São Paulo: Blucher, 2016.
- Fernandes, M. A., & LEN, S. (2012). Sofrimento psíquico e a relação com o trabalho. *Proceedings of the 2nd Seminário de Saúde do Trabalhador de Franca*.
- Ferreira, J. B. O poder constituinte do trabalho vivo: análise psicodinâmica da criação literária. 2011, 203 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho, Universidade de Brasília, 2011.
- Fraga, B. M. O. (2015). Realidade laboral: a invisibilidade do trabalho nos cemitérios.
- Franco, C. (2008). A Cara da Morte: Imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUS/SP, Brasil
- Hirata, H. (2020). Precarização do trabalho, gênero e subjetividade. *Travailleurs*, (2), 159-170.
- Machado, J. C. (2015). Programa de implantação de requisitos de segurança do trabalho de acordo com a OSHAS 18001 em um cemitério parque.
- Matta, L. (2012). El oficio de sepulturero. *Etnografía. Anuario de Antropología Social y Cultural en Uruguay*, 10, 133-146.
- Mendes, A. M. (2007). *Psicodinâmica Do Trabalho: Teoria, Método E*. Casa do Psicólogo.
- Mendes, A. M., & Araújo, L. K. R. (2011). *Clínica Psicodinâmica do Trabalho: Práticas Brasileiras*. Brasília: Ex Libris.
- Occhipinti, E., Colombini, D., Cattaneo, G., Cervi, E., & Grieco., A. (1988). Posture di Lavoro e Alterazioni del Rachide nei Necrofori. *La Medicina del Lavoro*, 79 (6), 452-459.
- Pêgas, D. J.; Santos, F. E. A.; Guijarro, J. O.; Poveda, V. B. Saúde ocupacional dos trabalhadores de cemitérios. *Revista Enfermagem UFPE on line*, v. 3, n. 1, p. 70-76, 2009.
- Pêgas, Diana de Jesus et al. Saúde ocupacional dos trabalhadores de cemitérios. *Journal of Nursing UFPE online [JNUOL/DOI: 10.5205/01012007]*, v. 3, n. 1, p. 70-76, 2008

- Petrillo, G. (1989). The Distant Mourner: An Examination of the American Gravedigger. *Omega*, 20 (2), 139-148.
- Pinheiro, F., Fischer, F. M., & Cobiachi, C. J. (2012). Work of gravediggers and health. *Work*, 41 (1), 5819-5822
- Santos, R., V. (1998). A realidade do Processo de Trabalho Vivenciado nos Cemitérios. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 25 (93/94), 57-73.
- Saunders, K. C. (1995). The Occupational Role of Gravediggers: A service Occupation in Acute Decline. *The Service Industries Journal*, 15 (1), 1-13
- Sznelwar, L. I., Uchida, S., & Lancman, S. (2011). A subjetividade no trabalho em questão. *Tempo social*, 23(1), 11-30.
- Tavares, Maria Augusta. Trabalho informal: os fios (in)visíveis da produção capitalista. Revista, São Paulo: *Instituto de Estudos Socialistas*, n. 7, 2002.

3 CAPÍTULO 2 – ARTIGO 2: O TRABALHO SUJO E A MORTE: ESTIGMA E INVISIBILIDADE DO PROFISSIONAL SEPULTADOR

Introdução

O presente artigo apresenta um estudo realizado com uma categoria de profissionais que tem seu trabalho, importância e reconhecimento invisibilizados. A invisibilidade não é uma categoria social, mas uma situação ou uma realidade de onde emerge o sentimento de desprezo social.

A problemática central trata sobre o estigma e a invisibilidade do profissional sepultador. O estudo teve como referencial teórico a Psicodinâmica do Trabalho que dentre outros objetivos analisa o sofrimento e as estratégias de mediação utilizadas pelos trabalhadores para ressignificar e superar o sofrimento, com vistas à transformação do contexto de trabalho em um lugar de prazer (Ferreira & Mendes, 2003).

Essa abordagem apresenta-se como relevante referencial teórico no campo da saúde mental no contexto de trabalho. Verificamos que Dejours (2008, p. 94) assinala que a análise psicodinâmica é um termo proveniente da teoria psicanalítica, que designa o estudo dos movimentos psicoafetivos gerados pela evolução dos conflitos inter e intrassubjetivos. No mundo contemporâneo, a um esforço rotineiro e cansativo com o único objetivo da sobrevivência (Albornoz, 2008, p. 49). Para Dejours (2008), o sofrimento é inerente ao trabalho e pode tanto ser patogênico como ser fonte de prazer.

Quando o trabalho funciona como uma fonte de prazer, identidade, realização, reconhecimento e liberdade, ele permite que o trabalhador crie estratégias através das quais possa dominar o seu trabalho ao invés de ser dominado por ele (Mendes, 2007). Desse modo, o trabalho saudável e prazeroso é caracterizado pelo respeito e reconhecimento de cada

trabalhador, de suas limitações e particularidades, que conduz a um processo de comprometimento, criatividade e um trabalho de alta qualidade (Seligmann-Silva, 2011).

Honneth (2003), afirma que é por meio do reconhecimento intersubjetivo que os sujeitos podem garantir a plena realização de suas capacidades e uma auto-relação marcada pela integridade. Para o autor, os sujeitos são forjados em suas interações, sendo que eles só conseguirão formar uma auto-relação positiva caso se vejam reconhecidos por seus parceiros de interação.

O interesse por essa categoria profissional se baseia no fato da profissão cemiterial de sepultador ser ainda um estigma para a sociedade, colocando esses profissionais em uma posição de marginalização por exercerem esta função. Neste sentido, interessa proporcionar maior conhecimento a sociedade a respeito destes trabalhadores e minimizar quem sabe o estigma e preconceito que envolve esta profissão. Assim, há a necessidade de se lançar um olhar para o fazer-viver do sepultador que está ligado à morte. Segundo Cativo e Weil (2015), os sepultadores fazem parte da categoria de trabalhadores de serviços funerários, que em geral são invisibilizados e estigmatizados e em alguns casos até discriminados pelo fato de trabalharem diretamente com o fenômeno da morte. Tal situação ocorre porque o morrer não é algo encarado com naturalidade pela sociedade em geral.

A invisibilidade social, que atinge também o grupo de trabalhadores dos cemitérios, dentre eles os sepultadores, foi bem demonstrada por Costa (2002) em sua tese sobre garis. Segundo Costa, a invisibilidade pública – construção social e psíquica - tem a força de ressecar expressões corporais e simbólicas dos humanos então apagados. Pode abafar a voz e baixar o olhar. Pode endurecer o corpo e seus movimentos. Pode emudecer os sentimentos e fazer fraquejar a memória. A invisibilidade pública é fundada e mantida por motivações sociais e psicológicas, por antagonismos de classes mais ou menos conscientes, mais ou menos inconscientes. O tipo de trabalho realizado pelos sepultadores por envolver situações de riscos à saúde, segurança e por contato com a morte é imputado como trabalho sujo.

Ashforth e Kreiner (1999) afirmam que o conceito de trabalho sujo diz respeito à divisão moral do trabalho nas sociedades. A partir das atividades consideradas socialmente prestigiosas, em diferentes cenários socioculturais, é possível analisar e classificar as restantes, considerando a ausência ou a presença dos aspectos que constroem socialmente as atividades valorizadas. Lixeiros e sepultadores, por exemplo, têm contato com dejetos e lixo; bombeiros e mineiros, com

o perigoso e o nocivo. A impureza social diz respeito ao contato dos trabalhadores com grupos estigmatizados, como sucede com assistentes sociais, cuidadores sociais e guardas prisionais, ou trabalhadores que executam atividades em condições de servidão, como empregadas domésticas, engraxates e mordomos. A mácula moral é relativa a trabalhos considerados pecaminosos ou dúbios, como o das “*strippers*”, ou que desafiem as normas de civilidade, como o realizado por interrogadores policiais e investigadores privados.

Os trabalhos considerados sujos podem ter alto ou baixo prestígio na comparação com outros trabalhos também sujos. Diversos autores (Ashforth & Kreiner, 1999; Kreiner, Glen, Ashforth & Sluss, 2006; Ashforth, Kreiner, Klark & Fugate. 2007) observam que categorias profissionais caracterizadas por um estigma penetrante podem diferir em grau de envolvimento e intensidade de associação com o trabalho sujo.

O estigma do trabalho sujo é o elemento central na compreensão da cultura e coesão dos grupos de trabalhadores sujos (Thompson 1983). A morte é um tabu social (Rodrigues, 2006), e as profissões de sepultador e de motorista paramentador são julgadas como impuras porque violam o tabu social ao manipular os corpos mortos.

A maneira como a morte é vista pelas pessoas tem se alterado, de forma gradual e lentamente, pois, à medida que as sociedades passam por transformações, os rituais em torno da morte também mudam (Menezes & Gomes, 2011). Segundo Veras e Soares (2016), com as transformações sociais, a responsabilidade de cuidar dos preparativos para o funeral, antes atribuída à família e à comunidade, foi transferida para o Estado e instituições que possuem um caráter técnico, profissional e até mercantil, fomentando, assim, a indústria funerária e a mercantilização da morte.

Com o desenvolvimento do capitalismo, o corpo humano passou a ser visto como instrumento de produção. Diante disso, a morte passou a significar fracasso, algo improdutivo e impotente. Discorrer sobre a morte é, nesse contexto, também falar sobre o tempo, sobre a nossa relação com a passagem do tempo e a nossa finitude. Escrever sobre a morte é, também, abordar as diversas maneiras pelas quais se tem reagido a ela, em diferentes realidades históricas; é refletir sobre a diminuição progressiva do espaço que se destina ao luto e ao sofrimento em nossa época: "tempos de imortalidade".

Já faz algum tempo que se constitui no meio social consumidores de uma gama de produtos ligados à morte: desde cuidados médicos no processo de morrer, medicalização do luto,

psicoterapias, toda a ampla rede de serviços funerários e até produtos em geral como turismo, cosméticos, vestuário e jornal. A morte passou a ser visível a partir do momento que se tornou uma mercadoria, nos tempos atuais a morte vende.

O objetivo deste artigo é compreender o trabalho do sepultador evidenciando a realidade social existente na profissão cemiterial e como estes trabalhadores se identificam com o seu fazer.

Método

O estudo utiliza como base teórico-metodológico a Psicodinâmica do Trabalho permitindo abordar os processos subjetivos individuais e as estratégias coletivas mobilizadoras, concebendo a escuta como mecanismo privilegiado de assimilar a subjetividade dos indivíduos e expor os conteúdos latentes (Dejours, 2007).

A pesquisa quanto a sua abordagem é caracterizada como qualitativa e de natureza explicativa. No que se refere aos seus métodos empregados foi delimitada como estudo de caso, tendo utilizado as técnicas de entrevista semiestruturada e observação do trabalho, além de questionário sócio demográfico.

É caracterizada como qualitativa pelo fato de buscar identificar dados nas vivências subjetivas do coletivo de trabalhadores e, além disso, sobre o modo de organização do trabalho e seus efeitos para com a saúde psíquica (Lancman & Sznelwar, 2011).

Os participantes foram definidos de forma não probabilística por conveniência. Fizeram parte desta pesquisa sepultadores de todos os cemitérios públicos do município de Campina Grande. 28 trabalhadores fazem parte do quadro efetivo dos 3cemitérios públicos desta cidade. A quantidade de participantes da pesquisa obedeceu ao critério de saturação das entrevistas. Cada trabalhador foi entrevistado mais de uma vez com o intuito de atingir a sua subjetividade e suas vivências pessoais e coletivas do trabalho. Foram incluídos na pesquisa sepultadores, que faziam parte do quadro de efetivos e contratados lotados na prefeitura de Campina Grande. Foram excluídos da pesquisa trabalhadores que exerciam a função de sepultadores e possuíam outras funções, além de trabalhadores com menos de seis (6) meses de trabalho.

Após cada entrevista a gravação foi transcrita e feitas às devidas anotações no diário de campo. Este material foi lido e analisado nos encontros com a orientação da pesquisa, em que se discutiram os registros transcritos e as análises feitas das falas dos sepultadores.

A última etapa da pesquisa constou de um encontro com todos os sepultadores que participaram da pesquisa com o intuito de fazer a validação dos dados analisados até então. O encontro teve o objetivo de constituir um espaço de participação e de apropriação por parte dos trabalhadores da produção de conhecimento construída na pesquisa. Dessa maneira, os sepultadores tiveram a oportunidade de concordar ou discordar da análise que estava sendo realizada, sugerindo alterações antes da escrita do documento final. Essa pesquisa foi realizada antes e durante o período da pandemia da COVID-19. Antes do período pandêmico foram feitas visitas aos cemitérios, posteriormente voltamos a entrar em contato com os sepultadores por meio telefônico durante a pandemia para que pudéssemos identificar as possíveis transformações do seu trabalho causadas pela pandemia.

Em relação às entrevistas, após sua transcrição utilizamos o método de análise do núcleo de sentidos (Mendes, 2007). Esse procedimento de análise permite apreender nos discursos dos participantes os sentidos e os significados, aproximando da dimensão subjetiva dos sujeitos.

Após as análises e a etapa de validação dos materiais levantados sobre as vivências subjetivas dos trabalhadores em relação à organização do trabalho foram elencados três núcleos de sentidos para compor este artigo, sendo eles: 1. **“Do prescrito ao real: Das variabilidades e renormatizações”**. As variadas formas de realização de sua atividade. 2. **“Fazer o trabalho que pouca gente quer”**: O trabalho na visão do sepultador. A repulsa e o estigma que a profissão de sepultador carrega. 3. **“(…) Poucos olham pra gente, o que olha, olha com nojo (…)”**:

Preconceitos, invisibilidade do trabalho do sepultador. As sensações e consequências que a invisibilidade causada pelo preconceito repercute para os sepultadores.

Resultados e Discussões

1. Do prescrito ao real: Das variabilidades e renormatizações

Para a Ergonomia da Atividade, *“o trabalho nunca é simples execução das instruções”* (Daniellou, 2004). O trabalho é compreendido como uma das atividades humanas em que o objetivo é determinado socialmente assim como as normas e condições para sua execução, mas o resultado do trabalho é sempre singular. Os objetos produzidos trazem em si traços da atividade de quem o produziu (Mendes, 2014). Segundo Guérin, Laville, Daniellou, Duraffourg, & Kerguelen (2001), *“esse traço pode ter a ver com o conjunto de conhecimentos específicos, etc”*. A atividade de trabalho, portanto, consiste em gerenciar situações indeterminadas quanto ao seu possível fim em termos de confiabilidade, qualidade, saúde e segurança (Duraffourg, 1998).

Essa gestão se dará em função de características singulares (história de vida, de trabalho na empresa, de saberes) e coletivas (construção de saberes, competências operatórias e valores) necessárias para dar conta da atividade (Mendes, 2014).

Segundo Guérin et al. (2001), trabalho prescrito (tarefa) é tudo aquilo que é definido antecipadamente pela organização e fornecido ao trabalhador para que o mesmo possa realizar o trabalho. Contrariamente, o trabalho real (atividade) é o trabalho tal como ele se realiza concretamente, mediante condições reais para esta execução. Entre o trabalho prescrito e o trabalho real se inscrevem múltiplas variabilidades relativas ao processo de trabalho (meios, matéria e atividade) e que não podem ser previamente antecipadas. É no espaço entre o trabalho prescrito e o trabalho efetivamente realizado que se inscreve a realidade da atividade humana em meios profissionais.

Segundo a classificação brasileira de ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego, o trabalho do sepultador é apresentado como sinônimo de sepultador, dentro da categoria de trabalhadores auxiliares de serviços funerários (5166). A descrição sumária desse é: “Auxiliam nos serviços funerários, constroem, preparam, limpam, abrem e fecham sepulturas. Realizam sepultamento, exumam e cremam cadáveres, trasladam corpos e despojos. Conservam cemitérios, máquinas e ferramentas de trabalho. Zelam pela segurança do cemitério” (Ministério do Trabalho e Emprego, 2002).

Sendo assim destacamos a fala de alguns entrevistados que aborda de que forma eles executam o seu trabalho, para exemplificarmos a diferença do trabalho prescrito a eles e o trabalho real executado pelos sepultadores.

“Mais a gente vai limpar os túmulos que tiver pra limpar, né? Pega a inchada, pá, carroça e vai. Quando chega gente pra enterrar a gente já deixou pronto o lugar que vai, né? Antes a gente já cavou quando é cova, quando é gaveta a gente também já deixou aberto e limpo. Ai a gente espera, né?..” (Sepultador 1).

“Aqui a gente faz exumações, retira os ossos dos caixões, lava com água e álcool e guarde em ossuários por um tempo.” (Sepultador 2).

“Abro a gaveta, puxo o caixão, vou tirano os osso ensacando eles, o lixo eu tiro tudo e jogo ali naquela caçamba. Faço os sepultamento, coloco os tijolo, né? Dia de semana é mais os enterro, né?” (Sepultador 4).

Segundo Schwartz (2014), a atividade envolve um mundo possuidor de inúmeras normas antecedentes de diversos níveis e graus de proximidade com as exigências do presente onde os indivíduos têm que agir para lidar com as diversas situações de trabalho e é necessário que as normas parciais sejam reajustadas no instante do agir. Segundo Cunha (2007), mesmo ao seguirem as normas, os trabalhadores já estão praticando escolhas, porém, essas normas são sempre insuficientes para dar conta das situações presentes.

Este processo permite que o indivíduo renormalize, por exemplo, o seu emprego do tempo na jornada de trabalho hierarquizando as diversas tarefas que ele deve realizar (normas antecedentes), e de acordo com as suas escolhas e próprias normas. Isto configura a produção de saberes através da utilização do corpo-si (Fischer & Triba, 2009). Dessa forma, conforme Durrive (2011), fazer algo permite construir a si mesmo, o que implica que nas tomadas de decisão o agir se encadeia e produz saberes.

Segundo Dejours (2004) o trabalho é gerador de sofrimento, pois ele leva o sujeito ao confronto entre o mundo interno e o mundo externo do trabalhador. Ainda de acordo com o autor, isso ocorre porque há uma distância entre trabalho prescrito e trabalho real. Não é possível prever todos os acontecimentos que envolvem a realização do trabalho. Então, o trabalhador, ao se deparar com a falta de prescrição, ele sofre. Esse sofrimento levará ao sujeito a se mobilizar para superá-lo, fazendo com que ele busque uma forma singular e às vezes, particular e criativa para tal e assim realizar propriamente a tarefa. Ainda de acordo com o autor, “trabalhar é preencher a lacuna entre o prescrito e o real” (Dejours, 2004, p. 64). Para preencher essa lacuna é preciso que o trabalhador use sua criatividade e inventividade, o que Dejours (2004) chama de engenhosidade. Sendo assim, o sujeito precisa tentar produzir um saber fazer que é seu.

“Não é só cavar e colocar o povo num buraco” (Sepultador 1).

“Aqui é assim, a gente bota dez (10) no chão e oito (8) na gaveta, às vezes é cinco (5) no chão e dez (10) na gaveta, é assim sabe? É misturado, pode chover ou fazer sol, igual cantiga do grilo que a gente faz nosso serviço”. (Sepultador 5).

Nestas falas os sepultadores mostram quanto o trabalho vai além do que se pensa que eles fazem. Ao que parece para a maioria das pessoas um enterro tem uma série de variabilidades e constrangimentos que o trabalhador tem que dar conta. Para os sepultadores cada enterro envolve um conjunto de tarefas que ele desenvolve a partir do seu conhecimento já adquirido com os vários anos de trabalho, porém o abrir de uma cova envolve um trabalhar que pode ser ato cheio

de dificuldades, como num dia de sol forte ou frio, como também há situações em que as pessoas pressionam para que o local que pronto de modo imediato. Fazer um enterro envolve um conjunto de escolhas e decisões por parte do trabalhador, fazer cinco (5) ou mais enterros extrapolam qualquer tipo de prescrição externamente determinada ou mesmo aquelas construídas pelos próprios sepultadores. Nestas situações os trabalhadores agem, usam de sua engenhosidade e sabedoria para lidar com as situações inusitadas de cada enterro e com os aspectos da sobrecarga física e psíquica.

O trabalho envolve valores, saberes e atividade. E a atividade envolve o agir que regula esses dois elementos. Durrive (2011) afirma que *“a norma tem duas fontes: os saberes e os valores”*. Segundo Schwartz e Durrive (2010), o trabalho é também reconhecido por um lugar de debate, de possibilidades e negociações, onde seguir estritamente as prescrições/normas é impossível e o ser humano busca sempre refazer o meio, torná-lo seu, renormalizar. Submeter-se inteiramente ao meio é algo inimaginável. Portanto, a renormalização é um retrabalho permanente das normas.

2. “Fazer o trabalho que pouca gente quer”: o trabalho na visão dos sepultadores

Os sepultadores perguntados sobre como é o seu trabalho trouxeram várias percepções e representações sobre o que fazem. No computo geral podemos dizer que a avaliação que fazem sobre o seu trabalho realça o seu aspecto negativo.

“...Bom, não é um trabalho fácil viu? É sofrido e quase ninguém gosta do que a gente faz, né? Não é só cavar e colocar o povo num buraco...” (Sepultador 1).

“Eu digo que é fazer o trabalho que pouca gente quer” (Sepultador 2).

“Ser sepultador é fazer um trabalho muito difícil e não reconhecido pelo ser humano” (Sepultador 3).

“É um trabalho que não existe para o mundo, mas todo ser humano vai embora pela mão da gente” (Sepultador 4).

“Eu quando comecei eu comecei como jardineiro, depois vim pra aqui, o cemitério ninguém quer vir então eu vim, vim e por aqui fiquei mermo, aqui é tudo tranquilo, fiquei como sepultador e pronto” (Sepultador 5).

“Meu ganha pão é trabalhar com isso. Não sei até quando vou aguentar. O trabalho é duro” (Sepultador, 6).

Com as falas expostas podemos verificar que eles classificam seu trabalho como sendo difícil, sofrido e mal avaliado pela população. Pode-se dizer que eles avaliam seu trabalho como repugnante já que dizem que é um trabalho que “quase ninguém gosta”, “que pouca gente quer”. Avaliam o trabalho como desvalorizado e invisível, “É um trabalho que não existe para o mundo”. Um deles realça que o trabalho é imprescindível “...mas, todo ser humano vai embora pela mão da gente”. Em outra fala um sepultador entrevistado disse que não foi difícil conseguir o emprego de sepultador, já que não lhe foi exigida nenhuma qualificação “...o cemitério ninguém quer vir então eu vim, vim e por aqui fiquei mermo...”. Outro entrevistado ressaltou em sua fala o quanto seu trabalho é pesado e penoso “(...) Não sei até quando vou aguentar. O trabalho é duro”. Mais a frente, em outra categoria vamos mostrar o sofrimento psíquico que eles sentem ao fazer determinados enterros, mas que aqui este sepultador já aponta o aspecto penoso do trabalho.

O trabalho é uma categoria contraditória que contém elementos objetivos e subjetivos que podem afetar negativamente a vida dos trabalhadores, mas pode, também, ser o elemento em si de realização das pessoas a partir da contribuição de cada um a organização do trabalho com a contrapartida de seu reconhecimento. Portanto, depende de como a organização do trabalho é praticada, vivenciada individual e socialmente, para que o trabalho influencie o processo saúde-doença. É através do trabalho que a sociedade satisfaz suas necessidades de sobrevivência e aqueles que são os responsáveis pela engrenagem da produção material e imaterial conseguem se constituir enquanto pessoas.

O realce pela maioria dos sepultadores dos aspectos mais desfavoráveis do trabalho se deve em grande parte ao modo como o seu trabalho é encarado pela sociedade. Historicamente, o modo de lidar com a morte na sociedade ocidental modificou-se ao longo do tempo. De acordo com Combinato e Queiroz (2009), a morte, na Idade Média, era vista como algo natural, fazendo parte do convívio social. Já a partir da Modernidade, a visão que se tinha sobre ela foi alterada e cada vez mais os mortos foram sendo afastados da sociedade.

Motta explicita a dificuldade de se conviver com cadáveres em nossa cultura: “uma das primeiras práticas socioculturais de que se têm notícia é a ocultação do cadáver como meio de preservar os vivos da decomposição de seus mortos” (Motta, 2009, p. 73). Esta visão afeta o modo como os sepultadores são percebidos e tratados pela sociedade, já que eles têm contato direto com os corpos mortos.

2. **“(...) Poucos olham pra gente, o que olha, olha com nojo (...)”**: Preconceitos, invisibilidade do trabalho do sepultador.

A maneira como a morte é vista pelas pessoas tem se alterado, de forma gradual e lentamente, pois, à medida que as sociedades passam por transformações, os rituais em torno da morte também mudam (Menezes & Gomes, 2011). Segundo Veras e Soares (2016), com as transformações sociais, a responsabilidade de cuidar dos preparativos para o funeral, antes atribuída à família e à comunidade, foi transferida para o Estado e instituições que possuem um caráter técnico, profissional e até mercantil, fomentando, assim, a indústria funerária e a mercantilização da morte.

Um aspecto importante relacionado a algumas das profissões ligadas ao tema da morte como, por exemplo, o sepultador, refere-se ao fato de elas serem vistas como um trabalho sujo (Ashforth & Kreiner, 2013; 2014). Particularmente, o conceito de trabalho sujo (Dirty Work) foi elaborado por Hughes (1951) e diz respeito àquelas ocupações laborais tidas como depreciadas, estigmatizadas e desprovidas de prestígio e visibilidade social. Segundo Ashforth e Kreiner (2014), profissionais como tatuadores, zeladores, açougueiros, prostitutas, coletores de lixo, dentre outros, são tidos como inferiores e sujos por desempenharem tarefas vistas como nojentas e depreciativas perante a sociedade. Ainda segundo estes mesmos autores, além desses profissionais, também podem ser citados aqueles que exercem atividades diretamente relacionadas à morte como, por exemplo, os sepultadores e os agentes funerários.

A antropóloga e socióloga Érica Silva afirma, em seu trabalho sobre os sepultadores de um cemitério em Florianópolis, que: o mesmo tabu que recai sobre a morte e os mortos incide sobre eles. Além de marginais, esses profissionais são também discriminados. Situam-se num espaço fronteiro: vivem da morte. Impuros e perigosos são considerados socialmente inadequados. Em nome da higienização moderno-contemporânea, esses homens-tabus, assim como o lixo e os presos, devem ser expurgados do convívio social (Silva, 2009, p. 246). Ashforth e Kreiner (2014), buscando expandir a abordagem referente à teoria do trabalho sujo, elaboraram três categorias de estigmas, pensadas a partir de perspectivas sociais, culturais, práticas e conceituais. A primeira categoria atrela-se ao aspecto físico, à sujeira física; ela ocorreria em ocupações (sepultador, coletor de lixo ou de papel, mineiro etc.) que são realizadas sob condições perigosas, nocivas ou relacionadas ao lixo, à morte e ao esgoto.

Segundo Pinheiro, Fischer & Cobianchi (2012), os sepultadores são invisíveis ao público, eles ficam encarregado do trabalho sujo e de manter invisível a família ali presente que está de luto, não podendo demonstrar qualquer sentimento, opinião ou fala para não interferir com o momento. Já (Franco, 2008) aborda que a ideia de sujidade, repugnância e fetidez confere a esta profissão uma falta de reconhecimento social e um desprestígio considerável, como se fosse motivo de vergonha possuir a profissão que eles possuem.

Daí advém a discriminação com a profissão pela relação e contato que esta detém com dejetos ou cadáveres (Barros & Silva, 2004; Kovács, Vaiciunas, & Alves, 2014), considerado o objeto de trabalho, neste caso o corpo morto, inferior, impuro, infectado, indigno e intocável (Barros & Lhuilier, 2013; Simonet, 2011).

Em face do exposto, os estigmas, preconceitos e a invisibilidade social atribuída à profissão de sepultadores surgem a partir da visão da sociedade sobre a morte e devido a está categoria estar associada a uma ocupação que realiza atividades tidas, a partir da ótica social, como indignas, humilhantes, sujas, pesadas e desprestigiadas (Monteiro, *Pereira, Oliveira, Lima, Carrieri*, 2017). O modo como às pessoas veem estes trabalhadores é retratado nas falas dos sepultadores.

“Ah eu já ouvi tanta coisa que se eu fosse pensar nisso eu não tava aqui, né? É cara feia, é cochichado das famílias, povo que vira a cara da sua na rua. Isso deixa o cara pra baixo, mais eu preciso fazer minha feira, né? É daqui que eu tiro o dinheiro da minha feira e eu gosto do que eu faço.” (Sepultador 1).

“Mas o povo nem sempre é assim, né? O povo que vem enterrar sua família faz de conta que a gente é tudo fantasma, sabe? Poucos olham pra gente, o que olha, olha com nojo às vezes e quando agradecem a gente é um milagre muito grande (risos).” (Sepultador 2).

Em suas falas eles ressaltam como são ignorados, invisibilizados em seu fazer, apesar da objetividade de sua prática e de sua presença indispensável neste ato. Neste sentido, esses profissionais, ao fazerem parte do ritual de passagem realizando os sepultamentos, desenvolvem um modo específico de mobilização subjetiva para lidar com as famílias enlutadas que representa um momento difícil para as mesmas. Esta mobilização subjetiva permite que façam seu trabalho sem ser quase percebido, além de protegê-los emocionalmente por não ter seu trabalho reconhecido. Os entrevistados relatam a falta de reconhecimento pela sua profissão visto a sua grande necessidade à sociedade.

“Elas difamam muito a imagem de um sepultador, ou melhor, essa profissão nem existe para sociedade. A última pessoa que pensam é neste profissional. Mas, o que acham lá fora, não me importa. Minha família me entende e aceita meu emprego. Me sinto feliz aqui dentro, gosto do meu trabalho e o faço com amor.” (Sepultador 4).

“Quando vou visitar minha família nesses feriado ai que tem, né?, eles perguntam: ‘rapaz tu tá trabalhando de que mesmo?’ Aí eu digo que estou trabalhando no cemitério. Aí eles se assustam, ficam meio esquisito. Aí eu digo que estou me dando muito é bem, melhor do que quando eu era empregado. Meu dinheiro aumentou. Então o povo pode até olhar torto para mim, mas meu trabalho é honesto.” (Sepultador 6).

A falta de reconhecimento social e o preconceito pela profissão de sepultador não abala o interesse dos trabalhadores pelo que fazem e nas falas eles trazem algumas justificativas para continuar. Para o sepultador 4 a família é um suporte que fortalece o sentimento de gostar da profissão; já para o sepultador 6 o que faz a diferença da sua satisfação em ser sepultador deve-se ao fato de exercer um “trabalho honesto”.

Os entrevistados fazem questão de enfatizar em suas falas que não se trata de um trabalho fácil, corroborando assim a análise de que se trata de um trabalho penoso e bastante rejeitado pela sociedade, que fortalece esse caráter discriminatório e estigmatizador destes profissionais. Os sepultadores ressaltam que as pessoas não têm a verdadeira dimensão do que de fato fazem em seus ambientes de trabalho; um deles deixa bastante claro que sua função não é apenas enterrar pessoas.

“Aqui né fácil não, viu? Aqui a gente faz exumações, retira os ossos dos caixões, lava com água e álcool e guarde em ossuários por um tempo. Aqui a gente faz mais do que o povo pensa que a gente faz, né? Num é só enterrar sabe? A gente também constrói os mausoléus, faz as decoração com pedra e cimento e as covas como você sabe.” (Sepultador 3).

O preconceito social é apenas um dos elementos associados à profissão do sepultador. Há ainda a exposição cotidiana à morte, um dos fenômenos que mais geram angústias às pessoas. Nesse sentido, a noção de “impureza” de seu trabalho, para Zelenovic (2008), está relacionada principalmente ao caráter ameaçador e angustiante da morte. Lidar com o cadáver é lidar com uma referência concreta da morte, pois “os cadáveres não são apenas corpos sem vida, são a materialização da morte, a sua expressão e o seu veículo” (Zelenovic, 2008, p. 27).

Podemos destacar que esse fator morte pode causar algum tipo de sofrimento a estes trabalhadores. Kovács afirma em um documentário do National Geographic Channel, exibido no ano de 2013, chamado de “Tabu Brasil: Cadáveres” que “há um medo de contaminação psíquica também da morte”. A morte causa nojo, repulsa e horror e de certa forma o mal-estar relacionado a ela, acaba sendo “transferido” para os trabalhadores, sujeitos do contexto em que vivem. Como consequência disso há desvalorização deste tipo de trabalho e a falta de cuidado para com esses profissionais, podendo causar desgastes emocionais.

De acordo com Souza e Boemer (1998), em seu artigo sobre o significado do trabalho funerário, o fato de lidar com os mortos não é uma tarefa fácil para os trabalhadores, pois gera sentimentos de desconforto e pode desencadear alguns problemas de saúde como “dores de cabeça, dificuldades para dormir e alimentar-se, tomar decisões, pensar com clareza, cansaço constante e pensamentos depressivos” (Souza & Boemer, p. 30). Nas falas dos entrevistados identificamos essa visão de como é lidar com a morte e não ser percebido.

“... A roupa que uso aqui eu só uso aqui. Visto ela e varia de dia pra dia, às vezes quando a gente chega já tem coisa pra fazer e às vezes não. Mais a gente vai limpar os túmulos que tiver pra limpar, né? Pega a inchada, pá, carroça e vai. Quando chega gente pra enterrar a gente já deixou pronto o lugar que vai, né? Antes a gente já cavou quando é cova, quando é gaveta a gente também já deixou aberto e limpo...” (Sepultador 1).

Observa-se na fala deste sepultador o trabalho penoso realizado por ele e que fica invisível aos olhos do público. Antes das pessoas chegarem para as solenidades de despedida de seus entes querido, são os sepultadores que fazem todo o trabalho dito “sujo”. Em todo o trabalho de preparação do enterro o trabalhador realiza sua atividade que envolve várias tarefas e ações singulares para questões que aparecem no cotidiano. Lida com terra, poeira, restos de caixão, ossos de corpos, insetos, entre outros elementos de sua situação de trabalho que não são levadas em consideração pelas pessoas que avaliam seu fazer. É como diz o sepultador 1: “Quando chega gente pra enterrar a gente já deixou pronto o lugar”. Por ser uma categoria de trabalho classificada como “trabalho sujo”, essa característica fica clara quando ele enfatiza a importância de utilizar sua roupa de trabalho apenas no seu ambiente de trabalho.

Apesar de conviver com questões relacionadas à morte (enterro, caixão, choro, despedida, etc.), com a invisibilidade, preconceito do seu trabalho os sepultadores não sucumbem ao

sofrimento. Eles são ativos e para aguentarem a vivência do invisível elaboram as estratégias de defesa individual e coletiva.

Segundo Dejours (2004), as estratégias coletivas de defesa no trabalho proporcionam aos trabalhadores a capacidade de resistir ao sofrimento advindo do trabalho. Elas surgem na cooperação entre trabalhadores para superarem as contradições desse contexto. De acordo com Souza e Lisboa as estratégias levam a modificações, transformações e, em geral, à eufemização da percepção que as pessoas têm da realidade que as faz sofrer. Elas objetivam mascarar, conter e ocultar um sofrimento.

Durante a realização das entrevistas, ficou clara a existência dessas estratégias de defesa no trabalho destes sepultadores, por que elas possibilitam a continuidade de suas funções ocultando e mascarando a possibilidade de adoecimento relacionado ao trabalho. As brincadeiras funcionam como amortecedor das vivências carregadas de emoção que vivem cotidianamente.

Segundo Dejours (2004), as estratégias coletivas de defesa no trabalho proporcionam aos trabalhadores a capacidade de resistir ao sofrimento advindo do trabalho. Elas surgem na cooperação entre trabalhadores para superarem as contradições desse contexto. De acordo com Souza e Lisboa as estratégias levam a modificações, transformações e, em geral, à eufemização da percepção que as pessoas têm da realidade que as faz sofrer. Elas objetivam mascarar, conter e ocultar um sofrimento. Dessa forma, as defesas configuram uma forma de adaptação às pressões do meio (Souza & Lisboa, 2002, p. 427).

Embora as estratégias de defesa detectadas tenham um caráter coletivo e possibilitem aplacar o sofrimento não permitindo que padeçam no adoecimento psíquico, a transformação das situações de trabalho não ocorre. Dia após dia os sepultadores convivem com as mesmas situações de trabalho já que estão adaptados as condições e organização do trabalho vigentes. Por ser considerado um trabalho desqualificado, indesejável, penoso e sujo que causa horror e nojo em grande parte da sociedade suas demandas objetivas e subjetivas não são devidamente levadas em consideração.

Neste sentido, os estigmas, preconceitos e a invisibilidade destes profissionais são evidenciados tanto por parte do público que utiliza dos seus serviços, como da gestão que faz a coordenação do trabalho dos sepultadores. Algo que nos chamou atenção foi o fato de que durante a entrevista com um desses profissionais nos foi afirmado que depois de anos de trabalho ninguém nunca tenha parado para perguntar como realizava suas atividades. O mesmo, também,

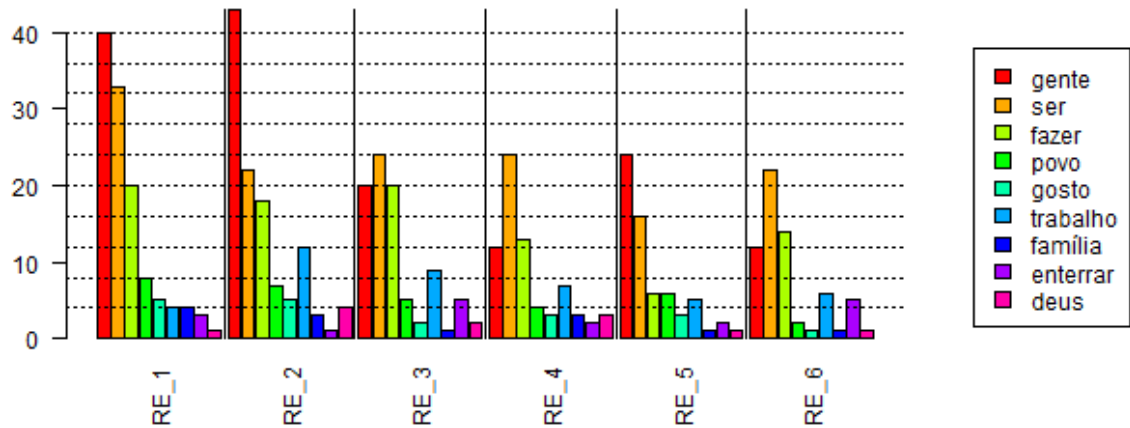
esboçou que entendia essa falta de interesse da sociedade: porque ninguém queria ouvir o que ele realizava diariamente naquele cemitério.

Na visão deste trabalhador este fato evidencia a profissão como indigna, humilhante, suja, pesada e desprestigiada (Monteiro et al., 2017). Franco (2008) aborda o esquecimento social que a profissão cemiterial possui, pela relação que a mesma estabelece com o tema morte, o que por si só provoca desvalorização e esquecimento social. Apesar da sua clara necessidade para qualquer sociedade, que o trabalho cemiterial possui, os trabalhadores são constantemente desvalorizados pelo seu trabalho. (Souza & Boemer, 1998).

Suas falas, como já enfatizamos, relatam essa visão que a sociedade possui deles. Tabulando a frequência das palavras que mais apareciam nas falas dos sepultadores chegamos a seguinte tabela.

Figura 1

Palavras Percebidas com Mais Frequência na Fala dos Sepultadores



Nota. Figura elaborada com base nos dados da pesquisa.

Analisando a tabela percebemos nas seis (6) entrevistas que a palavra **gente** desponta nas frequências mostrando que a todo o momento eles se referiam ao coletivo de sepultadores. Em nossa análise a maior frequência desta palavra deve-se ao fato de o coletivo de trabalho ser um elemento de sustentação e permanência destes trabalhadores no ambiente trabalho. Eles dizem em suas falas gostar do trabalho, que a família é um elemento de apoio para continuarem nesta atividade, mas o coletivo de trabalho dos sepultadores permite que possam cooperar para a realização do trabalho. Este fato viabiliza a construção das regras de trabalho que estruturam o seu fazer, possibilitam a elaboração das estratégias de defesa que permitem a eufemização do

sofrimento e que são obedecidas por todos, além do que tudo isso organiza o viver junto. A nossa tese é que este viver junto permite a manutenção da saúde mental e, portanto, continuar trabalhando como sepultador.

Na tabela ainda podemos verificar que, em seguida, aparecem as palavras **ser** e **fazer**, inferindo que destacam o lado objetivo do trabalho, mas, também, a necessidade de serem reconhecidos. A exposição da palavra **povo** pode ser referenciada a questão da demanda de sua atividade, que é atender ao público, é a menção às relações sociais que mantém no ato do seu fazer.

Apesar de todo este contexto de desvalorização e situações de trabalho que produzem sofrimento os sepultadores encontram elementos positivos que os fazem sentir satisfação pelo que fazem e algum reconhecimento. Alguns dos sepultadores justificam sentir satisfação no trabalho porque gostam do que fazem.

“Eu tô aqui porque eu quero, eu gosto do meu trabalho, não tenho vergonha de dizer que sou sepultador e o que faço.” (Sepultador 2).

“Eu gosto do que eu faço, faço tudo com amor pra agradar as pessoas, só que nem Jesus agradeu todo mundo, né?” (Sepultador 4).

Outra justificativa apresentada pela satisfação do trabalho é pela possibilidade de garantir o sustento da família.

“Quando recebo meu dinheiro pra fazer minha ferinha todo mês é quando fico satisfeito.” (Sepultador 2).

“Deus que me deu isso aqui pra sustentar minha família, sou agradecido demais...” (Sepultador 4).

Outros sepultadores justificam sua satisfação pelo trabalho devido a oportunidade de ter conseguido o emprego no cemitério.

“Muito feliz, hoje a gente não pode tá escolhendo serviço não. Tem tanta gente ai sem conseguir trabalho que isso aqui pra mim tá bom demais...” (Sepultador 2).

“Antes daqui eu vivia de bico, hoje agradeço demais a Deus por isso aqui...” (Sepultador 3).

“Se foi isso que Deus me deu então eu só posso agradecer a Ele...” (Sepultador 6).

Estas falas mostram a resignação em relação ao trabalho que possui e revelam as dificuldades de se conseguir emprego em nossa região, principalmente para quem não tem

qualificação e instrução mais alta. Estar empregado de modo formal, efetivo para eles é um fato de extrema importância em suas vidas.

Contraditoriamente um deles disse que se sentia satisfeito pelo que faz, porém não gostaria que outra pessoa da família trabalhasse em cemitério.

“Acho que não, não quero meus filho aqui, mas eu gosto daqui...” (Sepultador 3).

O sepultador 5 quando perguntado se sentia realizado profissionalmente respondeu que: “Pra mim não tem coisa melhor, gosto muito daqui”, entretanto, paradoxalmente, ao ser inquirido sobre o que mais lhe dá prazer em seu trabalho, ou, ainda, qual momento de seu trabalho que mais lhe proporciona satisfação profissional, respondeu: “Quando saio daqui e tiro a roupa de sepultador e posso pagar uma cervejinha pra tomar, né? (risos).”

Apesar da contradição é compreensível as respostas na perspectiva da psicodinâmica do trabalho. Ele tem um apreço considerável pelo trabalho já que desenvolveu no ambiente laboral um modo de viver junto e partilha regras e estratégias de enfrentamento dos constrangimentos do trabalho. Por outro lado, usufrui da recompensa econômica obtida pelo seu fazer.

Os sepultadores, ainda, justificam a satisfação pelo seu trabalho pela boa relação que mantém com seus colegas de trabalho e com os administradores dos cemitérios. Os sepultadores, também, referiram o reconhecimento do trabalho pelos colegas de trabalho e a gerência do cemitério e até mesmo em raros momentos de reconhecimento do público.

“Ah doutor, aqui todo mundo é bacana, a gente parece uma família, todo mundo se respeita, né?” (Sepultador 1).

“Já recebi elogio sim. Uma vez um home agradeceu quando terminamo a exumação do pai dele porque achar alguém que fizesse uma coisa dessa é muito difícil, só que é nosso trabalho, né? A gerencia trata a gente muito bem...” (Sepultador 3).

“Aqui todo mundo se gosta, num tem intriga de nada, todo mundo se dá bem. E agradecido eu sou muito a Deus, né? Ele que me deu isso aqui.” (Sepultador 5).

“Reconhecimento é difícil ter, numa hora de dor eu acho que eu sou o último a ser lembrado e o primeiro a que o povo queira esquecer pra não lembrar da dor de não ter mais seu parente, né? Mais do pessoal do cemitério mesmo e da gerencia a gente é tratado bem até demais.” (Sepultador 6).

Nesta última fala o sepultador 6 justifica a raridade do reconhecimento do trabalho pelo público em face do momento de pesar pela perda de um familiar que causa bastante comoção

peçoal. Quase todos os entrevistados se referiram ao reconhecimento por parte da gerência e dos colegas o que mostra que a cooperação é um aspecto do trabalho destes profissionais que funciona nesta atividade e que lhes permite continuar trabalhando e não desistir de tão difícil profissão.

Conclusão

Os dados da pesquisa evidenciam que os sepultadores entendem que seu trabalho vai muito além do que a sociedade pensa que eles fazem. Sua atividade é bem mais do que apenas abrir ou fechar uma cova, envolve um conjunto de atos e usos, relações sociais com o público interno e externo, engajamento de si de forma objetiva e subjetiva. Sua atividade possui uma carga física e emocional que cada enterro traz diariamente para o cemitério carregado pelas famílias enlutadas e pelas tarefas externamente determinadas. O sepultador tem que diretamente ou indiretamente saber lidar com essas questões, entendendo que nenhum deles foi treinado ou preparado para todas essas variantes do seu trabalho. É na atividade que vão descobrindo as variabilidades e constrangimentos e buscando as formas de lidar com cada situação.

No que diz respeito à invisibilidade que permeia esta profissão, verificamos no depoimento de cada sepultador que eles classificam esse aspecto de sua atividade como algo bastante sofrido, difícil e desalentador. Em alguns depoimentos expressaram que a repugnância das pessoas por sua função deve-se ao fato de não ser um trabalho desejado e disputado, além de desvalorizado e invisibilizado. Exercem uma função “que pouca gente quer”. Identificamos uma resignação em relação a sua invisibilização no espaço de trabalho e a falta de reconhecimento quando afirmam a importância do emprego para sua subsistência e da família. Embora a função destes profissionais tenha uma importância para a sociedade o ambiente de trabalho e todos os aspectos que rondam o imaginário social sobre este local evoca sentimentos de repugnância, pavor, medo e insegurança. Em nosso entendimento estes trabalhadores são vítimas de preconceitos da sociedade que usa seus serviços, mas não valoriza a complexidade do seu fazer e sentir.

A pesquisa nos mostrou que mesmo diante da invisibilização, dos preconceitos e dos sofrimentos enfrentados, os sepultadores dizem estar satisfeitos com o seu trabalho. Os principais motivos elencados por eles para esta satisfação vêm principalmente da possibilidade de garantir

um salário certo no final do mês, de poder sustentar a família e, pela oportunidade de estar empregado. Portanto, a satisfação está bem relacionada com os motivos de sobrevivência pessoal e familiar em uma região pobre e cujas oportunidades de emprego fixo, sistemático e sustentável são escassas.

Os dados mostram, ainda, que os sepultadores sentem-se reconhecidos, principalmente pelos pares e gerência. Contudo, o reconhecimento que vem do público é mais escasso. Esta pesquisa encontrou nas falas de cada sepultador entrevistado o sentimento de tristeza e, em alguns momentos, revolta por serem ignorados e invisibilizados pela sociedade em sua atividade, mesmo sabendo da incontestável importância que sua profissão possui. Apesar disso, eles buscam se mobilizar subjetivamente de uma maneira específica para conseguirem lidar com todas essas situações vivenciadas diariamente, permitindo a eles que realizem sua atividade sem serem notados, protegendo-os emocionalmente dos constrangimentos do trabalho, da falta de reconhecimento do público pelo seu trabalho. A cooperação com os colegas de trabalho e apoio da gerência administrativa fortalece o viver destes trabalhadores num contexto tão invisível.

Referências

- Albornoz, S. (2008). *O que é trabalho*. São Paulo: Brasiliense.
- Ashforth, B. E.; Kreiner, G. E. Dirty Work and Dirtier Work: Differences in Countering Physical, Social, and Moral Stigma. *Management and Organization Review*, 10 (1), p. 81-108, 2014.
- Ashforth, B. E.; Kreiner, G. E. Profane or profound? Finding meaning in dirty work. In B. J. Dik, Z. S. Byrne & M. F. Steger (Eds.), *Purpose and meaning in the workplace*: p. 127–150, 2013. Washington, DC: American Psychological Association.
- Ashforth, Blake, E. e Glen Kreiner. 1999. “How Can You Go It?": Dirty Work and the Challenge of Constructing a Positive Identity". *Academy of Management Review* 24 (3): 413-434.
- Ashforth, Blake, E., Glen Kreiner, Mark Klark e Mel Fugate. 2007. “Normalizing Dirty Work: Managerial Tactics for Countering Occupational Taint”. *Academy of Management Journal* 50 (1): 149-174.
- Bardin, L.(2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

- Barros, V., A., & Lhuilier, D. (2013). Marginalidade e Reintegração Social: O trabalho nas prisões.
- Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações 2002. Brasília: MTE, 2002.
- Cativo, C. K. V. (2015). Trabalho e morte: estudo sobre as condições de vida e saúde dos coveiros do município de Parintins.
- Combinato, D. S; Queiroz, M. C. Morte: uma visão psicossocial. Estudos de Psicologia, Natal, v. 11, n. 002, p. 209-216, maio-ago. 2009
- Costa, Fernando Braga. Garis: um estudo de psicologia sobre invisibilidade pública. 2002. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- Cunha, Daisy M. Notas conceituais sobre atividade e corpo-si na abordagem ergológica do trabalho. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30, 2007, Caxambu. Anais... Caxambu: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 2007. p. 1-15.
- Daniellou, F. (2004). A ergonomia em busca de seus princípios debates epistemológicos. In *A ergonomia em busca de seus princípios debates epistemológicos* (pp. 244-244).
- de Barros, V. A., & da Silva, L. R. (2004). Trabalho e cotidiano no Instituto Médico Legal de Belo Horizonte/Work and daily life in the Legal Medical Institute of Bleo Horizonte. *Psicologia em Revista*, 10(16), 318-333.
- Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Production*, 14(3), 27-34.
- Dejours, C. (2007). A psicodinâmica do trabalho na pós-modernidade. *Diálogos em psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Paralelo, 15(2).
- Dejours, C. (2008). Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: Lancman, S., Sznelwar, L. I. (Orgs.). Christophe Dejours: da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho. Brasília: Paralelo 15
- Duraffourg, J. (1998). Um robô, o trabalho e os queijos: Algumas reflexões sobre o ponto de vista do trabalho. Em Dieese, Emprego e Desenvolvimento Tecnológico: Brasil e contexto internacional . (pp. 123-144), São Paulo.
- Durrive, L. (2011). A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastrè e Yves Schwartz. *Trabalho, educação e saúde*. 9, 1, 47-67.

- Ferreira, M. C., & Mendes, A. M. (2003). Trabalho e riscos de adoecimento: o caso dos auditores-fiscais da previdência social brasileira. Brasília: Ler, Pensar e Agir.
- Fischer, M. C. B., & Triba, L. (2009). De olho no conhecimento “encarnado” sobre trabalho.
- Franco, C. (2008). A Cara da Morte: Imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUS/SP, Brasil.
- Guérin, F., Kerguelen, A., & Laville, A. (2001). *Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia*. Editora Blucher.
- Honneth, A. 2003a [1992]. *Luta por reconhecimento : a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo : ed. 34.
- Honneth, Axel (2006) [2004] *La Société du mépris. Vers une nouvelle théorie critique*, traduzido do alemão para o francês por Olivier Voirol, Pierre Rusch e Alexandre Dupeyrix. Paris: Éditions La Découverte.
- Hughes, E. Work and the Self. In J. H. Rohrer & M. Sherif (Eds.), *Social psychology at the crossroads* (p. 313-323). New York: Harper, 1951.
- Kovács, M. J., Vaiciunas, N., & Alves, E. G. R. (2014). Profissionais do serviço funerário e a questão da morte. *Psicologia: Ciência e profissão*, 34(4), 940-954.
- Kreiner, Glen, E. Blake Ashforth e David Sluss. 2006. “Identity Dynamics in Occupational Dirty Work: Integrating Social Identity and System Justification Perspectives”. *Organization Science* 17 (5): 619-636.
- Lancman, S., & Sznelwar, L. I. (2004). Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (pp. 346-346).
- Mendes, A. M. (2007). Pesquisa em psicodinâmica do trabalho: a clínica do trabalho. In A. M. Mendes (Org.). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. (pp. 65-87). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mendes, D. P. (2014). O agir competente como estratégia de gestão do risco de violência no trabalho: o ponto de vista da atividade humana de trabalho dos técnicos de enfermagem de uma instituição pública psiquiátrica.
- Menezes, R. A., & de Campos Gomes, E. (2011). “Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. *Revista de Antropologia*, 89-131.

- Monteiro, D. F. B., Pereira, V. F., de Oliveira, L. L., Lima, O. P., & de Pádua Carrieri, A. (2017). O Trabalho Sujo com a Morte, o Estigma e a Identidade no Ofício de Sepultador. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 6(1).
- Motta, Antonio. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24, n. 71, p. 73-93, 2009.
- Pinheiro, F.; Fischer, F. M.; Cobianchi, C. J. (2012). Work of gravediggers and health. *Work*, 41 (1), p. 5819-5822, 2012.
- Rodrigues, José Carlos. 2006. *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Schwartz, Y. (2014). Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. *Letras de hoje*, 49(3), 259-274.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2010). Trabalho e ergologia. *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana*, 2, 25-36.
- Seligmann-Silva, E. (2011). Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo. In *Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo* (pp. 622-622).
- Silva, É. Q. (2009). E a tristeza nem pode pensar em chegar... *Revista Antropológicas*, 20(1), 11.
- Simonet, P. (2011). L'Hypo-socialisation du mouvement: prévention durable des troubles musculo-squelettiques chez des fossoyeurs municipaux. Docteur du Conservatoire National des Arts et Métiers, Conservatoire National Des Arts et Metiers, França
- Souza, K. C. C. D., & Boemer, M. R. (1998). O significado do trabalho em funerárias sob a perspectiva do trabalhador. *Saúde e Sociedade*, 7, 27-52.
- Souza, Norma Valéria Dantas de Oliveira; LISBOA, Marcia Tereza Luz. Compreendendo as estratégias coletivas de defesa das trabalhadoras de enfermagem na prática hospitalar. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 6, n. 3, p. 425-435, 2002.
- Sznelwar, L. I., Uchida, S., & Lancman, S. (2011). A subjetividade no trabalho em questão. *Tempo social*, 23(1), 11-30.
- Thompson, William, E. 1983. "Hanging Tongues: A Sociological Encounter with the Assembly Line". *Qualitative Sociology* 6 (3): 215-237.
- Veras, L., & Soares, J. C. (2016). Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 226-236.
- Veras, L., & Soares, J. C. (2016). Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 226-236.

Zelenovic, C. C. C. M. (2008). *Representações e emoções de sepultadores portugueses face à morte* (Doctoral dissertation, [sn]).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco principal dessa dissertação fora identificar e discutir a situação de trabalho do sepultador, a partir dos relatos destes profissionais e das análises observacionais feitas durante a realização da pesquisa.

Tratando-se de uma categoria profissional enquadrada em um conceito conhecido por “Trabalho sujo”, defendido por Ashforth e Kreiner (1999), os sepultadores fazem parte de um bastidor de profissionais que sua função é lidar com o que é rejeitado pela sociedade, são encarregados de lidarem e neutralizarem aquilo que é objeto de negação, produzindo assim o trabalhador marginalizado e esquecido pela sociedade.

Os sepultadores são profissionais encarregados de dar destino aos mortos, que apesar de ser cultuado irão habitar um espaço que não é bem visto pela maioria da sociedade por suas características já elencadas. Por fazer parte deste espaço que é negativo no imaginário social é objeto de negação e por isso marginalizado ou esquecido.

Com a pesquisa pudemos constatar o descontentamento dos sepultadores com a forma que são vistos pela sociedade de um modo geral. Destacamos o preconceito que a profissão de sepultador possui e todo o seu estigma por lidarem com questões que a sociedade ainda trata de forma repugnante, pois, a palavra **morte** significa para muitos o fim e são esses profissionais que de forma indireta põem o fim nessas histórias. São figuras esquecidas pela sociedade por que segundo os sepultadores os cemitérios são lembrados apenas por sentimentos que remetem a dor, perda, sujeira, repugnância e total desprezo para com aqueles que ali estão.

Percebemos que a sensação de serem invisíveis ao público é bastante frequente, causado pelo “trabalho sujo” que realizam como sepultadores e por terem que se manterem invisíveis e

insensíveis, pelo menos externamente, perante as famílias enlutadas presentes no momento do sepultamento. São impossibilitados de demonstrarem qualquer sentimento, opinião ou algo que possa causar alguma interferência no momento de luto das famílias. Os aspectos da morte e sujidade imputadas ao trabalho que estes profissionais realizam são a causa de seu desprestígio social e profissional, considerando como se ser sepultador fosse uma escolha menos importante e até mesmo punitiva para aqueles que não possuem uma instrução que lhes permita exercerem outra profissão.

A pesquisa foi executada durante dois momentos distintos, porém, complementares e significativamente importantes. Iniciamos as visitas aos cemitérios, antes do período pandêmico da COVID-19 e posteriormente retomamos o contato com os mesmos sepultadores durante o período pandêmico. Pudemos confrontar as realidades encontradas antes e durante a pandemia para que pudéssemos analisar todo o impacto que a COVID-19 trouxe para esta categoria de trabalho que também está na linha de frente, mas, permanece esquecida em seu lugar de invisibilidade. Reiteramos que os problemas nas condições e organização do trabalho e suas repercussões físicas, mentais e sociais encontradas durante o primeiro momento de coleta de dados foi inflado durante o período pandêmico: as quantidades de enterros realizados cresceram em grande escala, momentos de tensão com familiares aumentaram pelo fato de não poderem acompanhar o sepultamento e nenhuma manifestação religiosa também foi permitida. Materiais de proteção aos sepultadores foram oferecidos o que é um ponto positivo, porém toda a vestimenta destes tornava-os ainda mais invisíveis as pessoas porque, se o contato e diálogo com os familiares enlutados já era raro, “camuflados” com todos os EPIs tornava tudo isso ainda mais difícil. Foi importante e necessário complementarmos as entrevistas com as informações colhidas no período pandêmico porque reverberou questões que já existiam, mas, se acentuaram; além de transformações que ocorreram durante toda a sua atividade que não existiam antes da pandemia. Possibilitando fazermos um comparativo com a realidade encontrada anteriormente a pandemia com a realizada durante a COVID-19.

No que se refere aos achados desta pesquisa: o risco físico por estarem expostos a ambiente com umidade, calor e ruídos elevados que pode produzir agravos a saúde como desidratação, queimadura solar, insolação, câncer de pele, lesões na retina, diminuição da acuidade auditiva bem como fadiga. Com relação aos riscos químicos, verificamos que os sepultadores mantêm contato com cal, cimento, rejantes e poeiras que em alguns momentos é

feito sem nenhuma proteção, que pode proporcionar o aparecimento de alergias, irritações nos olhos, dermatites e dermatoses, além de doenças respiratórias; além de álcool a 70% e álcool com gel. No que se refere aos bio sanitários, estão expostos a fungos, bactérias, vírus, parasitas, insetos e roedores, podendo originar doenças infectocontagiosas variadas bem como a própria COVID-19. Destacamos que algumas condições de trabalho sofreram considerável melhora durante a pandemia, através da entrega regular de EPIs esses profissionais passaram a estarem mais protegidos aos agentes físicos, químicos e bio sanitários por conta dessa proteção que lhes foi conferida apenas durante o período pandêmico. O que não os torna absolutamente seguros, principalmente por conta do contato com o vírus da COVID-19, muitos mesmo fazendo uso dos EPIs, não o utilizavam de forma adequada, ora por falta de treinamento adequado, ora por falta de adaptação aos equipamentos de proteção.

Ressalto também os fatores de risco psicológicos a que eles estão expostos: toda a sobrecarga emocional que inclusive aumentou durante a pandemia, o contato do trabalhador com o cliente que já era bastante escasso e com a pandemia ele ficou praticamente inexistente. Destaco também o contato do sepultador com a chefia e a sobrecarga de responsabilidades impostas a eles que anteriormente a pandemia já era significativa e que podia influir negativamente sobre a saúde mental dos sepultadores, sendo multiplicada durante a pandemia. Se eles já necessitavam ter cuidado durante todo o seu processo de trabalho, com a chegada da COVID-19 eles foram obrigados e aumentarem ainda mais o cuidado com eles mesmo, com o corpo a ser sepultado e também com a família enlutada que passou a ser cerceada do seu momento de luto por não poderem acompanhar o sepultamento de seu ente querido. Passaram a visualizar diariamente um aumento expressivo de sepultamentos causados pela pandemia, mesmo para eles que tentam produzir estratégias de defesa para com estes momentos específicos, por exemplo, tornou-se muito mais difícil produzirem novas ferramentas para superarem essa nova realidade trágica a que o mundo e inclusive eles estavam vivenciando.

Durante o contato feito com os sepultadores no período da pandemia, destacamos a falta de reconhecimento e valorização destes profissionais pelo público antes e mais ainda durante a pandemia. Os sepultadores levantaram o questionamento de que eles viam aplausos e reconhecimento da sociedade para com os profissionais da saúde, que é válido, porém a sociedade negligenciou a importância dos profissionais envolvidos com os trabalhos cemiteriais que também contribuem com sua válida e importantíssima atuação antes e durante a pandemia do

novo Coronavírus. Ressaltamos a importância destes trabalhadores que continuam sendo esquecidos e invisibilizados mesmo em um período em que muitos profissionais que estão na linha de frente são lembrados e homenageados.

O preconceito social é apenas um dos elementos associados à profissão do sepultador. Há ainda a exposição cotidiana à morte, um dos fenômenos que mais geram angústias às pessoas. Vivenciar a dor diariamente que está relacionado a morte produz nos sepultadores sensações e sentimentos que os trazem sofrimento por isso, os entrevistados buscam da maneira que podem, ou conseguem, criar estratégias de defesa coletiva e individual para burlar e suportar o sofrimento diário gerado pelo estigma preconceituoso de sua profissão e do contato diário com a morte. Dessa forma ressaltamos o quanto a pandemia foi prejudicial para os sepultadores ao observarmos que repentinamente todos esses fatores geradores de sofrimento foram consideravelmente aumentados pela pandemia, produzindo uma demanda de trabalho que anteriormente não existia.

Neste sentido, os estigmas, preconceitos e a invisibilidade destes profissionais são evidenciados tanto por parte do público que utiliza dos seus serviços, como da gestão que faz a coordenação do trabalho dos sepultadores. Todos os entrevistados afirmaram que nunca houve publicamente um reconhecimento por parte das pessoas do seu trabalho e da sua importância para a sociedade ao qual eles estão inseridos.

Identificamos a frieza e indiferença que lhes é imputada pelas famílias enlutadas, como se fossem invisíveis naquele espaço de dor, mesmo entendendo sua importância única e singular para com a sociedade por exercer esta função forçando-os a produzirem formas de mobilização subjetiva que os torne ainda mais invisíveis para a sociedade, em uma tentativa talvez não tão positiva de evitar todo esse preconceito e estigma vivenciados por eles diariamente. Pois, por se tornarem invisíveis em seu entendimento as pessoas não os veem e se não os verem ficam livres das palavras de ofensa recheadas de preconceito, ignorância, falta de educação e de respeito para com eles. Foi a estratégia de defesa subjetiva mais amplamente discutida e exemplificada por eles durante suas falas.

No decorrer desta pesquisa ressaltamos como os sepultadores são ignorados, esquecidos, marginalizados e invisibilizados por exercerem sua função. A falta do reconhecimento social e profissional que lhes cabem interfere no seu fazer diário porque em alguns relatos colhidos durante as entrevistas alguns se diziam desmotivados em alguns momentos em que se deparavam

com situações constrangedoras e preconceituosas para com eles. Porém, a falta desse reconhecimento não os impede de continuarem suas atividades como sepultadores, tampouco o sentimento de gratidão e satisfação por exercerem uma atividade digna, honesta e tão importante para a sociedade.

Existe também uma desinformação da sociedade para com o trabalho dos sepultadores, segundo eles o trabalho que realizam vai muito além do que cavar covas e enterrar pessoas. Através dos dados levantados durante a pesquisa através das falas dos sepultadores, identificamos que as funções deles perpassam pela limpeza de terrenos, escavação da cova, construção de gavetas, limpeza de túmulos e exumação de corpos. Cada função dessas desempenhadas por eles possui peculiar importância e dificuldade para realização que por diversas vezes os riscos inerentes a sua realização torna-se maior por negligência por parte da administração, da sociedade e até mesmo de alguns sepultadores. Desta forma, verificamos que o trabalho do sepultador vai além daquilo que lhe é prescrito e por estarem inseridos em uma organização do trabalho que possibilita cada um usar do seu saber/fazer e cooperar com os colegas de trabalho esses profissionais se reorganizam e se mobilizam de forma a transformar o caráter de sofrimento de seu trabalho.

Destarte a experiência viva dos trabalhadores ultrapassa as prescrições que buscam apropriar-se da dimensão invisível do cotidiano do trabalho, extrapola aspectos físicos, alcança a subjetividade, as relações interpessoais e a dimensão intersubjetiva mobilizada (Ferreira, 2011).

A precarização laboral identificada nas falas dos sepultadores é evidenciada pelo trabalho braçal e discutida por Tavares (2002, p.19), que destaca o “deslocamento do desenvolvimento na luta contra a pobreza, fazendo com que o emprego deixe de ser uma questão econômica para ser uma questão social, sem que a racionalidade do capital em nada se altere”.

A pandemia da COVID-19 trouxe para os cemitérios públicos uma nova realidade e bem mais cruel do que a que já existia, tudo o que já possuía um caráter deletério a saúde dos sepultadores foi intensificada. Se antes eles precisavam se mobilizar individualmente e/ou coletivamente para tentarem ressignificar o sofrimento presente em seu ambiente de trabalho, agora precisavam de novas ferramentas e estratégias defensivas que pudessem protegê-los dessa nova realidade que assola a humanidade nesse contexto pandêmico. A “blindagem emocional” construída pelos sepultadores como estratégia defensiva para evitar absorver os sentimentos de dor, sofrimento e perda das famílias enlutadas precisava ser maior e mais resistente porque a todo

o momento chegavam mais corpos de pessoas derrotadas pelo novo Coronavírus. Algumas dessas pessoas às vezes eram jovens, trabalhavam, possuíam uma vida “normal” e de repente foram contaminadas e vencidas pela COVID-19. Segundo os sepultadores, eram mortes inesperadas, perdas totalmente não planejadas e vivenciar esse sofrimento dessas famílias enlutadas não estava sendo uma tarefa fácil para estes profissionais conseguirem presenciar.

Após constataremos esses achados através dessa dissertação, destacamos a importância e relevância desses profissionais para a sociedade, porém, muitos se encontram hoje nessa profissão por não terem conseguido alguma qualificação em outra profissão socialmente mais valorizada, e que fosse menos penosa permitindo-lhes, assim, ascender. Contudo, identificamos a satisfação no trabalho do sepultador por estarem em um trabalho estável, principalmente para aqueles que eram concursados pela prefeitura da cidade e por meio deste trabalho conseguirem seus sustentos dignos e de sua família, além de poderem oferecer as pessoas que dependem do seu trabalho condições e oportunidades que a eles não puderam ser oferecidas. Dito isto, é inquestionável o quanto esses profissionais são importantes e dignos de total reconhecimento pela sociedade pela atividade que realizam e seu trabalho honesto. Mesmo rodeado diariamente por questões que para a sociedade ainda seja um tabu como o fator morte, eles permanecem ali, firmes e buscando diariamente exercer suas funções da melhor forma possível.

Destacamos a importância desta pesquisa especialmente, pela necessidade de proporcionar espaço de escuta e diálogo com os sepultadores da cidade de Campina Grande – PB visto que, trata-se de uma categoria de trabalho esquecida e invisibilizada pela sociedade. Até o presente momento esta pesquisa foi o primeiro espaço aberto para ouvir estes profissionais na cidade. Inclusive, foi por eles levantada essa questão durante os encontros, sendo a primeira vez que alguém proporcionava momentos de falas para que pudessem expor seus anseios, desejos, opiniões, tristezas, alegrias e tudo que envolvia diretamente e indiretamente o seu trabalho. Esta pesquisa contribui para que a sociedade possa ter acesso a informações sobre o “ser sepultador”: como é o seu trabalho, de que forma o executam e todas as vivências experienciadas por eles em sua rotina de trabalho, além de trazer a luz da sociedade a que condições de trabalho eles estão expostos durante a sua atividade e quais possíveis impactos poderiam causar a sua saúde física e mental. Desse modo, podendo contribuir para uma maior visibilidade desta categoria de trabalho, através de toda a informação que foi exposta e discutida, possibilitando que a sociedade possa conhecê-los e entender sua importância e para que, possivelmente, todo o estigma e preconceito

que circunda esta profissão possam ser derrubados.

Objetivamos com essa pesquisa não apenas encontrar possíveis causadores de sofrimento aos sepultadores, mas, procuramos durante todo esse processo acadêmico de escrita da dissertação conhecer, entender, divulgar e proporcionar visibilidade a atividades destes profissionais que a sociedade esquece por medo do fator morte, por acharem um trabalho sujo e repugnante, e por não atribuir importância ao seu fazer. Esse preconceito sustenta-se pela total falta de conhecimento sobre o que é ser sepultador. Independente das formas e meios que esse preconceito se instaurou procurou-se desvelar esse mundo vivo dos sepultadores para que a sociedade possa olhar para eles e conseguir visualizar o profissional digno de ser valorizado.

Destacamos que não existe trabalho mais digno e importante, todos possuem sua relevância na sociedade que vivemos e todos devem ser lembrados, valorizados e reconhecidos. Pontuamos a contribuição desse estudo para com o mestrado em Psicologia da Saúde, devido a sua característica de buscar respostas para os problemas sociais da região. Através desta pesquisa apresentamos a vivência de trabalho dos sepultadores com suas nuances positivas e negativas para que políticas, individuais ou coletivas, surjam com o intuito de proteção à saúde dos profissionais sepultadores. No que se refere à linha de pesquisa, saúde, trabalho e subjetividade, destacamos que a contribuição deste trabalho traz uma riqueza relevante porque existe uma escassez de trabalhos voltados a trabalhadores invisibilizados como os sepultadores. Estudarmos seu trabalho, os fatores relacionais a sua saúde e toda a subjetividade relacionada à sua atividade possibilita um ganho impar para este campo de pesquisa tão rico em pesquisas voltadas ao trabalho, mas que ainda deixa a desejar com pesquisas que tragam à baila profissões esquecidas tanto pelas pessoas de um modo geral como pela academia e pela ciência. Por fim, espero que através da contribuição que esta pesquisa possibilita, tantas outras possam surgir com o objetivo de enriquecer o campo da Saúde do Trabalhador devolvendo a sociedade todo o investimento que faz para que a academia possa mostrar a realidade da nossa região.

REFERÊNCIAS

- Álvaro, J. L., Garrido, A., & Torregrossa, J. R. (2007). *Psicologia social aplicada*. Madrid: McGraw Hill/Interamericana de España.
- Antloga, C. S., Mendes, A. M., & Maia, M. (2012). Pleasure and suffering at work: case study with employees at the administrative section of a construction material company in DF. *International Journal of Applied Psychology*, 2(5), 110-118.
- Ariès, P. (2003). *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Ashforth, BE, & Kreiner, GE (2014). Contextualizando o trabalho sujo: o papel negligenciado do contexto cultural, histórico e demográfico. *Journal of Management & Organization*, 20 (4), 423-440.
- Ashforth, Blake, E. e Glen Kreiner. 1999. “How Can You Go It?": Dirty Work and the Challenge of Constructing a Positive Identity”. *Academy of Management Review* 24 (3): 413
- Athayde, M., & Brito, J. (2009). Vida, saúde e trabalho: Dialogando sobre qualidade de vida no trabalho em um cenário de precarização. *Trabalho, educação e saúde*, 7(3), 587-597.
- Bardin, L. (1988). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes
- Bardin, L.(2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bendassolli, P. F., & Soboll, L. A. P. (2011). Clínicas do trabalho: filiações, premissas e desafios. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 14(1), 59-72.
- Blanch, J. M. (2003). Condiciones de Trabajo. In J. M. Blanch, M. J. Espuny, C. Gala, & A. Martín (Orgs.). *Teoría de las relaciones laborales. Fundamentos* (pp. 42-44). Barcelona: Editorial UOC.
- Brasil. Ministério da Saúde. Manejo de corpos no contexto do novo Coronavírus / COVID-19. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: Acesso em: 10/01/2020.
- Brito J. C. Trabalho prescrito. In: PEREIRA, I. B.; LIMA, J. C. F. (Org). *Dicionário da educação profissional em saúde*. 2. ed. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.
- Castro-Silva, L. M. D. (2006). Casos de afastamento por ler/dort e retorno ao trabalho bancário: uma análise psicodinâmica.
- Cativo, C. K. V. (2015). Trabalho e morte: estudo sobre as condições de vida e saúde dos coveiros do município de Parintins.

- Clot, Y. (2008). La recherche fondamentale de terrain: une troisième voie. *Education permanente*, (177), pp-67.
- Costa, F. B. D. (2008). *Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Couto, H. D. A. (1995). Ergonomia aplicada ao trabalho: o manual técnico da máquina humana. *Belo Horizonte: Ergo*, 1, 353.
- Daniellou, F. (2004). L'ergonomie dans la conduite de projets de conception de systèmes de travail. *Ergonomie*, 359-373.
- Dejours C. Subjetividade, trabalho e ação. *Produção* 2004; 14(3):27-34.
- Dejours, C. (1980). Subjetividade, trabalho e ação. Prod.[online]. 2004, vol. 14, n. 3. ISSN, 5411, 27-34.
- Dejours, C. (1993). *Coopération et construction de l'identité en situation de travail*.
- Dejours, C. (1997). *Fator Humano*, O. FGV Editora.
- Dejours, C. (2007). Chapter Four. Subjectivity, Work, And Action. In *Recognition, work, politics* (pp. 71-87). Brill.
- Dejours, C. (2011). A resistência. Em Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Lancman, S. & Sznelwar, L. I. (Orgs.). Brasília: Paralelo 15.
- Dejours, C. (2012). Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. *Psicologia em Estudo*, 17(3), 363-371.
- Dejours, C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.
- Dejours, C. Psicopatologia do trabalho - psicodinâmica do trabalho. Laboreal, Porto, v. 7, n. 1, p. 13-16, 2011.
- Dejours, C., & Abdoucheli, E. (1990). Itinéraire théorique en psychopathologie du travail. *Revue prevenir*, 20(1), 21-38.
- Dejours, C., & Abdoucheli, E. (1994). Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 119-145.
- Dejours, C., & Bègue, F. (2010). Suicídio e trabalho: o que fazer. *Brasília: Paralelo*, 15, 128.

- Dejours, C., Dessors, D., & Desriaux, F. (1993). Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Revista de Administração de empresas*, 33(3), 98-104.
- Duraffourg, J. (1998). Um robô, o trabalho e os queijos: Algumas reflexões sobre o ponto de vista do trabalho. Em Dieese, *Emprego e Desenvolvimento Tecnológico: Brasil e contexto internacional*.
- Elias, N. (1994). O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Ferreira, J. B. O poder constituinte do trabalho vivo: análise psicodinâmica da criação literária. 2011, 203 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho, Universidade de Brasília, 2011.
- Ferreira, M. C., & Mendes, A. M. (2001). " Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor": atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 6(1), 93-104.
- Fraga, B. M. O. (2015). Realidade laboral: a invisibilidade do trabalho nos cemitérios.
- Guérin, F., Kerguelen, A., & Laville, A. (2001). *Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia*. Editora Blucher.
- Guérin, F., Laville, A., Daniellou, F., Duraffourg, J., & Kerguelen, A. (2005). Effort, tâche et activité L'ergonomie de l'activité¹ est marquée de la distinction fondatrice entre travail réel et travail prescrit², qui se décline au double niveau de la tâche et de l'activité. Les tâches sont des objectifs à atteindre, dans des conditions déterminées. L'exécution stricte des tâches n'existe pas; en effet, une partie des. *communities*, 353-357.
- Hughes, E. Work and the Self. In J. H. Rohrer & M. Sherif (Eds.), *Social psychology at the crossroads* (p. 313-323). New York: Harper, 1951.
- Huizinga, J. (2010). O outono da Idade Média. São Paulo: Cosac-Naif.
- Mendes, A. M. (2004). Cultura organizacional e prazer-sofrimento no trabalho: uma abordagem psicodinâmica. *Cultura e saúde nas organizações. Porto Alegre: Artmed*, 1, 59-76.
- Mendes, A. M. (2007). *Psicodinâmica Do Trabalho: Teoria, Método E*. Casa do Psicólogo.
- Mendes, A. M.; Ferreira, M. C. Inventário sobre trabalho e riscos de adoecimento - ITRA: instrumento auxiliar de diagnóstico de indicadores críticos no trabalho. In: MENDES, A. M. (Org). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

- Muchinsky, P. M. (1994). *Psicologia aplicada al trabajo: Una introducción a la psicología industrial y organizacional* (O. Maiz & M. L. Lupardo, Trads.). Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer. (Obra original publicada em 1993).
- Nascimento, F. L. (2020). Cemitério x novo Coronavírus: impactos da COVID-19 na saúde pública e coletiva dos mortos e dos vivos. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 2(4), 01-09.
- Pierantoni, C. R., & Varella, T. C. (2002). Classificação Brasileira de Ocupações 2002 perspectivas para análise do mercado de trabalho em Saúde com o foco na Enfermagem. *Formação (Brasília)*, 55-68.
- Prieto, C. (1994). *Trabajadores y condiciones de trabajo*. Madrid: Hoac.
- Ramos, J., Peiró, J. M., & Ripoll, P. (2002). Condiciones de trabajo y clima organizacional. In J. M. Peiró, & F. Prieto (Org.), *Tratado de psicología del trabajo: la actividad laboral en su contexto* (pp. 37-92). Madrid: Síntesis Psicología.
- Ramos, J., Peiró, J. M., & Ripoll, P. (2002). Condiciones de trabajo y clima laboral. In J. M. Peiró & F. Prieto, F. (Orgs.), *Tratado de psicología del trabajo* (Vol. 1, pp. 37-91). Madrid: Síntesis Psicología.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2003). Travail et ergologie. *Entretiens sur l'activité humaine*, 185-200.
- Seligmann-Silva, E. (2011). Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo. In *Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo* (pp. 622-622).
- Silveira, A. L. D., & Merlo, Á. R. C. (2014). O medo: expressão de um coletivo de trabalhadores. *Fractal: Revista de Psicologia*, 26(2), 349-364.
- Souza, K. C. C. D., & Boemer, M. R. (1998). O significado do trabalho em funerárias sob a perspectiva do trabalhador. *Saúde e Sociedade*, 7, 27-52.
- Tavares, Maria Augusta. Trabalho informal: os fios (in)visíveis da produção capitalista. Revista OUTUBRO, São Paulo: Instituto de Estudos Socialistas, n. 7, 2002.
- Wisner, A. Trabalho e Fundacentro (1994).
- Zanelli, J. C., Bastos, A. V. B., & Rodrigues, A. C. A. (2014). Campo profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. In J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade & A. V. B. Bastos (Orgs.), *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil* (pp. 549-582). Porto Alegre: Artmed.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO

Identificação Pessoal e Profissional

1.1 – Sexo

F M

1.2 – Idade: _____

1.3 Estado Civil:

Solteiro (a)

Casado (a)

União Estável

Divorciado (a)

Viúvo (a)

Outro: _____

1.4 Filhos:

NÃO SIM QUANTOS? _____

1.5 Renda Mensal Líquida: _____

1.6 Nível de escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Fundamental completo

Ensino Médio completo

Ensino Superior incompleto

Ensino Superior completo

Pós-graduação completa

Pós-graduação incompleta

1.7 Forma de ingresso: _____

1.8 Função desempenhada: _____

1.9 Meu vínculo é ...

Vínculo permanente (concurado (a))

Contrato com tempo determinado/trabalho temporário

Contrato direto com a prefeitura

Contrato através de empresa terceirizada

1.10 Horário da jornada de trabalho atual: _____

1.11 Possui outro vínculo empregatício?

NÃO SIM QUAL? _____

1.12 Carga horária de trabalho: _____

1.13 Há quanto tempo trabalha como sepultador (a): _____

II – Condições e Características do Trabalho

Ambiente e Condições Físicas

Ambiente Físico

2.1 - No meu trabalho estou exposto a...

- Ruído constante ou incômodo
- Vibrações (oscilações ou tremores no corpo, ou nos membros)
- Radiações (material radioativo, RX)
- Calor intenso
- Frio intenso
- Poeiras e gases

Exigências Físicas

2.2 - O meu trabalho exige do meu corpo...

- Carregamento de pesos excessivos
- Gestos repetitivos
- Posturas penosas (posições do corpo dolorosas, difíceis, desconfortáveis)
- Permanecer muito tempo de pé na mesma posição
- Permanecer muito tempo de pé com deslocamento (arrastar, puxar, empurrar, andar, etc)
- Permanecer muito tempo sentado
- Permanecer muito tempo no mesmo local

Instalações

2.3 - No meu trabalho tenho...

- Vestiários e banheiros suficientes e/ou adequados
- Espaços adequados para pausas, lanches ou repousos
- Lugar adequado para armazenamento dos equipamentos e ferramentas
- Equipamentos e ferramentas adequados

Fatores Organizacionais e Relacionais

Ritmo de Trabalho

2.4 - No meu trabalho estou exposto a situações de...

- Ter que depender do trabalho de colegas
- Ter que atuar a partir da demanda/necessidade dos clientes ou usuários
- Prazos rígidos a cumprir (controle da qualidade, tempos curtos impostos, horários fixos, horários rígidos)

- Ter que fazer várias coisas ao mesmo tempo
- Frequentes interrupções
- Ter que me apressar
- Ter que resolver situações ou problemas imprevistos sem ajuda
- Não poder desviar o olhar do trabalho
- Ter que suprimir ou encurtar uma refeição, ou nem realizar a pausa por causa do trabalho
- Ter que ultrapassar o horário normal de trabalho

Relações no Trabalho

2.5 - No meu trabalho é...

- A minha opinião é considerada, para o funcionamento do serviço
- Possível expressar-me à vontade
- Possível que a equipe discuta sobre o trabalho regularmente
- Possível que a equipe discuta sobre o trabalho informalmente
- Frequente a necessidade de ajuda entre os colegas

2.6 - No meu trabalho estou exposto ao risco de...

- Discriminação relacionada ao meu trabalho
- Agressão verbal
- Agressão física
- Assédio sexual
- Intimidação (ameaçar, assustar, provocar medo)
- Discriminação sexual

- Discriminação ligada à idade
- Discriminação relacionada à nacionalidade ou raça
- Discriminação relacionada a uma deficiência física ou mental

2.7 - Na maior parte das vezes esses contatos com o público são...

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Bons	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gratificantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desgastantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desagradáveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2.8- Neste contato é necessário...

ane	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Lidar com a indiferença do público	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lidar com situações de tensão nas relações com o público	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Suportar o sentimento de perda do público	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Envolver-me					

emocionalmente com o público	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Modificar ou adaptar o modo de trabalhar para atender as necessidades do público	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2.9 Apresentou problema de saúde nos últimos tempos?

NÃO SIM QUAL?

2.10 A doença foi diagnosticada pelo médico?

NÃO SIM

2.11 Seguiu o tratamento prescrito?

NÃO SIM

2.12 Encontra-se ainda com algum sinal clínico da doença?

NÃO SIM QUAL?

2.13 Atualmente faz uso de algum medicamento?

NÃO SIM QUAL E QUAL A FINALIDADE?

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1- O que é ser sepultador(a)?
- 2- Poderia descrever um pouco desse dia a dia do seu trabalho? Se alguém precisar lhe substituir, o que exatamente essa pessoa deveria fazer desde a hora de entrada até a hora de saída do trabalho?
- 3- Você costuma fazer pausas no seu trabalho?
- 4- Quais os problemas mais frequentes que você enfrenta durante o seu trabalho?
- 5- Quais os riscos que você está exposto em seu ambiente de trabalho?
- 6- Você acredita que o seu ambiente de trabalho possa trazer algum risco ou causar algum tipo de adoecimento?
- 7- Algo no seu trabalho lhe causa algum sofrimento?
- 8- Você identifica comportamentos e expressões preconceituosas da sociedade por você ser sepultador(a)?
- 9- Você considera o seu trabalho importante para a sociedade?
- 10- De que forma o preconceito que você sente em seu trabalho afeta a sua vida?
- 11- Se você pudesse escolher, escolheria outra profissão para trabalhar?
- 12- Como você se sente tendo que vivenciar o luto quase que diariamente de tantas famílias?
- 13- Você já teve algum comprometimento psicológico relacionado de alguma forma com o seu trabalho?
- 14- Você se sente realizado(a) profissionalmente?
- 15- O que mais lhe dá prazer em seu trabalho? Qual momento de seu trabalho que mais lhe proporciona satisfação profissional?

16- Você se sente reconhecido(a) pelo seu trabalho? Já recebeu algum tipo de reconhecimento pelo seu trabalho? Se sim, de quem? Colegas? Gerência? Clientes?

ANEXOS

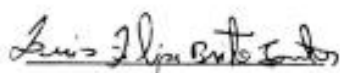
DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM PROJETO DE PESQUISA

DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM PROJETO DE
PESQUISA

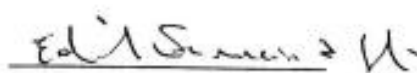
Título da Pesquisa: O TRABALHO VIVO: ATIVIDADE DOS COVEIROS DOS CEMITÉRIOS PÚBLICOS.

Eu, **EDIL FERREIRA DA SILVA**, Professor Doutor Associado A Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde, da UEPB, portador (a) do RG: 524.353, declaro que estou ciente do referido Projeto de Pesquisa e comprometo-me em acompanhar seu desenvolvimento no sentido de que se possam cumprir integralmente as diretrizes da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

CAMPINA GRANDE, 4 DE 12/2019



Pesquisador Responsável



Orientador

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL EM CUMPRIR OS
TERMOS DA RESOLUÇÃO 466/12 DOCNS/MS

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL EM CUMPRIR
OS TERMOS DA RESOLUÇÃO 466/12 DO CNS/MS

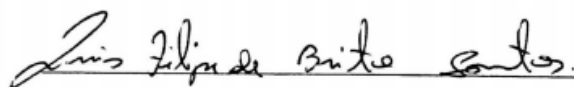
**Pesquisa: O TRABALHO VIVO: ATIVIDADE DOS COVEIROS DOS CEMITÉRIOS
PÚBLICOS.**

Eu, **Luís Filipe de Brito Santos**, mestrando do Curso de Psicologia da saúde da Universidade Estadual da Paraíba, portador (a) do RG: 3.652.876 e CPF: 009.296.474-59 comprometo-me em cumprir integralmente as diretrizes da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida resolução.

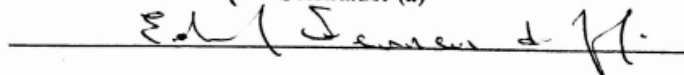
Por ser verdade, assino o presente compromisso.

Campina Grande, 04/06/2019



Assinatura do (a) Pesquisador responsável

Orientador (a)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa “**O TRABALHO VIVO: ATIVIDADE DOS SEPULTADORES DOS CEMITÉRIOS PÚBLICOS**”. Declaro ser esclarecida e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho “**O TRABALHO VIVO: ATIVIDADE DOS SEPULTADORES DOS CEMITÉRIOS PÚBLICOS**”, analisar a situação de trabalho dos sepultadores e sua relação com o processo saúde-doença. Considerando os objetivos específicos que dizem:

- Identificar as condições de trabalho dos sepultadores;
- Analisar como se efetiva a organização do trabalho dos sepultadores;
- Traçar o perfil dos sepultadores dos cemitérios de Campina Grande.
- Verificar como a atividade de sepultadores repercute sobre a saúde mental.

A (o) participante caberá à autorização para participar de uma entrevista e responder a um questionário, assumindo o caráter de análise discursivo que lhe podem gerar alguns riscos como o cansaço em relação ao questionário, a entrevista e pesquisa, além de trazer à tona questões emocionais relacionadas às vivências subjetivas do trabalho. A fim de minimizar os riscos, gerar segurança e conforto, O pesquisador irá desenvolver a entrevista nos cemitérios públicos da cidade de Campina Grande ou em local sugerido pelo participante, sendo este um local seguro, reservado e sem a presença de terceiros durante o procedimento da coleta de dados.

As entrevistas serão gravadas após o consentimento do (a) voluntário (a);

O (a) participante terá garantia de indenização se ocorrer algum dano não previsível decorrente da pesquisa;

O (a) participante terá garantia de que caso haja encargos financeiros ficarão sob responsabilidade do pesquisador;

O (a) participante terá garantia de ressarcimento caso tenha algum prejuízo financeiro durante a pesquisa;

O (a) participante poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo;

Durante o desenvolvimento da pesquisa o participante terá assistência e será acompanhado pelo pesquisador responsável, que lhe prestará toda a assistência necessária caso tenha alguma dúvida sobre os procedimentos ou sobre a pesquisa. Podendo entrar em contato com o pesquisador a qualquer momento.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número **(83) 99999-7774** com **Luís Filipe de Brito Santos**, ou ter suas dúvidas esclarecidas e liberdade de conversar com os pesquisadores a qualquer momento do estudo. Se houver dúvidas em relação aos aspectos éticos ou denúncias o Sr.º poderá consultar o CEP-UEPB – Endereço: Rua Baraúnas, 351 – Campus Universitário, Bodocongó prédio administrativo da reitoria, 2º andar – sala 229, cep: 58429-500. Telefone: (83) 3315-3373 E-mail: cep@uepb.edu.br.

A participação se dará de forma voluntária e não remunerada;

A participação desta pesquisa se dará por meio de preenchimento de um questionário sócio laboral, entrevistas individuais e em grupos.

A garantia de desistência de participar do estudo não irá acarretar nenhuma punição;

As informações coletadas serão utilizadas apenas para pesquisa e poderão ser divulgadas em eventos e publicações científicas;

Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial;

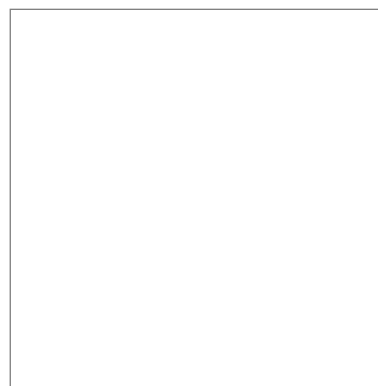
Desta forma, uma vez lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa

(OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja possível a coleta da assinatura do participante da pesquisa).



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, _____, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada “**O TRABALHO VIVO: ATIVIDADE DOS SEPULTADORES DOS CEMITÉRIOS PÚBLICOS**” poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estarem ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, os pesquisadores Edil Ferreira da Silva e Luís Filipe de Brito Santos a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.
5. **Os dados coletados serão guardados por cinco (5) anos, sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) coordenador (a) da pesquisa (nome completo do pesquisador responsável), e após esse período, serão destruídos e,**
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento

e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande, ____/____/____.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



Secretaria de Serviços Urbanos e Meio Ambiente – SESUMA
Rua: Deputado Álvaro Gaudêncio, 246 - Centro

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Estamos cientes da intenção da realização do projeto intitulado "O trabalho vivo: atividade dos cozeiros dos cemitérios públicos" desenvolvido pelo aluno Luis Filipe de Brito Santos do Curso de mestrado em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do professor Edil Ferreira da Silva.

Campina Grande – PB
Maio/2019

Secretário (a) SESUMA